

RILEY LONDON

INTO THE
LIGHT

ANGEL ACADEMY

YEAR FOUR

A PARANORMAL ACADEMY REVERSE HAREM ROMANCE

Havoc Keepers & Hundredress Universe



TRADUÇÃO: ANGEL

REVISÃO INICIAL: DEABENIE

REVISÃO FINAL: ISABELA HAVOC K.

LEITURA FINAL: AYL A HAVOC K.

FORMATAÇÃO: ANGEL



AVISO

LIVRO TRADUZIDO E DISPONIBILIZADO GRATUITAMENTE, VISANDO DAR ACESSO AO LEITOR À LIVROS SEM PREVISÃO DE LANÇAMENTO NO BRASIL.

INCENTIVAMOS QUE O LEITOR PRESTIGIE O AUTOR ADQUIRINDO O LIVRO.

NÃO MENCIONE EM QUALQUER REDE SOCIAL (FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, ETC.), SITES, BLOGS OU FÓRUNS DE AUTORES, EDITORAS, BLOGS/SITES LITERÁRIOS, QUE LEU O LIVRO EM PORTUGUÊS E/OU PDF/EPUB/MOBI.

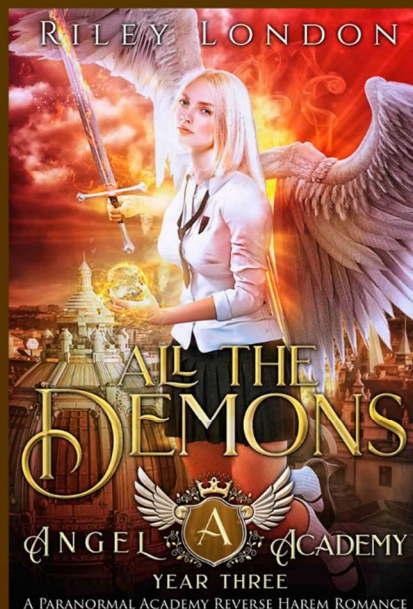
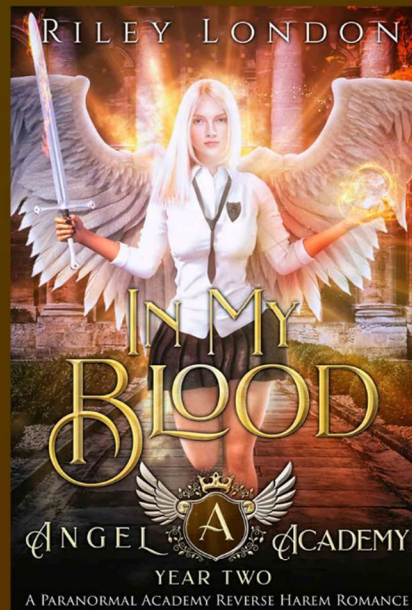
NÃO DISTRIBUA NOSSAS TRADUÇÕES EM QUALQUER REDE SOCIAL (FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, ETC.), SITES, BLOGS OU FÓRUNS. A DISTRIBUIÇÃO DE NOSSAS TRADUÇÕES É EXCLUSIVA DOS GD'S.

PRESERVE OS GT'S. SEJA CONSCIENTE.

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO? LEIA NO IDIOMA ORIGINAL!

ANGEL ACADEMY

ORDEM DE LEITURA



RILEY
LONDON

ANGEL
ACADEMY



Lutar contra demônios. Apaixonar-se. Salvar o mundo.

Bem-vindo à Academia dos Anjos - quarto ano.

Meu nome é Celeste Venoix e cabe a mim salvar o mundo.

Passei os últimos três anos na Academia dos Anjos, aprendendo como lutar minhas próprias batalhas e enviar espíritos demoníacos de volta aos poços de fogo de Hades.

E como tenho passado mais tempo com minha irmã-anteriormente-bruxa-malvada, ela me ensinou como lançar feitiços e misturar algumas poções também.

Embora, eu esteja começando a me perguntar se ela ainda é um pouco má. Ela não para de me perguntar sobre a espada de Michael, uma arma forte o suficiente para derrubar o próprio céu.

INTO THE
LIGHT

Por que ela precisaria de uma espada assim?

Também tenho tentado voltar às boas graças de um dos caras que eu amo, enquanto outro mal fala comigo.

Fantástico.

Mas quando a guerra entre o Céu e o ígneo submundo Demoníaco estourou, percebi que precisarei ser o mais forte que já fui. Preciso de todos os meus caras para reforço. E para meu coração estar em paz, aconteça o que acontecer.

Como vou convencer os amores da minha vida a me dar outra chance? E o que vai acontecer se não pudermos nos reunir a tempo de salvar as almas de todos?

Eu sei que não posso fazer isso sozinha.

Só espero que sobrevivamos ao nosso último ano.

RILEY
LONDON

ANGEL
ACADEMY

“Aut cum scuto aut in scuto.”
(Ou com o escudo ou no escudo)

INTO THE
LIGHT



— Cuidado com o joelho — instruiu Trinity. — Você tende a dobrar para a frente para se equilibrar quando está balançando a espada.

Ela sorriu maliciosamente. — Seria um excelente lugar para ser esfaqueado pelo seu oponente.

Trinity e eu estávamos no centro do inferno, nossos pés firmemente plantados em um dos vários lagos.

Decidimos treinar antes do jantar, querendo ter certeza de que estávamos ambas à altura quando chegasse a hora da batalha entre o Céu e o Inferno.

Era uma batalha que eu temia desde que Abaddon a declarou meses atrás. E não era como se eu tivesse escolha quando chegasse a qual lado eu estaria lutando por ambos, com minha

lealdade já pertencendo ao Inferno, gostasse ou não.

Eu era filha de Lúcifer e Lilith. Ir contra o céu estava no meu sangue.

— Sim? O seu rosto também — respondi, colocando minha espada no braço de Trinity, cortando uma linha em sua pele.

— Estou falando sério. — Trinity mal reagiu ao ferimento. Ela se afastou de mim. — Aqui. Veja isto.

Em segundos, Trinity pegou uma de suas estrelas jogando da bainha e a esfaqueou no meu joelho. Gritei de dor quando caí de costas, trazendo o joelho até o peito.

Eu arranquei a estrela do meu joelho, deixando-a cair no lago ao meu lado. Deitando minha perna contra o fluxo de água, eu queria que ela me curasse o mais rápido possível. Desde que eu estive nas profundezas do inferno com minha família, eu estava aprendendo dicas e truques sobre como lutar como um demônio.

Um dos mais úteis foi o fato de que eu seria capaz de me curar em qualquer um dos lagos do inferno, desde que eu chegasse lá rápido o suficiente.

Era meio engraçado ter que aprender a lutar *como* um demônio, já que eu havia passado tanto tempo na Academia de Anjos aprendendo a *lutar contra* demônios em primeiro lugar. E honestamente, estava ficando meio difícil acompanhar todas as informações conflitantes.

— Nunca vire as costas para o seu oponente. — Trinity suspirou. — Nem mesmo seu próprio sangue.

— Eu estava apenas... — Eu tentei explicar, segurando meu joelho rapidamente curando debaixo da água, mas descobri que havia perdido a capacidade de falar.

Trinity havia cortado minha garganta. Novamente.

Droga.

Meu sangue escorria em riachos pela minha pele, misturando-se com a água do lago abaixo de nós dois. Eu

engasguei quando o sangue encheu minha garganta também, criando a sensação mais terrível que eu já senti. Eu tinha aprendido que não havia nada como se afogar até a morte. Era uma das piores maneiras de morrer.

Lá estava eu de novo, morrendo pela centésima vez. Minhas brigas com Trinity sempre foram até a morte, o que fazia sentido. Ela queria que eu aprendesse a lutar como se minha vida dependesse disso, porque, na superfície, os anjos com quem eu lutaria não me mostrariam nenhuma piedade.

No entanto, hoje eu não seria a única irmã que conheceu sua morte no fundo deste lago infernal. Usei a pouca força que me restava no corpo para mergulhar a lâmina da minha espada no abdômen de Trinity. Seus gritos soaram quando ela caiu de joelhos, minha espada ainda alojada em seu estômago.

Eu não podia dizer nada a ela, já que minhas cordas vocais estavam cortadas, mas ofereci a ela um sorriso com o último pedaço de minha energia. Ela retornou minha expressão, deixando escapar uma risada fraca.

— Vejo você do outro lado, irmã — disse Trinity, antes que seus olhos escurecessem e ela caísse de lado.

Vejo você do outro lado.

Eu pensei a frase para mim mesma, sentindo como se estivesse morrendo de novo, a vida deixando meu corpo enquanto a água curativa fluía em minhas veias.



— Mais uma vez. — Trinity foi restaurada à vida e ficou ao meu lado com suas estrelas jogando entre os dedos. — Vamos. Devemos ter mais alguns minutos para tentar novamente.

— Você realmente quer morrer mais de uma vez no mesmo dia? — Eu

respondi, encontrando meu pé no lago mais uma vez. — Ou você é super arrogante?

— Confiança. Não é arrogância. Há uma diferença. — Trinity sorriu. — Agora, levante sua arma para que possamos...

— Hora do jantar! — Charlie chamou, de repente aparecendo ao lado do lago. — Oh espere. Ugh. Vocês duas estão fazendo aquela coisa em que ficam por aí se matando o dia todo?

— Isso se chama treinamento, Charlie. — Eu sorri para ele. — E sim. Estamos fazendo isso de novo.

— Eu odeio ver você morrer, Celeste. — Charlie gemeu. — Podemos colocar um ponto nisso para que possamos comer alguma coisa com sua família?

— Certo. — Eu assenti, caminhando pelas águas. — Trinity, você vem?

— Claro — respondeu Trinity, andando perto de mim. — Eu não perderia um jantar em família para o mundo.

— Hm. Não posso dizer se você está sendo sarcástica ou não. — Charlie riu. — Mas, de qualquer maneira, acho que este será realmente bom. Seus pais me deixaram cozinhar desta vez.

— O que há no menu, Charlie? — Eu perguntei.

— Macarrão vegano com queijo e bife vegano.

— O que é bife vegano? — Trinity parecia verdadeiramente confusa, a testa franzida em consternação. — Isso não vai contra o próprio espírito que você defende?

— Não. É imitação de carne, você verá. — Charlie balançou a cabeça. — É muito bom, pessoal. Prometo.

— Nós seremos o juiz disso... — As palavras de Trinity se interromperam, quando ela se separou de Charlie e de mim e caminhou em outra direção. — De qualquer forma, eu vou encontrar vocês dois na mesa de jantar. Tenho alguns negócios para resolver de antemão.

— Que negócio?

— Negócios — Trinity repetiu minha frase, uma vantagem definitiva em sua voz. — Eu prometo que chegarei a tempo de provar sua comida, Charlie.

— É melhor você chegar. — Charlie riu novamente, sorrindo para Trinity. — Até mais, Trin.

— O mesmo para você — respondeu Trinity, desaparecendo por um dos muitos becos escuros do inferno, mais um caminho que eu não reconheci de memória.

Eu nunca tinha tido tempo para explorar o lugar sozinha, apenas seguindo as rotas com as quais eu já estava familiarizada. Eu não queria acabar perdida em algum lugar, ou pior, estar recebendo um tipo de tortura demoníaca.

Embora Trinity tivesse tentado me garantir que os príncipes do inferno não se importavam mais com minha afiliação anterior com os anjos, ou com a traição inicial de minha família ter filhos, eu não queria desperdiçar minha

sorte naquele departamento. Ou descobrir da maneira mais difícil.

— Trin? — Voltei minha atenção para Charlie.

— Sim?

— Você deu a ela um apelido agora?

— Eu sorri.

— Bem, sim. — Charlie sorriu de volta. — Isso é um problema? Ela parece legal. Bem, hoje em dia, pelo menos.

— Não. Eu só acho fofo — respondi enquanto estendi um dedo para traçar levemente o braço dele. — Eu nunca imaginei algo assim.

— Como sua irmã ter um apelido?

— Como ter uma irmã, como ter um cara que conheceu minha família, como até mesmo conhecer minha família. — Eu ri. — É tão... Saudável. Eu não sei. Eu nunca imaginei que tudo parecia tão normal, pois estamos literalmente saindo no inferno.

— Eh. Normal o suficiente. — Charlie suspirou e deu um pequeno encolher de ombros — Ainda não

estamos esperando o fim de o mundo começar? A menos que Abaddon tenha mudado de ideia sobre a coisa toda da *guerra*?

— Eu não tenho ideia — eu admiti. — Acho que não está acontecendo nada com isso, nem aqui embaixo, nem lá em cima. É estranho, não é? Você pensaria que, depois do jeito que Abaddon esteve falando, ele já estaria tentando atacar ou...

Fiz uma pausa, quando a realização me atingiu.

— Ou? Ou o que? — Charlie perguntou. — O que você ia dizer?

— Ele está esperando alguma coisa.

— O que?

— Abaddon. Ele está esperando alguma coisa — falei mais rápido quando a emoção e a apreensão se apoderaram da realização do amanhecer. — Não sei o quê, mas não há outra explicação para o motivo de ele ainda não ter tentado tomar a superfície.

— Mas o que há para esperar?

— Eu não sei. — Eu balancei minha cabeça. — Eu não faço ideia. Mas aposto que tem algo a ver com a maneira como Trinity simplesmente fugiu assim.

— Sim, ela e Abaddon parecem bem próximos... — Charlie inclinou a cabeça para o lado. — Você acha...Quero dizer... É possível que eles...

— Trabalhando juntos para planejar o fim do mundo?

— Oh. Isso também. Mas eu ia perguntar se você acha que eles estão namorando?

— Eu acho que minha irmã está namorando a personificação real de um pecado?

— Sim. Você?

— Não.

— Por que não?

— Porque Trinity não namora. — Eu sorri. — Mas você sabe, se ela namoraria alguém, provavelmente seria alguém como Abaddon. Eu acho que ele é mais do tipo dela.

— Engraçado. Você pensou que *eu* era mais do tipo dela, não faz muito tempo...

— Deus. Eu esqueci-me completamente disso. — Suspirei. — Muita merda aconteceu conosco, Charlie. Tudo está começando a se tornar um borrão.

— Sim, mas tudo isso está no passado de qualquer maneira. Então não se preocupe demais, ok? Temos o suficiente no nosso prato aqui e agora. — Charlie gentilmente me agarrou pela mão, colocando minha palma na dele. — Contanto que você não esqueça quem você é Celeste, isso é tudo o que importa para mim.

Meu coração se aqueceu com sua doce sugestão, mesmo sabendo que toda a esperança já estava perdida nessa frente. Eu não tinha mais a menor ideia de quem eu era, se eu ainda queria ser um anjo ou se eu apenas iria me apoiar na energia demoníaca que tão facilmente fluía através de mim.

E mesmo que eu decidisse lutar pelos anjos, tomar um lado diferente nesta guerra, não era como se os anjos quisessem que eu lutasse por eles de qualquer maneira. Eles tentaram me matar. Como eles poderiam confiar que eu os perdoei depois de algo assim?

Talvez eu não os tivesse perdoado. Talvez eu ainda estivesse tendo pesadelos por estar amarrada àquela estaca, a maneira como Zachary se afastou de mim pela última vez, a maneira como os raios caíram ao meu redor, a maneira como os juízes silenciosamente observavam e esperavam que eu morresse.

Havia outras lembranças também, que se desenrolavam como um curta-metragem atrás dos meus olhos, mesmo quando eu não estava dormindo. Memórias de como Benjamin tinha me jogado para os lobos, me dando ao Conselho como se eu nunca tivesse significado nada para ele. Vendo a expressão fria no rosto de Benjamin, a maneira como seus olhos estavam

desprovidos de toda simpatia, todo o amor que ele uma vez tinha por mim, era uma imagem assustadora que eu lutava para esquecer.

Enquanto esses pensamentos invadem incansavelmente minha mente, a frieza de Benjamin e a deserção de Zachary, eu não pude deixar de ficar quieta enquanto Charlie e eu voltávamos para a casa dos meus pais.

Com tanto brilho em meu cérebro ao mesmo tempo, eu não conseguia pensar em mais nada para dizer.



— Abaddon? — Fiquei chocada ao vê-lo em frente à porta dos meus pais. — O que o traz à nossa pequena parte do inferno?

— Nós precisamos conversar. — Abaddon olhou para Charlie com desdém. — Você pode entrar.

— Ah, mas eu estava indo para...

— Você pode entrar Charlie — repetiu Abaddon, sua voz rouca. — Ou você prefere que eu instrua Ashmedai a mantê-lo com uma trela mais apertada?

— Entendi. Falo com você mais tarde, Celeste. — Charlie fez uma careta, antes de passar por Abaddon e entrar na casa dos meus pais.

A maneira como Abaddon falou com Charlie estava começando a me

irritar. Fiz uma anotação mental para lidar com isso na hora certa.

— Sobre o que você precisava falar comigo?

— Ande comigo, *regina lux*. — Abaddon sorriu e a visão foi um pouco perturbadora. — Assim como a primeira vez que nos encontramos cara a cara. Você se lembra?

— Como eu poderia esquecer? — Eu fingi um sorriso em troca, começando a me afastar da porta da minha família.

— Sobre o que você precisava falar comigo, Abaddon? — Repeti a pergunta com uma voz fria e plana.

Não queria passar mais tempo com Abaddon do que o estritamente necessário.

Abaddon estava ao meu lado, seus passos acompanhando os meus. — Sua irmã trouxe algo à minha atenção.

— O que?

— Você a matou hoje.

— Eu já a matei antes. — Dei de ombros. — Não é como se fosse nossa primeira vez treinando juntos no lago

— Sim, mas você nunca usou o último de sua energia para fazer isso.
— Abaddon sorriu novamente. — Havia algo cruel em sua espada hoje, em seu coração. E é o sinal que estamos esperando.

— Esperando por?

— É hora de enviar você de volta à superfície — explicou Abaddon. — Trinity acha que você está pronta agora com todo o seu treinamento, e estou inclinado a acreditar nela.

— Sim? E o que exatamente Trinity acha que vou fazer na superfície? — Eu perguntei. — Meu disfarce foi destruído, Abaddon. Todo mundo sabe quem eu sou agora. Se eu tentar voltar para a academia, eles vão me trancar ou tentar me matar de novo. Qual o sentido?

— Trinity me diz que ela pode cuidar dessa parte.

— Qual parte? A parte em que todo mundo quer me matar?

— Sim. — Abaddon assentiu. — Pelo menos por um tempo.

— Ela vai me dar uma nova cara ou algo assim?

— Não. Ela vai fazê-los esquecer.

— Fazer eles esquecerem? — Um toque de esperança percorre minha pele. — Quanto?

— Apenas o suficiente para reunir informações suficientes e recuperar sua espada. — A voz da minha irmã interrompeu a conversa quando Trinity se aproximou de nós, caminhando até Abaddon. — Eu nunca tentei algo assim antes, mas estou confiante em minha mágica. Não vai durar para sempre, mas deve reorganizar o que eles sabem como realidade, tirando você de seus corações.

— Fora do coração deles?

— Sim — disse Trinity. — Celeste, eles não conseguiram se lembrar de você ou do amor deles por você, ou então isso não vai funcionar. Eles precisam olhar para você e sentir... Nada. — Como olhar para uma foto em branco.

— Isso vai lhe dar uma vantagem, Celeste — Abaddon tentou me garantir. — Você não quer que eles se lembrem de você, nem mesmo dos anjos em que confiou. Agora que eles esperam guerra, eles se voltam contra você, pelo bem de seu precioso céu.

— Nunca confie em um anjo — Trinity concordou com Abaddon. — É a maneira mais rápida de atingir o seu fim.

— Então, você só quer que eu volte à superfície para pegar minha espada? — Eu perguntei. — E então, é isso?

— Quero que você volte para a superfície para ficar e esperar pelo resto das minhas ordens — continuou Abaddon. — Mas sim, também precisaremos recuperar sua espada, caso contrário não teremos chance contra os poderes do próprio céu.

— Ok, então eu devo pegar minha espada e depois... Sair em algum lugar? O que? Sozinha?

— Não se preocupe, irmã. Estarei com você a cada passo do

caminho. Trinity sorriu. — Eu nunca deixaria você fazer algo assim sozinha.

— E eu suspeito que você precisará da magia de Trinity, em algum lugar ao longo do caminho — disse Abaddon. — Será mais seguro para vocês duas permanecerem juntas, pelo menos até que a guerra seja vencida.

Mais seguro para nós duas?

Ou apenas mais seguro para Trinity?

A sugestão de Charlie sobre Abaddon e minha irmã ser um item passou pela minha cabeça novamente, enquanto eu olhava para eles de cima a baixo.

— Bem. Quando é que vamos viajar nessa superfície, afinal?

— Agora mesmo. — Trinity, de brincadeira, me cutucou no ombro. — Nós deveríamos estar saindo no próximo minuto ou dois.

— Mas e o jantar? — Fiquei chocada com a linha do tempo de Trinity para nossa partida de superfície. — E

Charlie? Não posso simplesmente deixá-lo para trás...

— Você terá o resto da eternidade para jantar com nossos pais, assim como o resto da eternidade para passar com seu Charlie. — Trinity suspirou. — Você não entende, Celeste? Se vencermos esta guerra, vencemos tudo. Mas se perdermos... Não sobrará ninguém para quem voltarmos para casa.

Merda.

Ela estava certa. Pela maneira como o Conselho foi tão rápido em tentar acabar com a minha vida, eu sabia que, se o Céu chegasse à mão na guerra, eles seriam tão rápidos quanto acabar com a vida de minha mãe, a vida de meu pai. e a vida de Charlie também.

Eles nos varriam da face do maldito planeta, se puderem. E o pensamento me irritou tanto que eu teria jurado que havia raiva nos meus ossos.

— OK. Vamos lá.



— Eu não sei se posso fazer isso, Trinity. — Eu olhei para o prédio principal da academia, enquanto o medo se agitava profundamente no meu estômago e ondas de emoção rolavam sobre mim.

Uma coisa era concordar com o plano de volta ao inferno, quando eu ainda era o que parecia a um milhão de quilômetros da academia, de Benjamin e Zachary. Mas parada na frente de suas portas, eu simplesmente não conseguia me convencer a entrar.

In absentia lucis, Tenebrae vincunt.

Eu li a frase gravada nas portas da academia várias vezes. Quão ignorante eu estava quando cheguei aqui, precisando de Benjamin traduzir a frase apenas para que eu pudesse entendê-la.

Na ausência de luz, a escuridão prevalece.

— Você ficará bem. Eu prometo.
— Trinity colocou a mão no meu ombro. — Eu posso dizer que minha mágica está funcionando por dentro. Eu posso sentir através do próprio edifício.

Ela me virou em sua direção, enquanto seu olhar olhava o meu. - Mas você precisa ter cuidado Celeste. Se minha mágica vacilar por um momento, se você for vista como realmente é, precisará ter um plano de fuga. Você entende? Sempre, sempre, sempre tem uma saída em todas as situações. Mesmo que seja com sua espada atravessando o peito de um anjo.

— Trinity, eu simplesmente não sei se posso...

— Você é *Deus*. Quem é como Deus?
— Trinity sussurrou a frase, quando ela abaixou a cabeça perto da minha. — Só você, irmã. Só você.

— Só eu... — Eu balancei a cabeça, mesmo que eu nunca tivesse concordado com essa avaliação. Eu

aprendi há muito tempo na academia que não havia ninguém como Deus, uma lição que Michael tentou ensinar aos Príncipes do Inferno ligando-os às suas estações abaixo, e uma lição que meu próprio pai aprendeu quando ele se rebelou contra os exércitos do céu.

E agora, parecia que era minha vez de aprender a mesma lição, de ser colocada em meu lugar pelos anjos, de ter meu destino recitado de volta a uma sala de aula nos próximos anos e anos.

Eu me senti condenada, mas ainda dei a Trinity minha melhor tentativa de sorrir enquanto me afastava dela. — Vejo você do outro lado, Trinity.

— Vejo você do outro lado — concordou Trinity, antes de se afastar dos degraus da academia, atravessar a quadra e seguir para apenas Deus sabe onde.



Eu esgueirei-me pelos corredores, observando multidões de estudantes angelicais indo e saindo de suas aulas, saindo da sala de treinamento com expressões animadas nos rostos, com uma energia inegável e alegre permeando o ar. Fiquei confusa com a alegria deles, sabendo muito bem que estávamos no meio de uma próxima batalha pela superfície, pelo céu também.

Mas foi então que lembrei que eles estavam sob o feitiço de Trinity, fascinados por terem esquecido a realidade de sua situação, não mais conectados ao perigo ou medo. De repente, uma parte de mim sentiu que Trinity lhes dera uma pequena bênção.

Eu teria feito qualquer coisa para esquecer por um momento o que realmente estava acontecendo fora dos muros da academia, apenas um momento de felicidade induzida pela ignorância que me permitiu sentar na primeira fila da aula do Sr. Toorin e fingir como se a linhagem bíblica estava na vanguarda da minha mente.

— Quem é Você? — Micah ficou na minha frente, sorrindo. — Acho que nunca vi você por aqui antes. Você é novo ou algo assim?

Inclinei-me contra a parede, com os braços cruzados sobre o peito, encobrindo o logotipo da academia na frente. Trinity conseguiu conjurar meu antigo uniforme, mas usá-lo me deixou tão desconfortável agora. Simplesmente não parecia mais pertencer a mim, como se eu estivesse tentando me safar usando as roupas de outra pessoa.

Porra.

A academia inteira não parecia mais pertencer a mim, como se eu não tivesse nenhum negócio dentro dela. E mesmo

que a energia angelical dentro do prédio me chamasse, rastejando por minhas veias, brilhando pouco a pouco em meu coração, eu não queria me apegar muito a nada disso.

Porque a academia não era minha casa. Não mais.

Depois que eu conseguia o que procurava, tentaria queimar tudo o que me importava todo mundo com quem me importava, em uma pilha de cinzas aos meus pés.

— Sim. Sou nova por aqui — menti, falando com Micah. — Gostaria de me mostrar por aí?

— Oh, eu adoraria. — As palavras de Micah saíram sugestivamente, enquanto ele pressionava uma mão ao lado do espaço ao lado da minha cabeça. — Mas... Esse não é realmente o meu departamento. Mas que tal isso? Vou levá-la ao escritório do diretor e, depois disso, posso lhe mostrar o resto do campus? Se ele nos der a aprovação?

O escritório do diretor?

— Escritório do diretor? — Eu repeti meus pensamentos em voz alta. — Desculpe. Eu pensei que a academia tinha um reitor ou algo assim.

— Eu não tenho ideia do que você está falando, nova garota. — Micah sorriu. — Sempre tivemos um vereador. Pelo menos, desde que eu entrei aqui.

— Então, o nome Deveraux não significa nada para você? — Eu sabia que não deveria estar tentando esquivar sua memória, mas queria saber onde estava a linha, quanto da realidade dos anjos que Trinity havia tirado.

— Parece um lugar muito legal na... França? — Micah adivinhou. — Desculpe. Eu deveria saber o que essa palavra significa?

Sra. Deveraux.

Meu coração afundou com a ideia de ela ser esquecida também. É claro que fazia sentido que Trinity os limpasse das memórias dos anjos, mas sabendo o que ela havia sacrificado em meu nome, em nome da academia, parecia

tão errado tê-la tão facilmente apagada de seu lugar na história dos anjos.

Eu me perguntei se alguma vez a veria novamente, se o Conselho decidira seu destino da mesma maneira que eles decidiram o meu. E essa mesma raiva voltou, enchendo meu peito. Pensei no Conselho que amarrava a Sra. Deveraux também em uma estaca e depois observava silenciosamente como um dos anjos mais corajosos que já conheci morrer quando um raio atingisse sua pele.

— Oh. Não. Não se preocupe Micah. Na verdade, acho que estava confundindo minhas informações com outra academia de qualquer maneira. — Eu balancei minha cabeça, suprimindo a raiva que ameaçava derramar dos meus lábios. — Importa-se de me mostrar no escritório do vereador então?

— Como você sabe meu nome?
— Micah levantou uma sobrancelha, enquanto olhava para mim.

Merda.

Merda. Merda. Merda.

Eu sorri largamente, enquanto minha mente corria desesperadamente para encontrar algo para dizer que seria o suficiente para ter salvado minha bunda no momento.

— Eu ouvi você dizer. Eu sou apenas muito bom com vozes — lutei para impedir que meus nervos aparecessem na minha voz. — Para não ser um idiota, mas eu estava passando pela aula do Sr. Toorin mais cedo. Eu não entrei embora. Realmente não posso ter aulas, não até que eu esteja matriculado.

— Ah. Sim, isso faz sentido. — Micah riu. — Ele sempre nos faz anunciar a nós mesmos, mesmo que ele deva saber nossos nomes agora. Falando em nomes, qual é o seu? Se você não se importa que eu saiba.

— Celeste. — Estendi minha mão para Micah apertar. — Celeste Venoix.

— É um prazer conhecê-la, Celeste Venoix. — Micah sorriu, antes que ele

levasse minha mão aos lábios, pressionando um beijo suave na minha pele. Ele então soltou minha mão, quando seus olhos foram para meus ombros. Ele passou a encará-los também, sem falar outra palavra.

— O que? O que é isso? — Eu finalmente quebrei o silêncio, curiosa para saber o que havia atraído sua atenção.

Havia uma mancha no meu uniforme ou algo assim?

— Nada. Eu só... — Micah fez uma pausa, antes de continuar. — Havia uma garota que costumava vir aqui. Esqueci o nome dela. Eu acho que ela se transferiu para outra academia, talvez no primeiro ano. Mas... Eu juro por Deus, ela usava essa jaqueta de couro naquela época, o tempo todo... E eu não sei. Desculpe. Não sei por que estava pensando nela.

— Vocês dois estavam perto?

— Não. Na verdade, não. — Micah suspirou. — Mas eu sempre achei que ela era linda. Mas nunca fiz nada.

— Por que não?

— Porque Zachary teria chutado minha bunda. — Micah riu. — Ele era obcecado por ela, mesmo que ele gostasse de fingir que não era. Eu podia ver nos olhos dele. Nunca o vi olhar para uma garota assim antes. Também o não vi desde ela.

Zachary.

Cheguei muito perto de desmoronar, apenas com a menção do nome dele. Eu funguei silenciosamente, antes de olhar para Micah. — Nós provavelmente devemos ir ao escritório do diretor, certo?

— Oh. Certo. Sim. — Micah assentiu rapidamente, andando na minha frente. — Por aqui, Celeste Venoix.



O escritório do diretor.

Eu estava tão gelada quanto uma estátua, sentada na minha cadeira em

frente à mesa de Benjamin. Eu sabia que pertencia a Benjamin, porque o nome dele estava estampado em uma placa de ouro que ficava em cima do mogno.

O próprio Benjamin ainda não estava presente, aparentemente executando uma tarefa em nome da academia.

Eu tinha os detalhes preenchidos para mim por um estudante com olhos brilhantes e cabelos castanhos, na recepção. Ela parecia boa o suficiente, mas eu podia dizer que havia uma ponta em sua voz, como se ela estivesse defendendo alguma coisa, embora eu não conseguisse descobrir o que era.

Quando a porta do escritório de Benjamin se abriu, uma parte de mim queria gritar. Eu queria correr de cabeça para fora da janela mais próxima, dependendo das minhas asas, para me levar para o voo, muito, muito longe dessa situação horrível.

Eu não via Benjamin desde que Charlie havia matado seu pai. Eu não

via Benjamin desde que ele me culpou por tudo de errado em sua vida, desde que ele me disse que deveria ter me deixado onde me encontrou na rua.

Eu não via Benjamin desde que ele me deu as costas e tudo o que tínhamos juntado.

E eu não tinha certeza se conseguiria vê-lo novamente tão cedo.

Ou nunca mais.

— Posso te ajudar? — A voz de Benjamin era leve enquanto ele caminhava para sua mesa. — Oh. Bem, você é uma cara nova, não é?

Eu balancei a cabeça sem dizer uma palavra. Parecia que minha garganta estava cheia de cimento, e como se o mesmo cimento tivesse sido usado para prender minhas pernas no chão também.

Porra.

Ele ainda era tão bonito quanto no primeiro dia em que nos conhecemos. Memórias de Benjamin dentro de mim, olhando através da luneta no nosso primeiro encontro,

mergulhando entre as minhas pernas, entrando na sala de treinamento apenas para me beijar entre as aulas e dizendo que me amava tudo começou a dançar na minha mente. O desempenho das corridas tornou impossível se concentrar na tarefa em questão.

Eu o amava.

Eu *ainda* o amava.

Mesmo que ele não quisesse mais nada comigo.

— Você se transferiu para cá de uma academia diferente?

— Sim. — Eu finalmente consegui encontrar minha voz. — Sim. Hum, da francesa.

—Nome?

— Celeste Venoix.

Benjamin assentiu, puxando um arquivo da gaveta da mesa. Ele olhou por alguns segundos, antes de olhar de volta para mim. — Ah sim. Celeste Venoix. Olha Você aqui.

Ele me ofereceu um sorriso enquanto falava. — *Je suis heureux de vous rencontrer.*¹

— Eu não sabia que você falava francês — respondi minha voz vacilante. Havia lágrimas crescendo atrás dos meus olhos, enquanto eu tentava não pensar em como estar perto dele novamente fazia meu coração disparar atrás do peito. Ou como doía.

Eu senti tanto a falta dele.

— Você já ouviu rumores sobre mim? — Benjamin sorriu de novo. — Há muitas coisas que podem ser conhecidas sobre mim, Sra. Venoix, mas nunca se diga que eu não sou culto.

— Eu... — Uma lágrima deslizou pela minha bochecha, enquanto eu tentava encontrar mais palavras. — Eu...

— Você está bem? Há algo em sua mente, Srta. Venoix? — O rosto de Benjamin enrugou-se de preocupação.

¹ Fico feliz em te conhecer.

— Eu apenas... Passei por muito para chegar aqui...

Minhas palavras foram interrompidas pela entrada do aluno na recepção. Ela segurava um recipiente de isopor e havia um sorriso largo no rosto. A jovem deu um passo em direção a Benjamin, enquanto lhe entregava a caixa branca.

— Entrega especial para você, Sr. Nash. — Ela sorriu largamente para ele.

— O que é desta vez? — Benjamin retornou sua expressão.

— Frango com alho e mel com arroz de jasmim ao lado. — Ela riu. — Quantas vezes você vai comer o mesmo almoço, Benjamin? Você nunca se cansa disso?

— Talvez em mais uma semana ou duas. — Benjamin sorriu. — Na verdade, verifique comigo novamente no próximo mês.

— Bem, eu não posso ficar chateada por você ser o tipo de homem que gosta de se comprometer. — A aluna suspirou antes de estender a mão de

brincadeira. — E ainda assim, meus dedos ainda estão frios e nus...

— No devido tempo, Sierra. No tempo devido. — Benjamin pegou a mão dela, antes de dar um beijo em sua pele. — Apenas dê mais um ano. Depois de me formar na academia, podemos começar a procurar locais.

— E quanto a Versalhes? — Sierra tinha uma nota melancólica em sua voz. — Ouvi dizer que é absolutamente adorável no verão, e meu pai poderia conseguir uma reserva para o estado. Ele conhece pessoas no quadro. Ooh, e o Vaticano?

— Você acha que eles vão nos deixar casar no Vaticano?

— Claro. Meu pai conhece o papa.

— Seu pai parece estar se afogando positivamente nas conexões — respondeu Benjamin, com a sugestão de uma piada alinhando seu tom.

— É o que diz um Nash. — Sierra balançou a cabeça. — Você não tem o direito de acusar meu pai de conhecer muitas pessoas, quando seu pai

conhece alguém e todo mundo que há para saber.

— Seu pai ainda está vivo? — Eu não pude evitar, a revelação enviou uma onda de choque através do meu sistema.

Benjamin parou por um momento, enquanto algo escuro se formava atrás de seus olhos azuis do oceano. Ele olhou para mim, a tempestade desaparecendo de sua expressão. — Claro. A menos que você tenha ouvido algo a caminho do meu escritório?

Merda.

Feitiço da Trinity. Eu me perguntei se o silêncio momentâneo de Benjamin era por causa de suas memórias, suas memórias reais, tentando abrir caminho através da névoa. Eu me perguntava se o relacionamento de Benjamin com Sierra, um anjo que eu tinha visto nas minhas aulas, mas nunca havia falado na minha vida, tinha qualquer base na realidade.

Ele realmente seguiu atrás de mim? Ou Sierra era outra parte da

versão fantástica da academia de Trinity?

E como diabos eu iria chegar ao fundo disso?

— Você tem alguma vaga? Em algum dos dormitórios? — Eu perguntei desesperada para mudar de assunto, não querendo mais pensar em Sierra e Benjamin em pé no altar, recitando seus votos e prometendo um ao outro pelo resto de suas vidas.

Apenas o pensamento me deixou mal do estômago. O pensamento de Benjamin, meu Benjamin, com mais alguém, prometendo a si mesmo a mais alguém...

— Temos uma vaga. — Benjamin olhou para a mesa, os olhos examinando a mesma pasta. — Com Zachary Lancaster.

Que conveniente.

Agradei interiormente a minha irmã por sua magia, feliz por ela pode facilitar as coisas para mim. Se eu acabasse em um quarto com Zach, não

seria muito difícil pegar a espada de Michael e dar o fora daqui.

— Oh, Zachary... — Sierra suspirou. — Querido, ele tem que fazer parte do nosso casamento? Sei que vocês dois são íntimos, mas nunca entendi o interesse.

— Você prefere que eu me case sem a meu melhor amigo lá? — Benjamin perguntou.

— Não. — Sierra colocou a mão no ombro de Benjamin. — Prefiro que você faça um novo melhor amigo. Alguém que pertence ao seu círculo interno. Zachary é gentil, mas ele não passa de um garoto da rua. E você, Benjamin Nash, merece muito melhor.

Que puta.

Eu mantive minhas opiniões para mim, lutando contra todos os desejos de defender o caráter de Zachary contra esse total estranho. Também me irritou que Sierra parecesse pensar que ela era a Pequena Miss Perfeita, embora fosse óbvio para mim que tudo o que ela se

importava era o status de Benjamin como vereador.

Aposto que ela nem sequer teve tempo para realmente conhecê-lo, fascinada demais por seu lugar na sociedade de anjos, preocupada demais em manter as aparências e deixar as outras garotas com ciúmes porque ela tinha Benjamin no braço.

Por que Benjamin alguma vez se apaixonou por alguém como ela?

Deus.

Eu realmente esperava que todo o relacionamento deles fosse apenas um efeito colateral do feitiço de Trinity. Dói-me imaginar que Benjamin estava realmente pensando em se casar com alguém como Sierra, alguém que iria garantir que ele estivesse infeliz enquanto eles estivessem juntos.

Benjamin não merecia isso, mesmo que ele tivesse me jogado fora como o lixo de ontem.

— De qualquer forma, você ficará com Zachary Lancaster. — Benjamin

voltou seu foco para mim. — Quarto 36A. Sierra pode mostrar o caminho.

Sierra me lançou um olhar irritado antes que seu rosto se transformasse em um sorriso doentio e doce. — Certo.



— Eu vi o jeito que você olhou para ele.

Sierra e eu estávamos andando pelo corredor, seu rosto olhando para a frente. Ela nem se preocupou em olhar para mim enquanto falava. Você não é a primeira. E você não será a última. Mas você precisa entender que Benjamin Nash é meu, todo meu. Eu trabalhei demais para que alguém como você aparecesse e tentasse atrapalhar as coisas entre nós.

— Eu acho que você tem a ideia errada — eu menti. — Eu não estou interessada em...

— Oh, por favor, Celeste. Todo mundo está interessado em Benjamin

Nash — ela zombou. — Mas é como eu disse, você está perdendo seu tempo. Ele é fiel, mesmo que hesite em me dar o anel de sua família.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos? — Eu perguntei.

Sierra parou de repente. Eu teria jurado que seus olhos ficaram um tipo nublado de branco, antes que ela finalmente se virasse para mim. — Desde o primeiro ano.

Primeiro ano?

Foi o feitiço.

Graças a Deus, todo o relacionamento deles era apenas mais um produto do feitiço de Trinity. Suspirei em silêncio, feliz por saber que Benjamin não tinha acabado de sair de mim como se eu nunca tivesse significado nada para ele.

Mas isso também significava que Trinity provavelmente colocaria Sierra na falsa realidade de Benjamin, apenas para servir como um impedimento para mim.

Ela provavelmente não queria que eu me distraísse da missão, mas esse navio já havia navegado. Tudo o que eu conseguia pensar era em Benjamin, querendo voltar para o escritório dele e pedir desculpas até ficar de cara azul.

Eu só queria que as coisas fossem do jeito que eram. Eu só queria que ficássemos juntos novamente.

— Oh. Boas notícias. Aí está seu colega de quarto. — Sierra franziu a testa, antes de apontar para Zachary com um dedo perfeitamente bem cuidado. — Deus. Ele é tão... De classe baixa.

— Classe baixa? — Eu suspeitava da maneira como ela o descrevia, mas depois que vislumbrei seu estado atual, entendi por que ela havia escolhido a frase.

Zachary estava em pé na frente de uma garota, a costa empurrada contra uma fileira de armários. As mãos dele estavam nos quadris dela e seus peitos estavam se tocando. Zachary parecia

estar explorando a boca dela com a língua.

A garota estremeceu e gemeu, seus quadris balançando vergonhosamente contra Zachary, gentilmente o humilhando para toda a academia ver.

— Quem é aquela? — Eu perguntei, tentando esconder a raiva crescendo na minha voz.

— Quem? Ela? — Sierra franziu a testa novamente. — Joanna Deerborn. Ela é legal o suficiente, mas é tão ruim quanto Zachary quando se trata de brincar de trava-língua no meio do dia. Ei! Aonde você vai?

Sierra me chamou, mas já era tarde demais. Fui à direção de Zachary e Joanna, sentindo que ia explodir no local. Eu nunca tinha ficado tão chateada, vendo Zachary se beijando com outra garota. Como se eu nunca tivesse existido.

E então eu lembrei que não tinha.

Pelo menos, não de uma maneira que teria importado.

Ao me aproximar de Zachary e Joanna, percebi que poderia ter deixado o lado mais sombrio do meu DNA assumir o lado lógico do meu cérebro. Eu decidi que iria me afastar silenciosamente do casal, não querendo chamar a atenção deles com a minha proximidade.

Mas Zachary virou-se para me olhar nos olhos. — Eu posso te ajudar com alguma coisa?

Zachary.

Aqueles olhos verdes. Os mesmos que eu me encontrava perdida de tempos em tempos, enquanto treinávamos, estudávamos e deitávamos na cama.

De repente, perdi a capacidade de falar, incapaz de pensar em algo digno de dizer no momento.

— Aí credo. Não seja tão pervertida — Joanna zombou. — Este não é um show gratuito, esquisita.

— Eu sou sua colega de quarto. — Eu balancei minha cabeça com a minha própria resposta. — Não

é sua colega de quarto. Colega de quarto de Zachary. Eu sou nova aqui.

— Ok...? — Zachary deu de ombros. — Você estava esperando que eu desenrolasse o tapete vermelho para você ou algo assim?

Idiota.

Eu sorri feliz por ver Zachary de volta em sua forma natural, mesmo que não fosse real. — Eu só queria ver se você poderia me apontar na direção certa para o nosso quarto?

— Desculpe. Estou um pouco ocupado demais para isso — respondeu Zachary. — Mas você parece inteligente. Você provavelmente pode descobrir isso.

— Sim, você pode descobrir — Joanna entrou na conversa, antes de rir um pouco alto. — Enfim, Zachy-baby, onde estávamos?

Zachy baby?

Bruto.

Não havia um universo possível em que Zachary se permitisse chamar algo tão degradante, mas não tive tempo de

refletir sobre os pontos mais delicados da magia de Trinity. Quando Zachary e Joanna voltaram a colocar a língua na garganta um do outro, eu me afastei na ponta dos pés deles e segui pelo corredor.

— Ei! Você não precisa que eu lhe mostre algo assim? — Sierra gritou.

— Acho que posso descobrir daqui. Obrigada! — Eu gritei de volta, antes de virar uma esquina afiada, minha mente focada em encontrar a espada.

Eu tinha que sair deste lugar.

Parecia que eu estava em uma daquelas casas malucas da feira estadual, aquelas onde tudo parece errado de propósito, onde os reflexos nos espelhos são sempre perturbadores, mas sempre de uma maneira diferente, a cada vez. Eu não sabia quanto tempo eu seria capaz de ver Benjamin com Sierra ou Zachary com Joanna, e o pensamento estava começando a irritar meus nervos, cada vez mais.

Fechei os punhos, quando o início da fumaça negra começou a emanar entre meus dedos.

Nada disso era real.

Eu não deveria deixar nada disso afetar minhas emoções. Além disso, mesmo que Zachary e Benjamin realmente tivessem seguindo em frente sem mim, isso faria sentido, não faria? Zachary deve ter pensado que eu estava morta, e Benjamin basicamente me disse que eu estava morta para ele, independentemente.

Então, sim, teria feito sentido.

Mas também teria quebrado meu coração.

Eu tive que lutar contra as lágrimas que se aproximavam, enquanto eu empurrava a porta para um lugar familiar. A visão do dormitório que compartilhei com Zachary por três anos seguidos me cumprimentou com suas vistas e aromas familiares.



Cadê? Cadê? Cadê?

Eu praticamente destruí o dormitório, virando cada cama e arrancando as roupas do armário de Zachary. Ele havia escondido a espada de Michael, quando voltou do meu julgamento fatal com o Conselho? E se Zachary esconderia alguma coisa, onde diabos ele teria colocado?

Onde diabos ele teria colocado? Onde diabos ele estaria?

Interrompi meus próprios pensamentos, respirando fundo.

OK.

Eu precisava me acalmar. Eu só precisava pensar. Se eu fosse Zachary Lancaster, onde teria escondido uma espada que tivesse o poder de acabar com o mundo ou salvá-la?

Bem, ele teria que ficar em um lugar onde seria difícil para os demônios chegarem lá, certo? Então, ainda tinha que estar em algum lugar da academia. Passei a mão pelos cabelos, fechando os olhos, tentando entrar na cabeça de Zachary.

Onde diabos ele teria colocado? Onde diabos ele estaria?

— Que porra você pensa que está fazendo? — A voz de Zachary era baixa, quando ele entrou no dormitório. — O que diabos você fez no meu quarto?

Eu me virei para ele, uma expressão vazia no meu rosto.

— Eu não... uh...

— Você tem cinco segundos. Comece afalavrando. — Zachary puxou a espada da bainha, enquanto dirigia a ponta da lâmina diretamente no centro do meu peito. — Agora.

Merda.

Tentando inventar uma desculpa, minha voz tremia. — Zachary, por favor. Eu estava apenas... Hum... Limpando...

Ele pressionou a espada ainda mais na minha pele, seus olhos ardendo enquanto ele fazia. — Não minta pra mim. Que porra você estava fazendo? E da próxima vez que você não me contar a verdade, essa espada atravessará você.

— Zachary, por favor...

— Acabou o tempo. — A espada de Zachary afundou ainda mais minha pele, mas agarrei sua lâmina com as mãos. O aço cortou minhas mãos e eu estremeci de dor, mas eu ainda segui meu plano.

— *Auxilium*. — Eu assisti, enquanto manchas de ouro enchiam minhas mãos e também derramavam sobre a lâmina da espada de Zachary.

Seus olhos se arregalaram, olhando para mim. — O que...Como... como você...?

— *Sana eam*. — Orei pela cura, as feridas em minhas mãos pareciam quase demais para suportar. E então larguei a arma de Zachary, deixando-a cair em direção ao corpo dele.

— Você não acreditaria em mim se eu te contasse. — Eu ri, e saí pequeno e triste. — Por favor, Zach. Eu só preciso da sua ajuda.

— Ajuda com o que? — Ele parecia tão confuso. — Nós nem nos conhecemos. Como eu poderia ajudar você?

— Nós nos conhecemos... — Eu dei alguns passos em sua direção, minhas mãos ligeiramente estendidas. — Nós nos conhecemos, Zach. Você simplesmente não se lembra.

— Acho que me lembraria de conhecer uma garota que tinha mãos douradas — respondeu Zachary. — Eu juro que, se nós tivéssemos conhecido antes, nunca seria capaz de esquecer você.

— Eu acho que você está certo — eu sussurrei, colocando minhas mãos em cada lado do rosto de Zachary. — Eu acho que você nunca seria capaz de me esquecer, da mesma maneira que eu nunca seria capaz de te esquecer.

— Ouça, eu não tenho idéia do que diabos você está falando...

— A última vez que nos vimos, você pensou que eu ia morrer. — Eu mantive minha voz baixa, enquanto olhava para ele. — Eu estava em uma estaca, Zach. E você me disse que não podia fazer isso, que não podia ficar lá e me ver morrer...

— O que...

— Porque você teve que assistir seus pais morrerem também, e você não podia suportar ver alguém que você ama morrer — eu continuei, com medo de parar.

— E eu sei que você deve ter se sentido uma merda depois de me deixar lá em cima, mas eu só queria que você soubesse Zach, que eu te perdoo...

— Perdoe-me pelo que...

— E eu te amo.— Eu balancei a cabeça, quando uma lágrima escorreu pela minha bochecha. — Eu te amo. E eu sempre vou te amar, mesmo que você nunca se lembre, mesmo que você

nunca se perdoe. Eu te amo, Zachary Lancaster, mais e mais a cada dia.

Algo cintilou atrás dos olhos de Zachary, antes que ele sacudisse a cabeça de repente. — Celeste?

— Zach? — Eu perguntei, sem saber se eu realmente o recuperei ou não. — Zach? Você se lembra de mim agora?

— Celeste... — Zachary repetiu meu nome novamente, antes de se abaixar mais perto do meu rosto e me beijar tanto que eu não conseguia respirar.

Meu corpo imediatamente respondeu a ele, meu clitóris latejando entre minhas pernas e meus mamilos ficando tão sensíveis e duros.

Oh Meu. Deus.

Eu não esperava que isso acontecesse, mas de certa forma, fazia sentido.

Enquanto a energia angelical fluía entre nós, enquanto faíscas familiares acendiam minhas pontas dos dedos, eu percebi que não estava com ninguém com sangue de anjo em território angelical há muito tempo. Mesmo que

eu estivesse com Charlie, todo o nosso contato físico estava no inferno, e me perguntei se era por isso que minha capacidade de chamar a luz em minhas veias não era tão potente.

E honestamente, parecia que meu corpo estava desejando algo assim, algo puro o tempo todo.

Eu gemi contra o beijo de Zachary, passando meus braços em volta de seus ombros, não querendo que ele nunca me deixasse ir. Ele respondeu empurrando suavemente os dedos por baixo do meu uniforme, não parando até que suas mãos chegassem ao meu sutiã. Ele gentilmente segurou meus seios através do tecido, passando os polegares pelos meus mamilos doloridos.

— Zach...Zach... — Eu gemia, minha respiração pegando no meu peito.

— Shh — Zachary instruiu, antes de suas mãos deslizarem para a parte de trás do meu sutiã e habilmente o soltar. — Ninguém pode te

ouvir. Ninguém pode saber que você está de volta ao campus, ok? Se não.

Ou então eles me matariam.

Merda.

Que porra eu estava fazendo, então? Eu precisava pegar a espada de Michael e voltar para Trinity o mais rápido possível.

E, no entanto, parecia que eu não conseguia me afastar nem um centímetro de Zachary, e parecia que ele estava sentindo o mesmo por mim também. Uma vez que meu sutiã caiu no chão, ele lentamente me empurrou para o chão. Ele apressadamente desabotoou minha blusa por inteiro, meu peito nu revelado a ele.

E então, sua boca estava em mim. Ele chupou e lambeu meu peito, alternando entre tomar um mamilo entre os lábios e depois o outro, enquanto eu me contorcía contra o chão do dormitório. Parecia que minha pele ganhou vida sob seu toque especialista. Eventualmente, quando ele lambeu um dos meus mamilos pela

enésima vez, me saboreando, a mão de Zachary deslizou entre minhas coxas, separando facilmente minhas pernas.

Enquanto eu segurava um gemido profundo, ele deslizou um dedo por baixo do tecido da minha calcinha, movendo seu dígito ao redor do meu clitóris sensível. Ele silenciosamente mergulhou o mesmo dedo dentro de mim também, mas não profundo o suficiente para sentir penetração. E quando ele afastou a mão das minhas coxas, um sorriso enorme apareceu em seu rosto.

— Eu realmente te deixei tão molhada, hein? Apenas beijando você? — Ele riu. — Você deve estar bem reprimida pelo meu pau então.

— Cale a boca — eu rosnei um rubor aprofundando a cor das minhas bochechas. Eu sempre odiei dar a Zachary a satisfação quando ele estava certo, e desta vez não foi diferente, apesar de ter certeza de que estava tão excitada que deixaria uma poça no meio do chão.

— Relaxe. Vou lhe dar exatamente o que você quer. — Ele riu novamente, antes de se mover em direção às minhas coxas. — Eu senti tanto a sua falta, Celeste. Merda. Eu até senti falta do seu gosto.

Antes que eu pudesse dizer outra palavra, o rosto de Zachary estava entre as minhas pernas. Eu o senti mover levemente minha calcinha para o lado, antes que sua língua fizesse contato direto com meu clitóris, deslizando para cima e para baixo na minha pele.

Coloquei a mão sobre a boca, tentando abafar meus próprios gemidos. Zachary continuou a trabalhar sua língua contra mim, traçando um padrão indiscernível com sua boca, a textura de sua língua fazendo meu clitóris palpitar por ele, cada vez mais difícil.

Ele abaixou a cabeça ainda mais, sua língua deslizando entre os lábios da minha buceta, antes de trazer sua boca de volta ao meu clitóris. Eu senti como se fosse morrer, com aquela eletricidade

familiar fluindo entre nós, me fazendo sentir como se estivesse pegando fogo da melhor maneira, me fazendo sentir como se eu fosse explodir por ele a qualquer momento.

Zachary acelerou o passo, movendo-se contra mim ainda mais rápido, me empurrando muito perto da beira. Eu tentei o meu melhor para segurar, tentando não gozar até que eu precisasse, mas perdi completamente o controle das mãos de Zachary agarrando minhas coxas, forçando-as ainda mais quando ele me provou.

Eu gozei contra sua boca, forte, meus quadris visivelmente longe do chão do esforço. Eu tentei recuperar o fôlego, enquanto ondas agradáveis rolavam pela minha pele. Mas eu não tive muito tempo para me recuperar, antes que o pau de Zachary abrisse caminho dentro de mim, me enchendo de uma maneira tão perfeita.

Deus, como eu senti falta dele. Perdi isso. Sentiu nossa falta.

Seus impulsos eram firmes, enquanto ele olhava para o meu rosto. —Porra, Celeste. Sua buceta é tão apertada ao meu redor. Você deve gostar do jeito que eu estou te fodendo.

Porra.

Conversa suja. Era algo tão perfeitamente Zachary, algo que nem Charlie nem Benjamin fizeram muito.

Com os outros caras, era uma coisa pontual, uma ocorrência que acontecia de tempos em tempos, no momento certo. Mas com Zachary, fazia parte de todo o pacote e sempre me deixava fraca dos joelhos. A crueza, o desejo nu, a pura energia masculina e sua vontade de cair e sujar.

Deus sim.

— Sim... — Minha resposta saiu como um gemido. — Sim, eu gosto do jeito que você me fode, Zach. Eu amo o jeito que você me fode.

Zachary sorriu, antes que ele ganhasse velocidade, empurrando em mim ainda mais e mais rápido. Era tão perfeito que eu queria gritar, mas

preferi outro gemido abafado. Enrolei minhas pernas em volta da cintura de Zachary, forçando-o a se aprofundar ainda mais dentro de mim, mantendo seu pau no lugar certo.

— Porra, Celeste! — Zachary gemeu. — Se você não me soltar, eu vou...

— *Bom.* — Eu sorri para ele. — Eu quero que você goze, Zach. Por favor, entre dentro de mim.

— Ah. Bem, desde que você pediu tão gentilmente... — Zachary me empurrou mais algumas vezes, antes que seus quadris parassem com um senso de finalidade.

E eu sorri para ele, quando seu pau se contorceu dentro de mim, deixando-me saber que ele tinha acabado de terminar.

— Eu te amo, Zachary Lancaster. — O sorriso ainda estava no meu rosto, enquanto eu gentilmente corria meus dedos em sua bochecha. — Eu te amo muito, porra.

RILEY
LONDON

ANGEL
ACADEMY

— Eu também te amo, Celeste Venoix. — Zachary sorriu também. — Mais do que você jamais saberá.

INTO THE
LIGHT



— Onde você colocou a espada?
— Eu perguntei, abotoando minha blusa de volta. — Eu não sei quanto tempo temos, antes que você me esqueça novamente.

— Esquecê-la? — Zachary respondeu, olhando-me com força. — Do que você está falando, Celeste?

— Eu não tenho tempo para explicar. — Eu balancei minha cabeça, antes de beijá-lo na bochecha. — Somente. Por favor. Diga-me onde você colocou a espada de Michael.

— É logo ali. — Zachary apontou para uma parede em branco.

E olhei para ele com total confusão. — É invisível ou algo assim?

— Oh. Não. — Zachary riu. — Certo. Desculpe. Eu acho que você não estava aqui para esta parte.

Ele caminhou para o lado esquerdo da sala e abriu um buraco na parede. Um arrepio percorreu minha espinha. Eu tinha esquecido o quão poderoso e quente que esse homem poderia ser. Depois, ele pescou, seu braço se movendo de um lado para o outro.

— Apenas... Me dê um minuto... — Zachary disse, enquanto seu braço se afundava mais na parede. — Eu sei que é por aqui... Em algum lugar - entendi.

Ele puxou o braço para fora da parede, a inclinação da espada de Michael agora segura em suas garras. Ele me entregou com um sorriso, o braço coberto de poeira e detritos da parede. — Esse foi um bom esconderijo, certo? Achei que ninguém pensaria em ficar em um lugar como esse.

— Você está certo. Eu nunca teria pensado em enfiar minha mão na

parede. — Eu sorri. — Obrigada, Zach. Por tudo.

— E agora? Você está indo para salvar o mundo?

— Algo parecido.

Percebi que Zachary e eu estávamos lutando por equipes diferentes, separadas dos dois lados do Céu e do Inferno. E se eu dissesse a ele que usaria a espada para ir contra os anjos, não conseguia imaginar como ele reagiria.

Mas ele tinha que saber que eu não podia mais lutar pelos anjos, não é? Depois do que eles fizeram comigo?

— Zach, preciso lhe contar uma coisa. — Comecei minha confissão, não querendo viver com a enorme culpa que ameaçava se instalar no centro do meu peito. Eu poderia dizer a Zachary, podia confiar nele. Não poderia?

Mas assim que eu disse as palavras, os olhos de Zachary reviraram de repente em sua cabeça e ele caiu no chão abaixo.

— Zach? Zach! — Eu gritei, ajoelhando-me ao lado de seu peito. — Zach, acorde. Você precisa acordar...

— Por quê? Então, você pode estragar todo o plano? — Trinity estava na frente da porta do dormitório.

Porra.

Eu nem a ouvi entrar.

— Vejo que você encontrou a espada. — Ela suspirou, me olhando de cima a baixo. — E vejo que você foi vítima de alguma forma de energia angelical. Você estava rezando?

— Como você pode dizer? — Eu perguntei, quando me levantei.

— É basicamente irradiando sua pele. — Trinity fez uma careta. — Eu juro, é como se suas veias estivessem douradas.

Trinity olhou para mim por um momento, antes de seu rosto se torcer de nojo.

— Oh Deus. Você não estava orando, estava? Você e Zachary estavam... se unindo.

— Isso não é da sua conta.
— Coloquei a espada na bainha vazia ao meu lado. — Podemos ir agora?

— Não. — Trinity levantou a mão, inclinando a cabeça para o lado. — Não, há outra coisa que você precisa fazer.

— O que é?

— Você precisa se *relacionar* com Benjamin também, não é? — Trinity pressionado. — Não é assim que você é capaz de exercer tanto poder de Michael?

— Trinity, eu não posso simplesmente tirar Benjie de qualquer feitiço que você tenha com ele. Não será o mesmo que com Zach.

— Por que não?

— Porque Zach não me odeia — eu admiti. — Ele ainda me amava. Ele ainda me queria. Mas pelo que sei, assim que Benjie perceber que sou eu, ele tentará me matar.

— Bem. Então, pegue isso. — Trinity puxou um pequeno frasco roxo do bolso, entregando-o para mim.

— O que é isso? — Eu perguntei.

— uxúria em uma garrafa. — Trinity deu de ombros. — Considere uma contribuição de Ashmedai para nossa nobre causa.

— Luxúria em uma garrafa? Que diabos? — Olhei por cima do frasco novamente. — O que eu devo fazer com isso?

— Se houver alguma parte de Benjamin Nash que ainda a queira, ela será acordada — explicou Trinity. — E então, você será capaz de usar a maioria de suas habilidades, não é?

— Trinity. Não. — Eu ofereci o frasco de volta para ela. — Não posso fazer isso com Benjamin. Se ele não quer nada comigo...

Havia uma parte de mim que queria estar com Benjamin mais do que qualquer coisa. Mas não assim.

— Celeste isso não é sobre a briga de um pequeno amante. — Trinity levantou levemente a voz. — Trata-se de proteger nossa casa, mesmo que tenhamos que passar por Benjamin

para fazê-lo. Nós vamos fazer isso, não é?

— Trinity...

— Se eu pudesse fazer isso sozinho, faria. Se eu pudesse empunhar a espada de Michael do jeito que você faz, se eu pudesse chamar a luz em minhas veias do jeito que você faz... — As palavras de Trinity sumiram. — Às vezes, há consequências que surgem com um presente como o seu, Celeste, e elas vêm na forma de escolhas difíceis.

Ela suspirou antes de continuar. — Eu entendo por que você está hesitante. Você pensa que está roubando a escolha de Benjamin, mas não está. Você simplesmente o encorajará a se entregar ao que ele mais deseja, a *quem* ele mais deseja. Se o desejo não existir, nada acontecerá. Se ele não escolher ficar com você, nada vai acontecer. E tenho a sensação de que você será a única que ele quer, assim que o conteúdo do frasco cair na ponta da língua.

— Se eu fizer isso, isso significa que terminamos aqui? — Eu sussurrei. — Isso significa que podemos deixar a academia e nunca olhar para trás?

— Isso significa que terminamos aqui, mas você deve sempre olhar para trás, Celeste. — Trinity sorriu. — Você nunca sabe o que está vindo atrás de você.

Os olhos dela voltaram a olhar para a espada de Michael, demorando um segundo a mais. Lembrei que prometi a espada a Trinity, depois que a batalha entre o Céu e o Inferno terminar. Embora eu não conseguisse descobrir por que ela queria a espada de qualquer maneira. Ela alegou que queria isso para uma herança de família fodida, mas algo me disse que ela tinha planos maiores do que isso.

Eu simplesmente não tinha ideia do que eram.

E enquanto eu queria tanto acreditar que minha irmã havia realmente mudado, que ela não estava mais decidida a governar a superfície

lado a lado, não pude deixar de sentir que havia algo escuro escondido à vista de Trinity, e, mais cedo ou mais tarde, eu sabia que pagaria um preço muito alto por ter participado do time dela.

— Bem. Eu vou fazer isso.
— Coloquei o frasco no bolso da blusa, tentando me preparar mentalmente para o que estava prestes a fazer.



— Você vem me ver de novo? Tão cedo? — Benjamin sorriu. — O que a traz ao meu escritório de novo, Srta. Venoix? Zachary deu-lhe algum problema?

Eu estava mais uma vez sentada em frente a Benjamin em sua mesa. No entanto, desta vez, examinei todos os objetos que estavam situados contra o mogno até meus olhos pousarem em uma xícara de café pela metade.

Eu olhei ainda mais perto e pude ver o vapor subindo de sua caneca.

Era uma xícara fresca.

O que significava que Benjamin ainda estava trabalhando nisso.

Perfeito.

Inclinei-me, fingindo que tinha deixado cair alguma coisa no chão, deslizando o frasco da minha blusa para a palma da minha mão. Voltei, com um enorme sorriso falso estampado no meu rosto. — Desculpe. Eu apenas pensei que deixei cair alguma coisa.

— Tudo bem, Srta. Venoix.
— Benjamin assentiu encorajadoramente. — Agora, havia algo que você queria falar comigo?

— Você parece muito jovem para fazer parte do Conselho. — Eu voei, apenas tentando encontrar um tópico de conversa para manter Benjamin ocupado.

— Como isso aconteceu? Se você não se importa de eu perguntar?

— Com todo o respeito, responder a essa pergunta não é algo que requer o uso do meu tempo no escritório.

— Benjamin sorriu. — Embora, eu ficaria feliz em contar a história um dia.

Merda. Ele não estava indo para a isca.

Hora do plano B, seja lá o que for.

Olhei para sua mesa novamente, agora notando que seu telefone não estava em lugar nenhum.

Hmm.

Eu seria capaz de trabalhar com isso. — Você acha que seria possível obter o número de telefone de Zachary? Ele não estava cooperando hoje, mas ainda acho que seria bom saber o número do meu colega de quarto, certo? Ou isso é contra as regras ou algo assim?

— É contra as regras ter o número de telefone do seu colega de quarto? Não. — Benjamin sorriu de novo. — Embora eu recomendo que você não o use com muita frequência. Zachary não gosta de ser perturbado, a menos que seja ...

Benjamin se deteve.

Eu balancei minha cabeça em confusão, esperando por suas próximas palavras. — A menos que seja um? O que?

— Eu ia dizer uma garota bonita. — Benjamin desviou o olhar de mim. — Mas peço desculpas por isso. Sei que é inapropriado comentar sobre a aparência dos alunos que frequentam a academia.

— Espere. Você estava tentando dizer que eu sou uma garota bonita? — Eu sorri

Mas Benjamin não voltou o olhar para o mim. — Novamente, não é da minha conta, Srta. Venoix. No entanto, ainda recuperarei as informações de contato de Zachary Lancaster para você, porque você estava certo. Seria bom você ter o número de telefone dele à mão.

Ele puxou uma gaveta da mesa, parando-se pela segunda vez.

— Pode ser mais fácil para eu obter as informações de outra maneira. — Benjamin disse. — Examinar todos

esses arquivos apenas para informações tão pequenas não parece muito prudente.

— Sim, estou surpresa que você simplesmente não atendeu ao telefone ou algo assim. — Eu fingi uma risada. — Ou a academia tem regras contra ter uma?

— Só porque seguimos a lei, isso não significa que estamos vivendo em um século diferente. — Benjamin sorriu. — Mas deixei meu telefone perto da recepção mais cedo, então se você me der um momento. Volto com as informações que você precisa.

Benjamin saiu da sala, me deixando sozinha com sua xícara de café fresca.

E o frasco de Ashmedai, seguro firme em minhas mãos.

Eu rapidamente joguei o conteúdo do frasco na bebida de Benjamin, sem pensar duas vezes. Eu não tinha muito tempo para ser diplomática, apenas precisando fazer o trabalho e sair do escritório, para sempre.

Além disso, quanto mais eu ficava na academia, pior me sentia. Isso apenas me lembrou o que eu tinha perdido, e todas as coisas que eu nunca voltaria novamente, não importa o quanto eu tentasse.

Não havia mais um universo possível em que minha vida voltasse ao normal, e as coisas iriam muito mais suavemente se eu conseguisse entender isso através do meu cérebro.

Quando Benjamin voltou para o quarto, recostei-me no meu assento, cruzando os braços sobre o peito. Eu queria dar a impressão de total calma, não querendo que ele pensasse que algo estava errado com meu comportamento.

— Aqui está. — Benjamin segurou o telefone na frente do rosto quando ele se aproximou da cadeira do escritório. — Você gostaria de anotá-lo?

— Certo. — Eu assenti.

Benjamin deslizou seu telefone para mim do outro lado da mesa com o número de Zachary iluminando a

tela. Peguei meu próprio telefone também, fingindo digitar o número de Zachary na minha lista de contatos.

Fingi, porque eu já tinha o número de Zachary na minha lista de contatos. Eu também já tinha a de Benjamin e tentei manter minha própria tela longe dos olhos dele, não querendo que ele visse que de alguma forma ele já havia entrado na minha vida, mesmo que ainda não me conhecesse.

— Obrigada por isso. — Empurrei o telefone de volta para ele depois que terminei com a charada. — Acho que será útil.

— Espero que sim. — Benjamin enfiou o telefone no bolso. — Há mais alguma coisa que você precisa de mim, Srta. Venoix?

— Não, eu não acho...

Minhas palavras foram cortadas pelo meu telefone tocando, alto, por toda a sala. Um pouco surpresa, coloquei meu telefone na mesa de Benjamin, lendo o nome na tela.

Charlie?

Eu não sabia que ele era capaz de me ligar do inferno, mas talvez Trinity o tivesse trazido à tona também. No entanto, antes que eu tivesse a chance de atender a ligação de Charlie, meu telefone foi quebrado em pedaços pelo punho de Benjamin caindo com força contra a moldura.

Quando olhei para Benjamin, sua mão estava sangrando e havia um olhar distante em seus olhos. Ele olhou para mim, enquanto balançava a cabeça lentamente para frente e para trás.

— Eu sinto muito. Não sei...Não sei por que fiz isso. — Benjamin disse sem jeito, quando ele trouxe a mão de volta para o lado dele. — Sinto muito, apenas ... Algo sobre esse nome. Eu não...

Algo cintilou por trás dos olhos de Benjamin, da mesma maneira que eu vi algo cintilando por trás de Zachary também, quando ele finalmente se lembrou de quem eu era.

Merda.

Se Benjamin se lembrasse de quem eu realmente era, ele provavelmente me denunciaria ao Conselho assim que pudesse, e eu ficaria totalmente arrasada.

Comecei a mudar para uma posição mais pronta para o ataque, preparando-me para me defender, se absolutamente necessária, mas foi quando notei que a expressão de Benjamin havia se transformado em algo suave e triste.

— Pai... — A voz de Benjamin era baixa. — Meu pai... Ele foi morto. Fora na quadra. Mas não posso... Não lembro quem o matou.

Benjamin descansou os olhos em mim. — Isso não é uma coisa tão terrível? Não me lembro de quem matou meu próprio pai. Não posso fazer nada para consertar as coisas.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você — respondi, tentando o meu melhor para manter minha voz nivelada. — Sinto muito, Benjie.

— Benjie? — Be njamin inclinou a cabeça para o lado. —Ninguém me chama assim, exceto Zach... E Charlie... E...

— Você se lembra de Charlie? — Eu perguntei baixinho.

— Eu não sei de quem você está falando. — Havia um olhar de dor no rosto de Benjamin antes que ele desse de ombros. — Eu sinto muito. Por que você voltou ao meu escritório?

Benjamin pegou sua xícara de café, oferecendo-me outro sorriso. — Minhas sinceras desculpas, realmente. Não achei que fosse tão desmiolado esta manhã, mas Sierra me alertou sobre os perigos de não começar o dia com uma xícara de café...

— Isso é meu.

— O que?

— Essa xícara de café é minha — eu menti, pegando a xícara das mãos de Benjamin. — Você fez isso por mim. Lembra? Eu pedi um copo quando entrei.

Fiquei agradecida pela xícara de Benjamin ser indefinida e branca, com zero característica definidoras. Felizmente, isso significaria que Benjamin acreditaria nas minhas besteiras, já que era uma possibilidade que uma xícara tão básica pudesse pertencer a qualquer pessoa, inclusive a mim.

— Oh. Certo. — Ele suspirou. — Minhas desculpas novamente. Não tenho ideia do que está acontecendo comigo hoje. Sinto como se minha mente estivesse em um milhão de lugares diferentes, e nenhum deles me convidou para ficar...

Ele olhou para sua mão ainda sangrando, antes de olhar também para a minha tela quebrada do telefone.

— Oh Deus. Eu...?

— Você não fez nada de errado — respondi. — Nada disso é culpa sua.

— Nada disso é minha culpa... — As palavras de Benjamin sumiram, antes que seus olhos de repente endurecessem e depois se estreitassem

em minha direção. — Você está certa. Nada disso é *minha* culpa. Porque é sua, Celeste. É todo sua.

Oh

Parecia que ele finalmente se lembrava de mim, afinal.

— Benjie... — eu comecei.

— Não me chame assim. Você não pode me chamar assim. As palavras de Benjamin saíram como veneno. — O que diabos você está fazendo aqui? Que porra você poderia querer? Você não arruinou o suficiente?

— Eu só...

— Você pode me dizer a verdade? Isso é algo de que você é capaz? Benjamin zombou. — Você sempre soube, não é? Você sempre soube quem eram seus pais, mesmo desde o primeiro momento em que te vi. Tudo isso fazia parte do seu plano, Celeste? Para me fazer sentir pena de você? Para que eu trouxesse você para o redil?

— Você sabe que isso não é verdade — respondi. — Benjamin, me desculpe. Eu nunca quis te machucar. Eu nunca pensei que isso levaria a...

— Não me importo com suas desculpas, Celeste. Elas não vão trazê-lo de volta — Benjamin soltou um grunhido de fúria. — Apenas me diga por que diabos você está aqui.

Fiz uma pausa por um momento, enquanto pesava as opções na minha cabeça. Por um lado, se eu dissesse a verdade a Benjamin, havia uma boa chance de ele esquecer tudo nos próximos minutos, aparentemente um efeito colateral do feitiço de Trinity. Por outro lado, eu poderia simplesmente contar a ele uma mentira, pois não conseguia ver os benefícios de ser honesta com um cara que pensava tão pouco de mim em primeiro lugar.

Mas havia algo sobre Benjamin Nash que me fez querer ser uma pessoa melhor, ser um anjo melhor. E quando

me sentei diante dele, ficou cada vez mais difícil manter a verdade para mim.

— Eu vim aqui para fazer você beber isso. — Eu levantei a xícara de café para dar ênfase.

— E o que exatamente é isso?

— É apenas... Algo que iria facilitar as coisas — respondi. — Mais fácil de conseguir o que eu precisava de você.

Eu não tinha vontade de dizer a ele que o frasco veio de Ashmedai, ou de explicar o que exatamente estava nele. Honestamente, eu queria que essa conversa terminasse tão rapidamente quanto começou.

— Mas eu não vou fazer isso — eu disse. — Porque eu acho que nunca poderia fazer algo assim com você, Benjie. Porque eu amo você.

Minhas palavras saíram suaves, quando minhas mãos começaram a tremer com meus nervos. — Eu te amo, Benjamin Nash. E eu nunca quero te machucar. Nunca mais.

Benjamin, sem palavras, olhou para mim, por um momento ou dois, antes

de acenar com a cabeça na direção da bebida na minha mão. — Beba.

— O que?

— Qualquer veneno que você pretendesse para mim. Beba - Benjamin repetiu parte de sua frase anterior.

— Não.

— Eu pensei que você disse que me amava.

— Eu amo você, Benjie — respondi. — Mas eu não vou...

— Isso é o que é o amor. Você não sabia? — Benjamin me interrompeu, no meio da frase. — Beber o veneno para outra pessoa, só para que nunca tenha que prová-lo. Foi o que fiz por você, Celeste. Bebi todos os frascos tóxicos que você trouxe para a minha porta da frente, porque pensei que as coisas seriam melhores para isso. Mas o que isso me trouxe?

Benjamin soltou uma risada ferida, enquanto levava a mão ferida em direção ao peito. Parece que tenho tendência a perder sangue quando

estou perto de você, Celeste Venoix. Seja do meu pai ou do meu.

— Benjamin... — Eu disse o nome dele tão suave que mal o ouvi sair da minha própria boca. — Você nunca vai me perdoar?

— Beba.

— Benjie

—B eba! — A voz de Benjamin aumentou quando ele olhou para mim. — Como você pode dizer que me ama? E como ousa esperar *algo* de mim? Nada mesmo? Quando você acabou de admitir que veio me enganar ainda mais do que você já fez.

— Você vai orar por mim? Se começar a me matar? — Eu perguntei, mesmo sabendo que a poção não era mortal. Eu só queria ver se Benjamin ainda se importava o suficiente comigo, pelo menos para me manter vivo.

— Possivelmente. Possivelmente não. Teremos que esperar e ver — respondeu Benjamin, fazendo uma oração por sua própria mão. — *Sana eam.*

Eu assisti como a pele dele costurou-se novamente. Fechei os olhos antes de beber a xícara inteira de café de uma só vez.

Coloquei o copo em cima da mesa de Benjamin, dando-lhe um olhar sério. — Sinto muito, Benjie, por tudo...

— Pare de se desculpar. — Suas palavras saíram como um rosnado. — Suas palavras são quase tão inúteis quanto você.

— Você não quis dizer isso. — Lágrimas começaram a se acumular atrás dos meus olhos. — Como você pôde falar comigo assim, Benjie? Depois de tudo o que tivemos...

E foi quando eu senti, bem na boca do meu estômago. A sensação era tão ruim que eu nem conseguia falar, que respirar parecia uma tarefa impossível.

Também não era um *desejo*. Foi uma necessidade. A umidade crescente entre minhas pernas já ameaçava encharcar minha calcinha e deixar uma mancha no assento em que eu estava. Minhas bochechas corando em um

vermelho profundo, enquanto meus mamilos endureciam contra minha blusa.

Abri minhas coxas, na frente de Benjamin, movendo minha mão em direção ao meu clitóris. Esfreguei-me, sentindo-me completamente fora de controle do meu corpo, apenas precisando obter alguma sensação de alívio. Eu deslizei uma mão pela minha blusa também, enquanto beliscava suavemente um mamilo entre os dedos, estimulando o bumbum ao mesmo tempo em que pressionava círculos rápidos em meu clitóris.

Não demorou muito para eu gozar, meu corpo contra o meu próprio toque. Quando finalmente senti que podia respirar, olhei para Benjamin, tentando o meu melhor para esconder o quão envergonhada eu estava com a coisa toda. — Eu sinto muito. Deve ter sido o que havia naquele café.

— Venha aqui. Fique de joelhos — Benjamin instruiu, e uma onda de prazer rolou pelo meu corpo.

Ele nunca tinha sido assim comigo antes. Eu nem hesitei por um minuto.

Mesmo sabendo que ele estava sendo tão assertivo porque estava tão chateado comigo, não podia negar que ver Benjamin assim estivesse me excitando ainda mais.

Ou talvez fosse apenas a poção de Ashmedai.

Fiz o que me disse, andando atrás da mesa de Benjamin, ajoelhando-me na frente dele. Ele deslizou o cinto para longe das calças, puxando-as completamente para baixo, sua boxer incluída no movimento. Ele já estava duro, e a mesma umidade que eu senti antes estava agora pingando lentamente pela minha coxa.

Eu o queria.

Eu precisava dele.

Eu ia morrer se Benjamin Nash não me fodesse, e estranhamente parecia que isso era verdade. Eu me perguntava se esse era o objetivo da poção de Ashmedai, fazer com que os desejos de alguém se sentissem como se fossem

uma situação de vida ou morte. Também percebi que Trinity estava certa sobre o que havia no frasco.

Não senti que minha escolha no assunto tivesse sido afetada e minha mente estava completamente limpa de qualquer névoa ou névoa. Mesmo se eu tivesse tomado a poção em particular, o resultado teria sido o mesmo.

Eu ainda queria Benjamin Nash, não importa o quê.

Sem perder mais um segundo, peguei o pau de Benjamin com minha boca, deixando seu eixo deslizar entre os meus lábios. Ele ainda tinha um gosto incrível, seu pré-sêmen era um gosto um pouco mais doce do que qualquer outra pessoa com quem eu já estive, e a maneira como seu pau endureceu na minha boca me deixou mais molhada do que nunca.

Eu girei minha língua ao longo da cabeça de seu pau, querendo afetar sua área mais sensível. Em troca dos meus esforços, Benjamin gemeu acima de

mim e um calor calmante borbulhou sob minha pele.

Eu o amava. Eu adorava fazê-lo se sentir bem. E eu adorava estar perto dele novamente, assim.

A mão de Benjamin foi para a parte de trás da minha cabeça, e fiquei surpresa ao sentir sua palma me mantendo em posição, quando ele começou a empurrar seus quadris em direção ao meu rosto, efetivamente fodendo minha boca. Com cada impulso de seu pau, deslizando dentro e fora dos meus lábios, seu eixo vai um pouco mais fundo na minha garganta a cada vez. Meu clitóris doía e latejava em resposta.

Quando eu não pude mais resistir, deslizei a mão em direção ao meu clitóris desesperada pela segunda vez, me esfregando no ritmo com o pau de Benjamin na minha boca. Mas senti as mãos de Benjamin agarrar meus pulsos, enquanto ele as segurava no lugar contra seu peito.

— Eu não disse que você poderia fazer isso — Benjamin rosnou novamente.

Eu choraminguei em resposta, incapaz de dizer o que pensava, porque eu ainda estava chupando seu pau. Parecia que meu corpo iria explodir se eu não voltasse novamente, logo, a sensação começando a fazer meus joelhos tremerem enquanto eu desesperadamente humilhava o ar.

Benjamin pareceu notar meu estado levemente depravado, seus quadris não mais empurrando na minha boca. Ele me puxou pelos meus pulsos, me afastando dele. Eu queria dizer algo, mas não tive tempo, pois Benjamin puxou minha calcinha com força e levantou minha saia.

— É isso que você quer, Celeste?

Eu mal tinha dito — Sim, por favor, Benjie — antes que ele estivesse dentro de mim.

Suas mãos ainda estavam nos meus pulsos, prendendo-as contra sua mesa, o que fez com que eu fosse incapaz de

me mover nem um centímetro. Não que eu quisesse, do jeito que Benjamin estava implacavelmente me fodendo, aparentemente me pressionando o mais forte que podia. Fundo. Comandante Possessivo. Bravo.

Reivindicando-me. Negando-me. Me marcando. Me culpando.

Enquanto Benjamin dirigia seu eixo em mim, cada vez mais, tornando cada vez mais difícil suprimir meus gemidos, algo finalmente me ocorreu.

Oh

Isso era um *castigo*.

Foi incrível, mas eu percebi que o Velho Benjamin, aquele que estava apaixonado por mim, nunca teria me tratado ou meu corpo assim. Ele sempre foi tão gentil comigo, sempre se desculpando por seus momentos mais duros. E Benjamin nunca teria feito algo assim também, me fodendo em um espaço público com o potencial de alguém passar pelas portas do escritório e me ver curvada e implorando por ele.

Mas esta versão de Benjamin não se importava. Ele não se importava se eu gozasse. Ele não se importava se as pessoas o vissem me fodendo como se eu fosse apenas outro objeto. E ele especialmente não se importava que eu estivesse apaixonada por ele, ou que estava partindo meu coração perceber o quanto de ternura e respeito ele havia perdido por mim.

Quando gozei contra seu pau, meu corpo tremendo como eu, eu só queria chorar. Não era isso que eu queria de Benjamin. Eu queria fazer amor, queria que ele me beijasse do jeito que costumava, pressionando beijos suaves no meu pescoço. Mas isso era tudo o que eu teria dele agora, não era?

Ser fodida como se eu nunca tivesse significado nada para ele.

Benjamin gozou também, seus quadris ainda parando quando ele terminou dentro de mim. Assim que ele terminou, um brilho familiar ganhou vida em minhas mãos. Olhei para baixo e vi a cor dourada iluminando minha

pele, pois ainda descansava contra o mogno. Benjamin puxou para fora de mim, rapidamente puxando sua cueca de volta à cintura.

— OK. Você conseguiu o que queria. — Benjamin acenou com a cabeça na minha direção. — Agora, é hora de você sair do meu escritório.

— Não. Não aja como se eu não tivesse importância para você. Não aja como se eu não significasse nada. — Virei minha cabeça em direção a Benjamin. — Se você ainda não me amasse, em algum lugar no fundo do seu coração, então eu não estaria brilhando e você sabe disso.

— Claro que eu te amo! — Benjamin estalou. — Isso nunca foi questionado, Celeste. Isso nunca foi sobre eu não te amar. Era sobre você não me amar, não se importar o suficiente com nada disso, qualquer um de nós para nos escolher, para nos proteger.

Benjamin olhou para longe de mim, deixando escapar um suspiro silencioso. — Eu realmente pensei que

você ia salvar o mundo. Por isso te ajudei. Por isso acreditei tanto em você.

Ele se virou para mim novamente, com os olhos tensos e vermelhos. — Mas você não passa de um diabo, Celeste Venoix. E eu trouxe você aqui. Eu te trouxe para casa. E agora você vai estragar todos nós, não é? Você vai fazer todo mundo pagar pela minha bondade cega.

— Eu nunca machucaria você, Benjie — murmurei. — E você sabe disso.

— Não. Eu não. — As palavras de Benjamin saíram tão frias. — Agora por favor. Sai fora do meu escritório...

A expressão de Benjamin de repente ficou em branco.

E então, ele olhou para mim com um sorriso brilhante. — Você vem me ver de novo? Tão cedo? O que a traz ao meu escritório de novo, Srta. Venoix? Zachary deu-lhe algum problema?



A escuridão nos cercou.

— Charlie... Charlie...

— Celeste... Foda-se...

Eu estava montando o pau de Charlie no banco de trás da van que ele alugou. Era noite e estávamos estacionados do lado de fora de um concerto de celular. Minha tela precisava de um TLC depois que Benjamin bateu com o punho.

Era estranho, mas o sexo com Charlie sempre foi um esforço tão calmante, não importa o tempo. Era como voltar para casa depois de um longo dia e apenas relaxar na segurança de tudo que você amava. Charlie tinha um jeito dele que instantaneamente me fazia sentir melhor, como se tudo estivesse bem.

Mesmo quando tudo estava obviamente pegando fogo.

— Você está brilhando... — Charlie sussurrou para mim, as mãos ainda na minha cintura. — Você está quase brilhando em todos os lugares...

Ele sorriu suavemente, seus olhos encontrando os meus. — Você transou com Benjie e Zach hoje também?

— Por que isso importa?

— Não faz. — O sorriso permaneceu no rosto de Charlie. — Desculpe. Isso me deixa um pouco feliz em saber que as coisas entre vocês estão melhorando.

— Eles não estão — eu admiti.

— Mas como você...

— Trinity lançou um feitiço na academia, fazendo com que eles esquecessem tudo o que aconteceu nos últimos três anos — expliquei. — O que significava que eles também me esqueceram.

— Espere. Mas se eles se esqueceram de você, como você...

— Zach se lembrou de mim, apenas o tempo suficiente para querer fazer

sexo comigo. O mesmo vale para Benjie — expliquei sem entrar em muitos detalhes. — Mas nenhum deles sabe nada sobre o inferno ou a guerra, ou o fato de eu estar em um time diferente hoje em dia.

— *Estamos* em uma equipe diferente. — Charlie fez uma careta. — Não esqueça que eu estou preso neste pesadelo com você.

— De uma maneira fodida, estou realmente muito feliz com isso.

— Oh. Isso é foda. — Charlie riu.

E eu ri com ele. Eventualmente, quando nossa risada compartilhada desapareceu, eu lancei um olhar sério para Charlie. — Charlie?

— Sim?

— O que acontece se pararmos?

— O que você quer dizer?

— O que acontece se simplesmente fugirmos juntos? Gosta do pôr do sol? — Eu sugeri. — Por que temos que fazer parte disso, afinal?

— Porque não temos escolha.
— Charlie deu de ombros. — Não depende mais de nós, Celeste.

— Sempre depende de nós — insisti. — Tudo. Todas as nossas escolhas. Tudo isso. Dependia de nós, no minuto em que entramos no campus da academia.

— Então o que você está dizendo? Você só quer que façamos o MIA² da maior guerra conhecida pela humanidade?

— Sim. Por que não? — Eu respondi.

— Celeste... — Charlie franziu a testa. — Você não pode fazer isso.

— Por que não? — Eu repeti.

— Porque você é a única em pé na brecha. — Charlie disse sinceramente. — Se você está do lado do inferno ou do céu, a única coisa que sei sobre você é que não permitirá que pessoas inocentes se machuquem, de qualquer maneira. Você tem que estar aqui, Celeste.

² MIA = Missão em Ação

Charlie levou a mão ao meu rosto, enquanto seus dedos acariciavam minha pele. — Mesmo se você não pode parar a guerra, você tem que ajudar as pessoas, porque você é a única que pode.

— Estou tão cansada disso, Charlie — admiti. — Estou tão cansada de tentar ser a salvadora do mundo, de tentar fazer a coisa certa. Por que não posso ser apenas eu mesma? Por que não podemos simplesmente tomar uma cerveja ou algo assim e fingir que nada disso está acontecendo?

— Porque você é você mesma. — Charlie sorriu. — É por isso que você não pode simplesmente sair da sala, Celeste. Quantas vezes tenho que lhe contar? Você é especial, mesmo que nunca tenha pedido. E o mundo precisa de você. Bem aqui.

— Bem aqui? Especificamente? — Eu provoquei, enquanto circulava meus quadris, aprofundando a maneira como o eixo de Charlie se encaixava dentro de mim.

— Sim. Ali. — Charlie sorriu para mim.

— Pelo amor de Deus. Vocês nunca param? — A voz de Trinity ecoou através da van, quando ela deslizou no banco do passageiro. — Vocês dois não se cansaram no inferno? Vocês se viam todos os dias!

— Trinity! Que diabos! — Eu gritei de surpresa, antes de me afastar do corpo de Charlie. — Por que você ainda entra no carro? Você viu o que estávamos fazendo.

— Porque eu já vi isso várias vezes. A visão não me incomoda mais. — Trinity suspirou. — Embora eu esteja preocupada com a maneira como vocês dois estão determinados a gastar seu tempo livre quando há tanto em jogo.

— Nós apenas imaginamos... Vocês sabe... Porque estávamos esperando o telefone de Celeste ser consertado... — Charlie explicou, enquanto suas bochechas ficavam cada vez mais vermelhas.

— Onde você adquiriu este veículo?
— Trinity passou pela explicação de Charlie, mudando rapidamente de assunto.

— Oh. Estou alugando em um lugar na mesma rua. Rent-A-Van? — Charlie respondeu.

— Ah. Bom. — Trinity assentiu. — Eu pensei que talvez você tivesse roubado o que não seria ideal para nossos propósitos hoje à noite. Não precisamos deixar rastros e também não precisamos de ninguém nos seguindo. Os seres humanos não sobreviveriam nem dez segundos em solo sagrado.

— Solo Sagrado? — Eu perguntei. — Espere o que? Onde você está tentando ir hoje à noite, Trinity?

— Bem, você esteve com todos os seus pretendentes, não é? — Trinity me olhou de cima a baixo. — Eu posso dizer pelo brilho da sua pele.

— Sim? E?

— Isso significa que você deve ser capaz de suportar a sensação de solo

sagrado a seus pés. — Trinity sorriu. — Mesmo com o sangue de nossa mãe, o céu ainda a aceita.

— Você... Você está nos levando para o céu? — Charlie perguntou. — É para onde estamos indo hoje à noite?

— Não — respondeu Trinity. — Nós estamos indo para *Caelum*.

— Caelum?

— Céu na Terra.



— Eu já estive aqui antes — eu murmurei, sentindo minha respiração apertar no meu peito.

Eu estava no mesmo lugar onde quase fui executada, à estaca ainda em pedaços espalhados pelo chão. Entretanto, desta vez, não havia relâmpagos no céu, e as nuvens pareciam estar em paz acima de nós.

— Sim. Eu sei — respondeu Trinity. — Eu lembro o que eles fizeram com você, irmã.

— O que é este lugar? — Charlie olhou em volta. — Algum tipo de arena?

— Não — respondeu Trinity. — É aqui que os anjos se reúnem na Terra. O Conselho às vezes pode se reunir em outro lugar, mas é aqui que

eles tomam suas decisões finais sobre a culpa ou inocência de alguém.

— Oh Deus. É onde...? A pergunta de Charlie parou, quando ele olhou para mim.

E eu silenciosamente assenti com ele.

— Então, o que diabos estamos fazendo aqui, Trinity? — Charlie exigiu, imediatamente parecendo furioso. — E se o Conselho tentar ferir Celeste novamente?

— O Conselho não está aqui— disse Trinity. — Caso contrário, teríamos sido acolhidos assim que nossos pés tocassem o chão.

— Então, o que estamos fazendo aqui?

— Nós não. Ela. — Trinity apontou para mim. — Celeste, temos que ver se você é capaz de entrar no território dos anjos sem nenhum dano.

— Não estamos no território deles agora? — Eu perguntei.

— Não. — Trinity balançou a cabeça. — Qualquer um pode ser

julgado. Mas nem todos podem possuir a sabedoria para julgar.

— E o que isso quer dizer, Trinity?

— Você deve andar por onde andam os juízes, por onde o Conselho caminha.

— Trinity me pegou pela mão, quando ela começou a ir para um prédio distante. — Só então poderemos ter certeza de que você é a verdadeira herdeira de Michael.

— E se eu não estiver?

— Se não, você vai perecer.

— O que? — Afastei minha mão do aperto de Trinity. — Que diabos, Trinity? Você está dizendo que há uma chance de que eu possa morrer se entrar naquele prédio?

— Sim.

— Então, por que diabos eu iria querer entrar naquele prédio? — Eu zombei. — Você está falando sério agora com essa merda?

— É a única maneira de saber! — Ela respondeu severamente. — Quando Michael foi abençoado com seu dom, ele foi capaz de seguir os demônios de volta

ao inferno, o que ele precisava fazer para derrotá-los. Ele é o único anjo que já desceu, além de nosso pai.

— E daí? Eu já posso chegar ao inferno. Por que eu preciso provar essa merda?

— Porque você precisa ser capaz de seguir os anjos de volta ao céu também, o que for preciso para vencer esta guerra. — Trinity disse. — Você será a única do nosso lado que poderá se mover entre todos. Céu. Inferno. Superfície. Você não pode ver o imenso valor nisso?

— Eu posso ver o valor, claro, mas...

— Confie em mim, irmã. — Trinity agarrou minha mão novamente, seguindo sua rota original. — E se você perecer, eu lhe dou permissão total para me advertir, como quiser.

— Se eu perecer, eu vou te ver no inferno. — Eu tentei brincar, embora estivesse assustada.

Eu já estive muito perto da morte antes, muitas vezes.

Parecia ser um tema comum no meu tempo na academia, e até mesmo no meu tempo em Caelum, aparentemente. E não era mais que eu estivesse com medo da morte, mas tinha certeza de que ainda tinha medo do desconhecido. Eu não sabia *como* iria morrer, se meus olhos iriam derreter da minha cabeça ou se toda a pele iria deslizar dos meus ossos.

Eu queria perguntar a Trinity sobre como poderia encontrar meu fim, mas, ao mesmo tempo, não queria saber. Não que eu quisesse que fosse uma surpresa, mas se eu soubesse os detalhes exatos, posso ter ficado louco e insistido em dar meia-volta e voltar para casa.

Então, em vez disso, apenas tentei me concentrar nas nuvens acima da minha cabeça. O céu em Caelum não estava escuro com a noite, não era como o céu na superfície. Aqui, era como se estivéssemos no meio do espaço ou algo assim, com as nuvens sendo diferentes tons de marrom e prata.

Eu me perguntei brevemente se de alguma forma chegamos a outro planeta, um com uma atmosfera parecida com a da Terra.

Mas guardei essa pergunta para mim mesma, quando Trinity me levou a uma grande porta de madeira. Ela parou abruptamente a alguns metros da porta, enquanto soltava minha mão.

— Aqui estamos — disse ela.

— Aqui estamos? — Eu perguntei.

— Um lugar que não posso me aventurar. Um lugar que só você pode ir — explicou Trinity. — Um lugar onde apenas os anjos se atrevem a pisar.

— Certo... — Eu olhei para a porta. — Então, eu deveria abrir? Ou?

— Ou vai abrir para você ou não. — As palavras de Trinity pareciam ameaçadoras, apesar de seu comportamento casual. — A única maneira de saber com certeza é tentar.

— Entendi. — Eu balancei a cabeça quando me aproximei da porta. Mas quando minha mão estava quase na

superfície, alguém me agarrou pelo cotovelo e me afastou.

— E se eu estivesse errado?
— Charlie olhou para mim, seus olhos arregalados. — E se você não tiver que fazer isso? E se você não tiver que ser a única a salvar o mundo?

— Vamos lá, Charlie. Nós dois sabemos que isso não é verdade. — Eu ofereci a ele um pequeno sorriso. — Você sabe que tem que ser eu. Você sempre soube.

— Eu não sei se posso fazer isso— Charlie admitiu. — Eu não sei se eu posso ficar aqui e assistir você explodir ou desaparecer ou o que diabos vai acontecer com você quando você tocar nessa porta.

— Acho que nós dois sabemos o que vai acontecer comigo, Charlie.
— Suspirei. — Meus piores medos vão se tornar realidade.

— Seus piores medos?

— Sim, ter que ouvir você dizer que me disse isso. — Eu sorri, antes de me

inclinar para Charlie, pressionando um beijo suave em seus lábios.

Ele me beijou de volta, com o que parecia ser toda a sua força, como se o mundo estivesse prestes a terminar.

Merda.

Eu acho que sim.

— Eu te amo, Charlie Collins. Não importa o quê — eu sussurrei a frase.

— Também te amo Celeste Venoix. Não importa o que. — Charlie brincou me beijando na testa, antes de se afastar completamente de mim. Seus olhos se fixaram nos meus com a promessa do que estava por vir, quando eu voltei para ele.

Eu me virei para a porta. Respirei fundo antes de alcançar sua superfície pela segunda vez, meus dedos avançando mais perto da moldura de madeira.

Mas quando as pontas dos meus dedos deslizaram por sua superfície, meu mundo derreteu em um branco ardente.



Morta.

Eu estava morta?

Eu não conseguia sentir minhas pernas. Eu não conseguia sentir nenhuma parte do meu corpo. Abri a boca para falar e parecia que não havia nada lá.

Eu estava sem peso. E sem forma. E sem pele.

Ou pelo menos era assim.

No entanto, apesar de não ter forma ou razão, eu ainda tinha meus olhos. Olhei por um longo corredor, cheio de luz impossível, do tipo que faria alguém ficar cego na superfície.

E, no entanto, eu ainda era capaz de ver perfeitamente. Quando mais um momento se passou, percebi que ainda era capaz de ouvir também, e o que

parecia um refrão cantado começou a encher meus ouvidos.

Anjos.

Anjos estavam cantando.

Um coro celestial.

Era bonito.

Mas não era o que eu queria. Eu não queria ouvir anjos cantando. Eu não queria ser banhado por uma luz tão impossível. Eu não queria não *sentir*.

Eu sabia exatamente o que queria, mas não achava que poderia encontrá-lo aqui. Minha mente correu com pensamentos, alguns aparentemente tão desconectados de onde eu estava.

Eu pensei sobre a academia. Eu pensei na minha mãe. Pensei em Charlie, Benjie e Zach. Eu pensei na minha irmã. Pensei no que teria acontecido se eu nunca voltasse para casa, não para a academia e nem para as profundezas do inferno.

Não é o seu tempo.

Havia um pensamento na minha cabeça. Um que eu não tinha colocado lá sozinha. A princípio, fiquei

apavorada com o que parecia ser uma voz vinda do nada, vinda do nada, mas depois lembrei que era assim que Gabrielle também se comunicava, optando tantas vezes por não usar sua própria voz.

Você deve ir.

Eu preciso ir? O que diabos isso significa? Eu estava prestes a ser estilingue direto para o inferno ou algo assim?

Espera. Eu estava...

Eu estava no céu?

Como eu acabei no céu? Eu assumi que a porta de Caelum levaria a uma sala secreta ou algo assim, não aos portões do próprio céu.

Embora eu não tenha tido muito tempo para pensar sobre a situação, quando a mesma luz ofuscante começou a encher meus olhos a tal ponto que eu não era capaz de ver nada.



Quando recuperei minha visão, estava sentada do lado de fora do que parecia uma cela.

Não.

Não parecia. Era.

Lembrei-me de estar em uma cela como esta quando Zachary e eu fomos forçados a enfrentar o Conselho. Eu não sabia como tinha acabado do outro lado, no entanto, não me lembro de viajar por esse corredor ou mesmo de entrar em um prédio para começar.

— Celeste?

Havia uma voz de mulher vinda de dentro da cela, mas ela estava situada muito longe para eu ver claramente o rosto dela.

— Sim? — Eu respondi, tentando impedir que meu nervosismo aparecesse através da minha voz.

Cada parte de mim queria parecer confiante, caso esta estranha estivesse com vontade de me derrubar. Eu mal sabia onde estava ou o que estava fazendo, então não fazia ideia do que eu poderia ter me metido.

A estranha se aproximou da frente da cela e, de repente, percebi que não era nenhuma estranha.

— Sra. Deveraux? — Meu tom era esperançoso, enquanto eu pressionava minhas mãos contra as barras de sua cela. — Sra. Deveraux!

— Celeste! — ela chorou com uma voz quente, suas próprias mãos agarrando as barras agora também. — Oh Deus. Graças a Deus. Eu pensei que eles teriam tentado te matar. Eu estava tão preocupada que eles acabariam com sua vida.

— Eles tentaram me matar— respondi. — Mas eu consegui sair disso bem a tempo.

— Agradeça aos anjos. — A Sra. Deveraux sorriu as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Devo me desculpar pelo comportamento deles, Celeste. O medo pode fazer até uma pessoa inteligente fazer coisas tão estranhas e terríveis.

— Não. Você não precisa se desculpar. — Eu disse rapidamente. —

Parece que eles tinham todo o direito de ter medo de mim.

— Como assim, Celeste? — A Sra. Deveraux pareceu intrigada com a minha resposta.

— Eu...Meu pai... — Parei e comecei algumas vezes, antes de conseguir tirar tudo. — Sra. Deveraux, eu não sou a pessoa que você pensou que eu era. Eu não sou a herdeira de Michael. E não vou manter o céu seguro.

— Oh. Eu já sabia disso. — O sorriso nunca saiu do rosto da Sra. Deveraux, enquanto ela continuava. — Ficar presa aqui por tanto tempo, me ocorreu que nunca poderia haver outro Michael. E esse nunca foi o seu lugar, de qualquer maneira. Você não deve ser a sucessora de Michael.

— Mas se eu não devo fazer o que Michael fez, se eu não devo amarrar os demônios...

— Ainda não terminei. — A Sra. Deveraux passou a mão pela minha, segurando firmemente as barras entre nós.

Seus olhos estavam concentrados nos meus. — Você não deve ser a sucessora de Michael. Você deve ser você mesma. Celeste Venoix, você deve fazer o que quer que seja.

— Eu não sei o que isso significa — eu disse, quando minhas próprias lágrimas começaram a sair dos meus olhos e rolar lentamente pelas minhas bochechas. — Por favor. Apenas me diga o que isso significa.

— Você se lembra do que eu te disse, Celeste? A primeira vez que nos conhecemos? — A Sra. Deveraux me deu um olhar esperançoso. — Você se lembra do que eu disse que faz um anjo?

— Bom treino? — Eu lutei para lembrar as palavras dela no momento.

Ela riu da minha resposta, seus lindos olhos suavizando. — Não, Celeste. O que faz um bom anjo é um bom coração. Você não precisa ser perfeita, desde que tenha um bom coração. Se você está se perguntando o que deve fazer, ouça o que seu coração

está lhe dizendo. E então, você saberá com certeza.

— Foi isso que Michael fez? Ouviu o coração dele?

— O tempo todo. — A Sra. Deveraux fungou, enquanto soltava outra risada. — O tempo todo.

— E... Você está bem? — Eu murmurei. — Mesmo que ele tenha deixado você no final? Você está bem com a escolha que ele teve que fazer?

— Eu sempre tive a sensação de que estar apaixonada por esse homem terminaria exatamente do jeito que era. — A Sra. Deveraux sorriu novamente, desta vez parecendo um pouco triste e talvez um pouco melancólica. — Então, não se preocupe com as pessoas que amam você, Celeste. Eles já sabem o quanto você é especial. E eles já sabem o que você tem que fazer. E se eles são bons de coração, também saberão que o que você representa é muito maior do que qualquer história de amor jamais poderia ser. E eles aprenderão como deixar você ir.

Um longo momento se passou e ela colocou os dedos com mais força nos meus enquanto apertavam as barras. Vai ser difícil, mas eles vão aprender.

Fiz uma pausa, apenas deixando as palavras da Sra. Deveraux afundarem na minha pele, enquanto olhava de volta para o rosto dela.

Ela estava certa.

Eu sabia que ela estava certa, porque eu era capaz de sentir isso indo direto para todos os meus ossos.

Eu só precisava ser eu mesma, e isso seria o suficiente. Eu só precisava ouvir meu coração, e isso seria o suficiente.

Eu não precisava ser perfeita. Eu só tinha que ser *boa*.

Sem dizer outra palavra, puxei a espada de Michael da bainha ao meu lado. E então usei a lâmina para cortar as barras que prendiam a Sra. Deveraux como prisioneira, observando quando elas se aproximavam dos meus pés.

A Sra. Deveraux entrou na cela, esticando os braços enquanto me olhava. — E para onde você está indo agora, Celeste Venoix?

— Acho que tenho que ir salvar o mundo. — Eu balancei a cabeça depois de falar. — Vejo você por aí, senhora Deveraux.

— Você também, Celeste. Você também.



— O que você fez? O que você viu?

Trinity ficou na minha frente enquanto eu saía pela grande porta de madeira. Charlie estava ao seu lado, com o rosto cheio de preocupação, mas seus lábios se curvaram em um sorriso quando ele me viu de relance.

Minha irmã, pelo contrário, parecia impaciente. Impaciente por informações, não impaciente por se preocupar com minha segurança.

— Eu acho que posso ter ido para o céu? — Eu sugeri. — Mas depois disso, deixei a Sra. Deveraux sair da prisão dos anjos ou como quer que seja chamada.

— Você deixou um anjo sair da prisão? — Trinity pareceu chocada com a revelação. — Você conseguiu libertar alguém da cela?

— Sim. Eu apenas... — Imittei o movimento de usar minha espada para romper as barras da cela. — E foi isso. Ela estava livre.

— Você é tão poderosa quanto os anjos acima. — Trinity sorriu. — Minha irmã, com você do nosso lado, não podemos falhar.

— Estou feliz que você conseguiu voltar. — Charlie parou na frente de Trinity, me puxando para seus braços. — Porra, Celeste. Você não tem ideia de como estou feliz em vê-la novamente.

— Sim? Isso é tudo?

— Ah, e para lhe dizer que *eu te disse*. — Charlie riu, me apertando um pouco mais contra seu corpo magro e duro. — Agora, vamos dar o fora daqui antes que alguém tente nos prender por invasão ou algo assim.

— Charlie está certo. Não queremos estar aqui quando o Conselho voltar — respondeu Trinity. — Além disso, temos uma reunião com os príncipes do inferno esta noite.

— Nós temos?— Eu perguntei. — Você não acha que é algo que deveria ter mencionado um pouco antes, Trinity?

Ela encolheu os ombros, um brilho perverso nos olhos.

— Bem, eu não tinha certeza se você iria se juntar a nós ou não. — A resposta de Trinity foi calma. — Mas estou tão feliz que você estará presente.

Oh

Ela estava dizendo que não me contou sobre a reunião, porque não tinha certeza se eu estaria *viva ou não*.

Isso era muito a cara de Trinity.

— Onde os encontramos?— Eu perguntei. — Temos que voltar para o inferno?

— Não. Vamos encontrá-los na academia.

— Na academia? — Eu tentei esconder minha surpresa.

— Sim. — Trinity assentiu. — Abaddon achou que seria poético encenar o início da guerra lá. Um lugar projetado para anjos, sendo

ultrapassado por quem eles consideram os piores dos piores.

— Ok — eu respondi, enquanto milhões de pensamentos corriam pela minha cabeça.

Eu não precisava ser perfeita. Eu só tinha que ser boa.

Eu não precisava ser perfeita. Eu só tinha que ser boa.

Eu só tinha que ser boa.

Não havia nenhuma maneira no inferno de eu estar lutando pelos príncipes, mesmo que minha família ainda residisse lá embaixo. Eu sabia que, se os príncipes do inferno vencessem essa guerra, não teria nenhum lugar ou coisa que valha a pena voltar. Eles não estavam interessados em preservar nada. Eles só queriam vencer o próprio céu.

O que significava que eles não se importariam de destruir a superfície apenas para fazer isso acontecer.

E talvez eles nem se importassem em destruir o inferno para que isso acontecesse também.

Pelo jeito que eles falaram, mesmo pelo jeito que Trinity falou, era como se a superfície não importasse. Como se a vida de todas essas pessoas, todos os humanos inocentes que estivessem em seu caminho, não valessem sequer uma discussão. Não fazia parte do cálculo do certo e do errado, ou mesmo um fator que moldou seus planos.

Eu simplesmente não podia deixá-los ganhar.

Eu não podia deixá-los destruir tudo em seu caminho.

E agora que eu tinha certeza de que precisava fazer algo a respeito, uma ideia começou a se formar em algum lugar no fundo do meu cérebro.

— Você se importa de ir à nossa frente, irmã? — Eu perguntei a Trinity. — Eu gostaria de passar algum tempo com Charlie.

— Passar algum tempo com Charlie?

— Sim, desde que fomos tão rudemente interrompidos mais cedo...

— Oh. — Trinity parecia enojada, enquanto se afastava rapidamente. —

Quando voltarmos para uma área segura na superfície, deixarei vocês dois sozinhos. Confie em mim, nada me faria mais feliz do que lhe dar a privacidade que você deseja.

Enquanto Trinity caminhava à nossa frente, puxei Charlie para mais perto do meu lado. — Eu preciso falar com você.

— Sobre o que? — Charlie sussurrou, inclinando-se para mim. — O que está acontecendo?

— Você ainda pode ir para o inferno? Você sabe se mover entre a superfície e tudo isso?

— Sim, mas é muito doloroso se eu fizer a viagem sozinho. — Charlie fez uma careta.

— Eu vou precisar que você faça uma viagem sozinho.

— Certo. Claro. — Charlie suspirou. — O que você precisa que eu faça, Celeste?

— Primeiro, preciso que você vá para o inferno, assim que voltarmos à

RILEY
LONDON

ANGEL
ACADEMY

superfície. — Eu disse. — E então, eu
preciso que você fale com meu pai.

INTO THE
LIGHT



A academia havia sido invadida por energia demoníaca.

Enquanto eu caminhava pelos corredores, com Trinity ao meu lado, eu era quase capaz de prová-lo no ar. Parecia tão errado, tão horrível, poluindo o campus com uma escuridão que nunca havia sentido antes.

Pelo menos, não neste nível.

Eu tinha que lutar contra as tentativas da energia demoníaca de voltar às minhas veias, de mudar o ouro das minhas mãos para uma sólida massa de energia negra. Foi difícil. Desde que eu estava no inferno por tanto tempo, eu estava começando a sentir que todos os meus poderes estavam começando a inclinar-se para a escuridão.

Mas depois de libertar a Sra. Deveraux e ouvir suas palavras, eu sabia que não havia sido feita para a escuridão.

Eu fui feito para a luz. Mesmo que a energia demoníaca corresse pelo meu sangue.

— Você pode sentir isso, irmã?
— Trinity deu uma olhada apreciativa ao redor da sala, enquanto nos dirigíamos para a cafeteria. — Você não pode dizer que este é um novo amanhecer sobre todos nós?

— É — eu respondi. — É... Diferente de tudo que eu já senti na academia antes.

Isso já era verdade.

— Isso é porque você nunca sentiu o verdadeiro poder na academia antes.
— Trinity sorriu. — Você apenas sentiu os remanescentes de servos, aqueles comprometidos em cumprir as ordens do céu. Não havia uma alma original ou uma ideia original neste lugar, não até agora.

— Não tenho certeza se isso é verdade. — Meus pensamentos voltaram à Sra. Deveraux, e como ela me defendeu de Gabrielle, como ela terminou em uma cela só porque ela queria me manter segura.

— Você vai se acostumar com isso. — Trinity suspirou gentilmente me dando um tapinha no ombro. — Mas por enquanto, pelo menos aja como se você já é? Não quero que Abaddon questione nossa lealdade.

— Por que ele questionaria nossa lealdade agora? Depois de tudo o que fizemos por ele?

— Porque ainda somos os herdeiros legítimos de seu trono — explicou Trinity. — Por que ele deveria confiar sempre em nossa lealdade? A qualquer momento, qualquer um de nós poderia tentar arrancar a coroa da cabeça do homem.

— Mas eu não quero isso — admiti. — E você parece gostar da política de tudo isso, mais do que da posição atual.

— Isso é porque a política é divertida. — Trinity sorriu novamente. — É uma das poucas áreas em que uma garota com qualidades demoníacas pode realmente brilhar.

Eu ri levemente da piada de Trinity, indo para a cafeteria. Eu não tinha perguntado a Trinity por que estávamos indo para a cafeteria, mas pude dizer que estava cheio de atividades demoníacas, a fonte quase vibrando nas paredes.

Quando entramos pelas portas, vi Abaddon sentado no que parecia um trono improvisado no centro da sala. Ele estava cercado de ambos os lados por Ashmedai, que parecia tão fácil como sempre em um trono menor, e Belphegor, que parecia estar usando uma imitação pálida da roupa de Ashmedai, como se não tivesse se incomodado em vestir a mesma quantidade de esforço.

— Meu rei. Meus cavaleiros. — Trinity os cumprimentou com um pequeno arco.

Eu segui a liderança dela, curvando-me para Abaddon e os outros príncipes, embora eu estivesse intrigado com a mudança na saudação. Ela nunca mostrou tanto respeito a eles no inferno, e me perguntei se havia regras não escritas sobre como lidar com a realeza demoníaca quando estavam na superfície.

— Onde estão os estudantes? — Eu perguntei, olhando ao redor da cafeteria vazia.

— Dormindo — respondeu Belphegor. — Quando a magia de Trinity se dissipou em suas mentes fracas, elas ficaram com medo de nós. Decidi pelo menos interromper os gritos, para que possamos pensar em nosso próximo passo no plano.

— Sim, é interessante como você pode sonhar com algo por tanto tempo, mas quando chega o dia, você não está pronto para aproveitar a oportunidade. — Ashmedai riu. — Eu não posso te dizer o quanto eu ansiava por esse dia, apenas para me sentir completamente

mal quando finalmente consegui o que queria.

— Mas agora que eu te vejo... — Abaddon disse, olhando-me de cima a baixo. — Acho que finalmente podemos estar prontos para agir.

Engoli em horror silencioso enquanto me perguntava o que eles iriam me pedir para fazer.

— Como nos sentimos sobre olho por olho? — Abaddon virou à esquerda e depois à direita, buscando uma resposta de Ashmedai e Belphegor.

— Ooh. Isso pode ser divertido. — Os olhos de Ashmedai se iluminaram com um tom avermelhado.

— Eu ouvi sugestões piores. — Belphegor soltou um suspiro pesado, como se um outro pensamento fosse exigir muito de sua energia.

— Olho por olho? — Eu perguntei, buscando esclarecimentos sobre o plano deles. — O que você quer dizer?

— Quer dizer, seja o que for que os anjos nos fizeram, vamos fazer com eles. — Abaddon disse. — E como eles

se atreveram a tentar executá-lo, um descendente do Inferno, uma realeza de sangue, acho que seria justo se devolvêssemos o favor.

— Mas os anjos não têm realeza. — Eu balancei minha cabeça. — A menos que haja algo que eu não saiba?

— Não, você está certa em seu conhecimento, Celeste. — Abaddon assentiu. — Os anjos não têm realeza.

— Mas eles têm criadores, aqueles que são anjos há tanto tempo que também podem ser da realeza. — Ashmedai sorriu. — Você se lembra, Celeste, da maneira como os anjos choraram e lamentaram quando tiramos Benjamin Nash do seu rebanho?

— Nash... — Belphegor zombou. — Esses sempre foram um espinho do nosso lado. Mas ainda resta algum? — Fiquei com a impressão de que Ashmedai havia limpado a última barata do armário.

— Apenas um. — Abaddon sorriu. — E para nossa sorte, ele foi

recentemente convertido em membro do Conselho. Então, se formos *removê-lo* de sua posição, acredito que os anjos sentirão a mesma coisa.

— Como eles ameaçaram tirar a sua vida? — Ashmedai voltou sua atenção para mim. — Eles te levaram àquela arena de assassinatos abandonada?

— Sempre detestei um raio — murmurou Belphegor.

— Sim — Trinity respondeu em meu nome. — Foi exatamente onde eles a levaram. Eles deixariam Deus decidir.

— Hmm. — Abaddon rosnou. — Então talvez seja a nossa vez de deixar Deus decidir.

— Então, está resolvido. — Ashmedai bateu palmas com um olhar animado no rosto. — Vamos deixar Deus decidir. Que tal o amanhecer?

— O amanhecer parece perfeito. — Belphegor assentiu.

— Tudo bem então. Venha Celeste. Conte-nos tudo sobre o seu julgamento. — Abaddon continuou. —

Vamos usá-lo como base para os nossos.

— Mas Benjamin não fez nada de errado. — Eu tentei e falhei em manter minha voz firme.

— Você fez algo errado? — Trinity virou-se para olhar para mim. — Ou os anjos lhe atribuíram culpa com base em seu pai e mãe?

— Baseado no meu pai — eu admiti, encontrando seu olhar com o meu. — Baseado no nosso pai. Mas...

— Hmm. Compassivo. — Abaddon suspirou. — Você passou muito tempo na superfície, pequena Celeste. Você esqueceu o que realmente está em seu coração.

— E o que deveria estar no meu coração? — Eu perguntei minha voz tremendo. — O que deveria me fazer querer julgar um homem inocente?

— Justiça — respondeu Abaddon. — Mas porque você foi criada na superfície, longe dos fogos do inferno, longe de sua própria história, você não

entende o quanto os anjos fizeram conosco, o quanto eles nos roubaram.

— Quantas dívidas elas nos devem e que nunca podem ser pagas — Ashmedai entrou na conversa.

— Quanta dor eles nos causaram que nunca pode ser sentida — Belphegor se juntou.

— Mas você ainda poderá se alegrar em corrigir os erros — disse Abaddon. — Só porque você pode não entender agora, não significa que você não entenderá mais tarde. Agora venha.

Abaddon fez sinal para eu me aproximar de seu trono. — Conte-nos tudo sobre o seu julgamento com o Conselho.

— Não deixe nada de fora. Queremos acertar na primeira vez. — Belphegor inclinou a cabeça para o lado. — Ou nós?

— Não, gostaríamos de acabar logo com isso — respondeu Ashmedai. Não estou interessado em torturar o garoto. Eu só quero que ele se vá, de uma vez por todas.

— O fim da dinastia Nash na superfície será uma bênção para muitos demônios lá embaixo. — Abaddon concordou.

— Vamos em frente, Celeste — Trinity murmurou para mim. — Quanto mais rápido começarmos, mais rápido chegará ao fim.

— Eu realmente não estou com pressa para o mundo acabar, Trinity.

— Agora, agora, agora. Quem disse que o mundo inteiro vai acabar? Não seja tão dramática. — Trinity sorriu. — Só porque as coisas não serão mais regidas pelas leis do Céu, não significa que o jogo acabou. Significa apenas que finalmente temos a bola.

Trinity me deu um tapinha nas costas, me empurrando para o trono de Abaddon.

Olhei em volta da sala vazia mais uma vez, lembrando como era quando estava cheia de estudantes, cheia de vida. Lembrando como foi comer todas as minhas refeições aqui com Charlie, Zachary e Benjamin ao meu lado.

Lembrando como era ser um anjo.

— Celeste? Seu julgamento? —
Abaddon me lembrou de falar.

— Sim. Certo. Meu julgamento. —
Eu balancei minha cabeça, tentando
tirar as memórias de mim também. Eu
tive que parar de agir como se esse fosse
o fim da estrada ou talvez fosse mesmo.

Eu tinha que pelo menos fingir que
ainda estava do lado do inferno.

— Sim. Eu posso lhe contar tudo.

Abaddon se inclinou para frente,
longe de seu trono, enquanto esperava
que eu falasse.



Fiquei do lado de fora na quadra, com o resto do corpo docente. Os anjos pareciam horrorizados, enquanto olhavam para o centro do campo. Eu assisti enquanto alguns deles tentavam orar por suas armas, expressões confusas em seus rostos quando perceberam que suas orações não estavam mais funcionando.

Muita energia demoníaca.

Foi algo que eu aprendi com minhas visitas ao inferno. As orações, e realmente toda a energia angelical, precisavam de algum componente de pureza para funcionar, mas com toda essa energia mais escura no ar, não havia como os anjos acima de nós sermos receptivos às nossas palavras. Pelo que eles sabem,

poderíamos ter sido demônios disfarçados, tentando usar palavras sagradas para nossa própria causa terrível.

Eu particularmente mantive meus olhos em Zachary, cujos braços estavam cruzados contra seu peito enquanto ele se destacava do resto da multidão. Ele estava em uma posição de luta, aparentemente pronto para enfrentar alguém ou qualquer coisa que pudesse ter cruzado seu caminho.

E naquele momento, foi fácil lembrar por que eu tinha me apaixonado tanto por ele, em primeiro lugar. Eu nunca tinha visto isso acontecer, porque Zachary agiu como se ele não pudesse suportar minhas entranhas na primeira vez que ele me conheceu. E a segunda vez. E a terceira vez.

Mas, eventualmente, algo despertou entre nós e parecia impossível apagar, mesmo que eu tivesse tentado. E agora, mesmo no meio de toda essa besteira, eu ainda queria nada além de caminhar até ele e cobrir seu ponto cego,

oferecendo-me para lutar ao seu lado, se era isso que ele queria que eu fizesse.

O céu acima de nós estava escuro como breu, tornando impossível dizer a que horas do dia era. Imaginei que os príncipes estavam tentando ao máximo simular o mesmo ambiente em que eu quase morri, querendo que as coisas parecessem igualmente assustadoras para o julgamento de Benjamin também.

O julgamento de Benjamin.

Isso me deixou doente, mas eu ainda tinha que seguir o fluxo. Se eu deixasse óbvio demais que não estava do lado do inferno, não deixaria passar os príncipes se unirem a mim e me enviarem de volta aos meus pais, de uma vez por todas. E com toda essa energia demoníaca ainda flutuando, pude sentir que meu presente, o presente de Deus, estava enfraquecendo devido à interferência.

Eu não teria sido capaz de enfrentar os príncipes. Inferno, eu não teria sido capaz de enfrentar nem um deles. Não

até que eu fosse capaz de restaurar meus poderes.

— Bom dia, anjos!— Ashmedai apareceu de repente no centro da quadra, um sorriso gigante em sua expressão. — Bem, mais um bom dia para mim do que para você, mas um bom dia, no entanto.

— Um dia muito bom. — Belphegor estava ao lado de Ashmedai, quando ele soltou um bocejo alto. — Um bom dia, de fato.

— Sim? O que há de tão bom nisso? — Zachary perguntou seu rosto completamente estoico. — Deveríamos estar felizes por você ter invadido a academia?

— Oh, você é mal-humorado, não é? — Ashmedai riu. — Não, não, não, anjo. Você não deveria estar feliz com isso. Você deveria estar feliz com isso.

Ashmedai estalou os dedos e uma grande guilhotina apareceu ao lado dele. Sua lâmina estava aparentemente encantada com jóias e suas partes de madeira tão brilhantes e imaculadas.

Uma arma do crime deslumbrada?

Ele se encaixava perfeitamente na personalidade de Ashmedai, mas ainda me perturbava sem fim.

— Para que diabos é isso?
— Zachary perguntou o aborrecimento claro em seu tom. — Algum tipo de jogo ou alguma merda?

— Não. Isso é por justiça.
— Ashmedai soltou um suspiro de alívio. — Finalmente. Justiça.

— Justiça para quê? — Zachary perguntou.

— Bem, se você não se importa... Esta parte pertence a todos vocês.
— Ashmedai virou-se para a multidão de anjos que esperavam. — Alunos da Angel Academy, os melhores e mais brilhantes de Michael, é hora de você ter consciência de que suas vidas são uma mentira total e completa.

— Uma mentira total e completa — repetiu Belphegor.

— Obrigado Belphegor. Você sabe, eu sempre amei um bom refrão. E uma boa garota de coro. E um bom coro. —

Ashmedai riu antes de continuar. — Como eu estava dizendo, suas vidas são totalmente inúteis. Vocês passaram a juventude treinando para uma batalha que nunca iria vencer. Vocês nunca tiveram uma chance real, e isso é algo que seu Conselho sempre teve conhecimento.

— Sempre teve consciência — Belphegor repetiu novamente.

— E assim, para tentar equilibrar as coisas, tentar afetar a balança da justiça, seu Conselho tomou algumas decisões precipitadas sob o pretexto de fazer o que é certo. Mas eles nunca se importaram com o que era certo, apenas com o que servia aos anjos. Somente o que eles pensavam iria mantê-los seguros.

Ashmedai apontou para mim, com um dedo perfeitamente cuidado. — E seu amado Conselho chegou ao ponto de tentar tomar um dos nossos. Para tentar matar a realeza, tudo por causa do que eles consideravam justiça.

— Celeste?

— Realeza?

— O que diabos está acontecendo?

As vozes dos meus colegas zuniram ao meu redor, mas eu mantive minha cabeça baixa. Eu não queria olhar para as expressões deles. Eu não queria ler os sinais de traição e mágoa de seus corpos, pois eles perceberam que a garota com quem treinaram, a garota com quem haviam participado de missões, a garota com quem convidaram para suas festas ou ficaram de pé. Na fila do almoço, nunca foi uma deles, na verdade não.

Eu era um anjo com certeza, mas não era um anjo como se fossem anjos.

E eu nunca seria.

— E assim, meus amáveis anjos, esta noite vamos consertar isso. E vamos dar a todos um gostinho de como foi nossa vida desde que seu amado Michael nos condenou a todos no inferno. — Houve uma leve contração na voz de Ashmedai, antes que ele tossisse pela garganta. — Agora, como não pudemos reunir seu Conselho para

participar deste julgamento, todos vocês serão juízes e jurados.

— E quem está sendo julgado?
— Zachary perguntou. — Todos nós?

— Perto. — Ashmedai riu. — Ele pode muito bem ser todos vocês. Ele é o membro mais jovem do Conselho, portanto é obviamente da sua geração.

— Não. — Os olhos de Zachary se arregalaram. — Não. Por favor. Não...

— Ah, ah, ah. Não implore no tribunal. Você pode influenciar o júri. — Ashmedai piscou, estalando os dedos novamente.

O corpo de Benjamin descansou contra a guilhotina, com a lâmina pressionando a parte de trás do pescoço.

Não. Não.

Quando os príncipes mencionaram o julgamento, eu pensei que eles pelo menos dariam a Benjamin a cortesia de um ambiente de tribunal. Até eu tinha permissão para a sala imaginar que não seria morto, que talvez eu tivesse uma chance de me defender.

Mas sem isso, sem que deixassem Benjamin passar alguns dias na prisão falsa, trancado em uma gaiola, eu nunca teria chance de expulsá-lo. Parecia que não haveria tempo para salvá-lo da morte certa e, quando pensei em perder Benjamin, assim, algo queimou o interior das minhas mãos.

Oh

Olhei para baixo e vi fumaça negra subindo entre meus dedos. Não era o tipo de energia que seria capaz de derrotar os príncipes, mas era o suficiente para desacelerá-los, se eu precisasse.

E merda. Parecia que eu precisaria em breve.

— Benjamin Nash, você foi acusado de maldade geral. — Ashmedai continuou olhando para Benjamin. — Como você se declara?

— Este julgamento é uma farsa. — As palavras de Benjamin foram calmas. — Faça o que você deve, mas você não pode me forçar a participar do

seu show. Se você vai me matar, então me mate.

— Ah. Você não tem medo de morrer? — Ashmedai franziu a testa. — Você não está preocupado em encontrar seu fim? Você realmente sentiu que levou uma vida plena?

— Não. Não tenho medo de morrer — respondeu Benjamin. — Meu único arrependimento é que eu morri nas mãos de um covarde.

Ashmedai sorriu tanto que todos os dentes apareceram antes de jogar a cabeça para trás em uma risada. — Eu? Um covarde?

Ashmedai inclinou-se para Benjamin, agarrando-o bruscamente pelo queixo. — Não me escondo atrás de orações e lâminas, garotinho. Meu poder vem de dentro, mas sem suas armas, quem é você? Sem a importância que o Conselho lhe confere, quem é você?

Ashmedai zombou, enquanto coçava o rosto de Benjamin com as unhas. Meu coração afundou no estômago enquanto

observava a pele de Benjamin pingando sangue na grama abaixo.

— Vocês. São. Nada. — Ashmedai se afastou de Benjamin. — E agora, você terá a oportunidade de se juntar ao seu pai. Quanta sorte você poderia ter?

— E o julgamento?— Belphegor choramingou. — Eu pensei que íamos colocá-los no olho por olho.

— Bem, se Benjamin Nash não vai jogar junto com o julgamento, então o que isso importa? — Os olhos de Ashmedai brilharam vermelhos. — Podemos simplesmente cortar a cabeça dele e encontrar um novo brinquedo.

— Mas Ashmedai...

— Estou entediado! — Ashmedai gritou de repente, antes de se mover para trás da guilhotina. Ele agarrou sua corda, erguendo a lâmina bem acima da cabeça de Benjamin. — Teremos um novo julgamento pela manhã. Há sempre outro anjo para ensinar justiça, mas este se recusa absolutamente a aprender ...

— Pare! — Eu gritei, pisando na frente da multidão.

— Por quê? — Ashmedai me lançou um olhar confuso. — Havia algo que você precisava adicionar, Celeste?

— Você não pode matá-lo.

— Por que não?

— Por que... — Fiz uma pausa, tentando reunir meus pensamentos no momento. — Porque se você mata Benjamin Nash assim, como você é melhor do que os anjos?

— Quem disse que queremos ser melhores que os anjos? — Ashmedai zombou. — A justiça é um plano igual.

— Bem. — Eu balancei minha cabeça, tentando encontrar algo melhor. — Então... Que tal isso? Em vez de matá-lo assim, por que não o julgamos de maneira justa?

— Nós já tentamos. Ele não jogaria junto — Ashmedai respondeu.

— Um julgamento justo... Daqui a cem anos — sugeri, meus olhos voltando-se para os de Benjamin.

Ele olhou para mim com tanta mágoa no rosto que tive que desviar meu olhar assim que encontrei o dele.

— Em cem anos mais ou menos... — Ashmedai riu. — Em cem anos ou mais!

— Oh, isso é deliciosamente perfeito. — Belphegor assentiu. — Deixe-o apodrecer até a hora de seu julgamento. Mantenha-o vivo na água e em outros tipos de magia.

— Seus amigos e familiares já se foram há muito tempo. — Ashmedai aproveitou a ideia. — Ele não terá nada e ninguém, e estará muito ciente disso.

— Sugestão maravilhosa, Celeste! — Belphegor abriu um sorriso. — Essa entrada inestimável.

— Sim, isso nos tornará tão diferentes dos anjos — respondeu Ashmedai. — Enquanto a justiça deles é rápida e equivocada, a nossa pode demorar mais, mas é muito bem pensada.

— E tão bem colocada — acrescentou Belphegor.

— Celeste... O que você fez?
— Benjamin olhou para mim. — O que é que você fez?

Não respondi, pois mantive minha atenção em Ashmedai e Belphegor.

— Você me permite cuidar dele e ver seu castigo?

— Claro. Afinal, foi ideia sua — disse Ashmedai, balançando a cabeça. — É justo que você tenha permissão para realizar uma tortura tão requintada.

— Embora, se você precisar de alguma ajuda, estou disposto a ser voluntário. — Belphegor divertidamente levantou a mão.

— Não. Eu acho que posso pegar daqui. Obrigada pela oferta, no entanto. — Fui até Benjamin e empurrei seu corpo para longe da guilhotina. Ele bateu na grama com um baque alto.

Eu não tinha notado isso antes, mas suas mãos já estavam amarradas nas costas, tornando quase impossível para ele se firmar no chão.

— E então começa. — Ashmedai riu de novo. — Que divertido.

— Mmhmm. Que divertido. Belphegor nos assistiu.

E ofereci um sorriso para os dois, agarrando a corda que amarrava os pulsos de Benjamin. Comecei a puxá-lo de volta para o prédio da academia, sem olhar para trás.



— Você tem um desejo de morte ou algo assim? — Eu assobieei para Benjamin, forçando-o a uma sala de treinamento vazia. — Por que diabos você agiria assim com um príncipe do inferno? Eles poderiam ter matado você!

— Eu gostaria que eles fizessem. Eu gostaria que eles tivessem me matado — Benjamin retrucou. — Teria sido melhor do que passar a eternidade com *você*.

— Primeiro de tudo, imbecil, você não está passando a eternidade comigo — retruquei. — Eu apenas disse isso para que eu pudesse salvar sua bunda.

— Salvar minha bunda?

— Sim! Salvar sua bunda. — Eu gemi. — Mas você não deveria dificultar

tanto. Eu realmente pensei que eles iam matar você, Benjie.

— Por que você se importaria?
— Benjamin deu de ombros. — Você não está trabalhando com eles agora? Você não se tornou a princesa do inferno?

— Não — eu respondi, deixando escapar um suspiro alto. — Mas vou ser sincera com você, ok? Eu pensei sobre isso. Pensei em como seria lutar pelo inferno, lutar pela minha família... Mas percebi que minha família e esses caras não são os mesmos. Meu pai nunca puxaria algo assim. Sim, ele pode ser Satanás, mas ele não é...

— Um sociopata? — Benjamin sugeriu.

— Sim isso. Minha mãe também não é. Sei que a história lhes deu uma reputação de merda, mas nunca machucaram alguém que não merecia. Eu balancei minha cabeça. — Mas os príncipes do inferno? Eles machucam qualquer um, apenas para

que não se matem. É terrivelmente aterrorizante.

— E o Charlie? — Benjamin perguntou.

— E Charlie?

— Ele está trabalhando para Ashmedai, não está? — Ele continuou. — Ou ele se aposentou de seu papel de agente do inferno?

— Você e eu sabemos que ele nunca teve escolha — respondi. — Por favor. Não culpe Charlie por...

— Para quê? Por tirar meu pai? — Benjamin me interrompeu, enquanto continuava falando. — Por colocar um buraco no coração da minha mãe que ela nunca mais será capaz de preencher? Por arruinar minha vida? Por me candidatar a um assento no Conselho como um movimento torcido de raiva?

— Eu entendo que você está chateado, mas Benjie, não foi culpa de Charlie — expliquei. — Ele nem se lembra do que aconteceu com seu pai.

— Boa. Isso faz de um de nós - Benjamin zombou. — Se ao menos tivéssemos a mesma sorte de possuir o talento de Charlie por perder memórias.

— É isso o que você realmente quer? — Eu perguntei. — Você quer que Charlie se sinta mal por algo que ele não tinha controle?

— Não — Benjamin murmurou. — Não, não é isso que eu quero.

— Então o que você quer Benjie?

— Quero que as coisas voltem a ser como eram. — A voz de Benjamin estava baixa, quando ele olhou para mim. — Quero voltar a acreditar que poderia encontrar um anjo na rua, e isso não mudaria minha vida, que não voltaria para me assombrar um dia.

— Eu não sou a razão pela qual seu pai está morto — eu disse, quando as lágrimas começaram a encher meus olhos. — Você não pode simplesmente me culpar por algo que eu não fiz. Se você quer ficar com raiva, tudo bem, mas você não pode...

— Não estou bravo. — As palavras de Benjamin eram tão baixas que quase senti falta delas. — Peço desculpas pelo mal-entendido.

— Para alguém que não está com raiva, você está realmente agindo como se estivesse super chateado.

— Não. Não estou chateado. — Benjamin rosnou. — Celeste, estou arrasado.

Ele parou por um momento, antes que seus olhos encontrassem os meus. — Vem e vai, o sentimento de total desamparo, a percepção de que nada que eu posso fazer ou dizer importa mais. A morte do meu pai parecia o começo do fim do meu mundo inteiro.

— Não é o começo do fim, Benjie. Não se tentarmos combater.

— O que há para lutar? — Benjamin deu de ombros. — Talvez seja isso que o Céu queira. Talvez seja hora de todas as coisas boas passarem deste mundo para o próximo.

— Você não pode acreditar nisso, Benjie.— Eu balancei minha cabeça. — Você não pode simplesmente desistir tão facilmente.

— Não vou desistir Celeste. Eu só estou sendo realista. — Ele me ofereceu um sorriso triste. — Nossas orações não estão funcionando. Os Príncipes do Inferno tomaram conta da academia e logo começarão a guerra que acaba com todos nós. Quanto tempo você realmente acha que eles deixarão os outros alunos viverem? Dias? Semanas?

Benjamin deu um passo em minha direção, sua expressão ainda a mesma. — Eles vão matar nossa espécie, até que não sobremos nenhum de nós. E então, eles herdarão a superfície antes de levarem a luta até a porta do céu. E você sabe disso.

— E daí?

— Então, não finja que não — disse Benjamin. — Não finja que estou vivendo em uma terra de sonhos, cheia de impossibilidades. Sem nossas

orações, estamos perdidos, Celeste, perdemos. A única pessoa forte o suficiente para derrotá-los seria...

— Eu.

— Sim. Você. — Benjamin assentiu. — Mas, ao primeiro cheiro de você não estar do lado deles, em breve você será descartada.

— Sim, sobre isso... — Minhas palavras sumiram. — Eu tenho um plano.

— O que é isso?

— Eu não posso te dizer. Caso você seja torturado ou algo assim, ou um desses idiotas chegue à sua memória. Mas vou precisar da sua ajuda.

— O que você precisa de mim, Celeste?

— Eu... — Eu não sabia por que estava corando. Não era como se eu não tivesse pedido isso a Benjamin um milhão de vezes antes, mas de repente eu me senti tão tímida. — Você sabe como eu recebo o brilho em minhas mãos...

— Oh. *Ah* — respondeu Benjamin. — Você tem certeza que é algo que você quer de mim?

— Por que não? Fizemos isso há não muito tempo e isso funcionou muito bem, não foi?

— Nós fizemos? — Benjamin perguntou. Acredito que sonhei que sim, mas não te toco a algum tempo, Celeste.

Ele sonhou que nós fizemos?

Certo. O feitiço.

— Uh, sim. Não é um sonho. Minha irmã colocou toda a academia sob um feitiço.

— Ela é poderosa o suficiente para fazer algo assim?

— Sim. Ela está praticando — eu disse baixinho. — Mas de qualquer forma, eu preciso de você Benjie. Não funciona sem você, sem todos vocês.

Eu dei um passo mais perto dele, minhas palavras saindo sérias. — Mas... Só funciona... Se você ainda me ama. Você ainda me ama, Benjamin Nash? Com ou sem um feitiço?

Algo em Benjamin pareceu quebrar, pois seu comportamento mudou completamente. Ele passou da calma e do foco para os olhos arregalados e incertos assim.

— Você está me perguntando se eu ainda te amo... Mas Celeste como você ainda pode me amar?

— O que você quer dizer?

— Celeste, eu te enviei para morrer — disse ele. — Mesmo no meio da minha dor... Eu não sei como eu poderia ter te sentenciado assim ou recomendado que você fosse julgado. Eu não sei como você ainda pode olhar para mim depois do que eu fiz para você. Se eu fosse você, me odiaria. Eu absolutamente me desprezaria. Eu iria me *querer* trancado por cem anos.

— Você não quis dizer isso.

— Sim, mas não é assim que essas coisas funcionam. Não importa se eu pretendia mandá-lo para a sua morte ou não. Se você morresse assim, seu

sangue estaria em minhas mãos.
— Benjamin parecia ofegar por ar.

— Talvez os príncipes do inferno gostem de algo quando se trata do nome Nash. Talvez seja a hora de acabarmos. Como eu pude tratar sua vida com tanta insensatez quando você é a única mulher que eu já amei?

— Você é sempre tão duro consigo mesmo. — Coloquei a mão em ambos os lados do rosto de Benjamin. — Mas é isso que faz de você um dos melhores homens que eu já conheci. Você serve tão ferozmente quanto ama e é ainda mais incrível por isso.

Comecei a fungar.

— E Benjie, eu não quero viver em um mundo sem um Nash, porque isso significa que é um mundo sem um centro moral. Você é assim. Você é meu centro moral. Você é o centro moral da academia. E sem você, eu nem saberia quem eu era quem eu deveria ser. Sei que você se arrepende de ter apanhado uma garota na rua, mas o fato é que

— você se afastou. E você me fez inteligente. E você me fez forte.

Coloquei meus braços em volta dos ombros de Benjamin, as palavras parecendo cair dos meus lábios. — E você me ensinou muito sobre o que significa ser um anjo, o que significa ser uma boa pessoa também. Porque mesmo quando você comete erros, isso não significa que você não é um bom anjo, Benjamin. Você ainda é bom. Você é. Ainda. Bom.

Eu enfatizei minha última frase, antes de pressionar meus lábios nos de Benjamin.

Parecia que o resto do mundo acabou de derreter. Os braços de Benjamin envolvendo minha cintura enquanto ele me puxava para mais perto, quase perto o suficiente para sentir seu coração batendo contra a minha pele.

— Porra! Aí está você, porra. — Era a voz de Zachary, seguida por seus passos atravessando o chão da sala de treinamento. — Pensei ter visto vocês

dois entrando em uma sala de treinamento.

— Zach. — Eu sorri quando ele fez o seu caminho para nós. — Eu estava pensando quando você conseguiria.

— Eu sinto muito? Vocês já discutiram isso antes? Você tem algum tipo de plano juntos? — Benjamin perguntou.

— Não, mas Celeste sabe que eu não sou um idiota. — Zachary sorriu. — Ela salvou você, o que tornou bastante óbvio que ela havia desertado do lado dos demônios. Quero dizer, vamos lá, se ela queria que você morresse, tudo o que ela precisava fazer era deixar Ashmedai cortar sua linda cabecinha. E por que ela não iria querer você morto? Depois do jeito que você a tratou na frente de Gabrielle, você meio que mereceu.

— É sempre bom ter você do meu lado, Zachary. — Benjamin suspirou.

— Enfim, achei que, mesmo que estivesse errado sobre a coisa toda, Celeste provavelmente também não me

queria morto, então ela pelo menos teria a guarda baixa. E se as coisas piorassem, eu ainda poderia tentar libertá-lo de qualquer cela em que eles estivessem — explicou Zachary. — Então sim. Aqui estou. Que bom que você está do nosso lado, Celeste. Teria sido realmente uma chatice ter que lutar com você até a morte.

— Você realmente acha que poderia ganhar contra mim em uma luta até a morte?

— Provavelmente? — Zachary sugeriu. — Mas o ponto é que nunca teremos que descobrir.

— Como você pode estar tão confiante quando *sabe* que eu posso literalmente chamar energia angelical em minhas mãos? — Eu levantei minhas mãos para enfatizar.

— Porque eu sei que você nunca fica de joelhos — respondeu Zachary.

Lembrei-me do meu treinamento com Trinity no lago, como ela me tirou jogando uma de suas estrelas no meu joelho.

Merda.

Eu realmente precisava trabalhar nisso então.

— De qualquer forma, eu estava apenas dizendo a Benjie que precisava da ajuda dele. E sua ajuda também.

— Oh, estamos fazendo aquela coisa em que... Você sabe... — Zachary sugestivamente levantou uma sobrancelha. — E então você brilha todo ouro e chuta a bunda de todo mundo?

— Sim. — Eu sorri com a descrição do plano de Zachary. — Algo parecido.

— Mas ainda não precisamos de Charlie, falando do diabo. — Zachary virou-se para o som da porta da sala de treinamento se abrindo, quando Charlie entrou.

Charlie acenou com um sorriso, caminhando até a conversa. — Ei, Celeste! Eu cuidei daquilo que você me pediu.

— Coisa? Que coisa? — Benjamin perguntou.

— É um segredo — respondi. — Não se preocupe com isso.

— Zachary, Charlie, você poderia se juntar a mim para avisar Celeste que agora *não* é hora de segredos?

— Eu já te disse Benjie. Isso é algo que tenho que trabalhar comigo mesma. Se eu pudesse contar para vocês, eu diria. Eu prometo. — Eu continuei. — Mas desta vez não, ok? Desta vez, tenho que fazer tudo sozinha.

— Estamos atrás de você o tempo todo, Celeste. — Charlie assentiu me dando um sinal de positivo. — Tudo o que você precisa que façamos.

— Bem, agora, acho que ela só precisa de nós para transar com ela — respondeu Zachary. — Certo?

— Certo — eu admiti, olhando ao redor da sala. — O que eu entendo pode ser um problema. Não acho que alguém esteja realmente de bom humor...

Zachary me interrompeu me beijando com força, sua língua encontrando a minha no fundo da

minha boca. Eu gemi contra o beijo, completamente sem esperar o movimento ou a corrida repentina na cabeça.

— Faz muito tempo, Celeste — Zachary sussurrou em meu ouvido, antes de suas mãos descerem em direção a minha bunda, agarrando-a com as duas mãos. — Por muito tempo.

Eu choraminguei contra seu toque, agora me sentindo tão perfeitamente impotente em seu aperto. Ele me virou minhas costas voltadas para o peito, estendendo a mão entre as minhas pernas, seus dedos pressionando suavemente contra o meu clitóris.

Eu gemi quando Zachary continuou o movimento, meu olhar fixo nos olhos do oceano de Benjamin. Eu queria desesperadamente o pau de Benjamin dentro de mim, do jeito que ele costumava fazer amor comigo, tudo doce e sereno. Mesmo que eu tenha aproveitado nosso tempo no escritório dele, esse não era o Benjamin que eu desejava algumas noites no Inferno,

tocando-me com a mera lembrança dele.

Porra.

Eu só queria sentir como se ele me amasse novamente.

Meus pensamentos foram interrompidos pelas mãos de Charlie, abrindo minha blusa. Ele sorriu, deslocando meu sutiã para cima e para longe dos meus seios. Ele abaixou a cabeça, apenas o suficiente para levar um dos meus mamilos entre os lábios. Eu gemi com o contato e em resposta, ele alcançou meu outro mamilo com uma das mãos, começando a rolar suavemente entre os dedos.

A estimulação quase parecia demais, com a mão de Zachary entre minhas coxas e a boca de Charlie em meu peito. Embora eu pensasse que poderia durar mais um momento, se realmente tentasse me concentrar em não gozar tão cedo para eles. No entanto, foi provado que eu estava errada quando os dedos de Zachary escorregaram por baixo do tecido da

minha calcinha, antes que ele começasse a pressionar um dedo dentro de mim.

Porra.

Estremeci e Zachary empurrou outro dedo dentro de mim também. Eu descaradamente andei em seus dedos, querendo que ele pressionasse contra o meu ponto G, querendo gozar contra sua mão. Eventualmente, consegui exatamente o que queria, sentindo as pontas dos dedos de Zachary roçarem naquele local especial, e perdi completamente toda a aparência de controle.

Cheguei com força contra a palma de Zachary, sentindo que meus pulmões também estavam sem fôlego. Mas Zachary não parou de me tocar, enquanto eu lutava para respirar fundo. Em vez disso, ele roçou seu pau duro contra a minha bunda, continuando a mover os dedos dentro de mim.

—Qual de nós você quer transar primeiro? Tudo bem se a resposta não

for eu. Zachary riu levemente. —Mesmo assim, eu adoraria ir primeiro, se é isso que você quer.

— Eu não...Eu não sei... — Estava começando a ficar tão difícil de pensar, quando uma eletricidade familiar começou a inchar em minhas veias. Eu estava presa em uma bela névoa nebulosa, e meu corpo estava implorando por mais. — Por favor...

— Por favor, o que?

— Por favor, me foda — eu choraminguei. — Por favor, me toque.

— Você ouviu a mulher, Charlie — respondeu Zachary. — Você quer ir primeiro?

— Eu poderia ir primeiro. — Charlie sorriu para mim. —Se é isso que você quer, Celeste.

Eu balancei a cabeça, incapaz de dizer outra palavra, minha mente tão focada no prazer que irradiava do meu corpo.

Eu também não disse nada quando Charlie puxou as calças e a cueca, deitado no chão. Instintivamente, me

inclinei para me agachar sobre seu corpo, movendo casualmente minha calcinha para o lado. Eu lentamente me empurrei para baixo no pau de Charlie, levando-o para dentro de mim centímetro por centímetro delicioso.

Parecia que era minha segunda natureza, estar no lugar contra Charlie. Mesmo movendo meus quadris contra os dele parecia tão perfeito e natural, eu imediatamente caí no nosso padrão habitual. Ele gostou mais devagar no início, com uma velocidade cada vez mais rápida, e foi exatamente isso que eu fiz. E quando seu pau deslizou cada vez mais fundo dentro de mim, eu não pude deixar de gemer quando seu eixo pressionou contra o meu ponto g.

Isso era tão bom pra caralho.

Estar com Charlie sempre me senti tão bem.

Eu gemi novamente quando Charlie agarrou minha cintura, me mantendo no lugar quando ele começou a empurrar seus quadris para cima,

mudando o ritmo como quisesse. Mas meus gemidos foram interrompidos pela sensação do pau de Zachary passando pelos meus lábios, a ponta do seu eixo agora repousando na minha língua.

— Desculpe. Você estava fazendo muito barulho. — Zachary sorriu de cima. — Achei que isso poderia ajudá-la a ficar quieta, pelo menos por um tempo.

Mesmo com o pau de Zachary na minha boca, eu assenti em resposta. Comecei a balançar a cabeça para cima e para baixo no eixo de Zachary, saboreando o sabor do seu pau, do jeito que estava tão quente na minha boca. Eu nunca diria a Zachary em um bilhão de anos, mas eu adorava dar-lhe cabeça. Eu amei o jeito que ele me fez sentir um pouco submisso, mesmo que o envio não estivesse em nenhum lugar do meu DNA.

Eu estava ficando mais molhada, quanto mais eu chupava o pau de Zachary, o que tornava muito mais fácil

continuar cavalgando no pau de Charlie, logo abaixo de mim. Cheguei cada vez mais perto da beira de outro orgasmo, enquanto Charlie me fodia constantemente, e o pau de Zachary ameaçou alcançar o fundo da minha garganta. Eu gemi contra o eixo de Zachary, quando outro orgasmo se moveu através de mim, fazendo minha buceta apertar em torno do pau de Charlie, o que por sua vez o fez gozar dentro de mim também.

Charlie deu um suspiro agradecido, olhando para mim. — Você é tão linda, Celeste. Tão linda pra caralho.

— Minha vez. — Zachary interrompeu o momento, puxando seu pau para fora da minha boca. — E, visto que estamos na sala de treinamento, há algo que eu sempre quis fazer com você, Celeste.

— O que? Algo além de lutar até a morte? — Eu sorri.

— Surpreendentemente. — Zachary sorriu de volta. Ele agarrou minha cintura, me afastando completamente

de Charlie. Desajeitadamente caí de quatro.

O pau duro de Zachary deslizou dentro de mim. Eu gemi com a sensação, tendo que morder meu lábio para não gritar de prazer. Era tão difícil manter a voz baixa quando eu estava sendo fodida assim, tomada pelos homens que eu amava.

Bem, tomada por quase todos os homens que eu amava.

Eu queria olhar para Benjamin, me perguntando se ele estava em algum lugar no canto, sem interesse em me tocar mais. Tristeza me atingiu. Mas não tive muito tempo para pensar nisso, quando Zachary colocou a mão embaixo do meu queixo, direcionando minha atenção para o espelho colocado na parede em frente a nós.

Oh

Eu tinha uma visão perfeita de Zachary atrás de mim, do jeito que ele parecia enquanto empurrava seu pau dentro de mim uma e outra vez. Eu também tinha uma visão perfeita de

mim sendo fodida por Zachary, o rubor da minha pele, o suor se acumulando perto da minha testa, a forma como meu rosto se contorceu quando ele atingiu o lugar certo.

— Porra... Isso é tão quente... — Eu admiti, enquanto Zachary continuava a empurrar seus quadris contra os meus. — Caralho... Zach...

— Você gosta quando eu te fodo, não é? — A pergunta de Zachary saiu como um gemido. — Você gosta quando estou dentro de você, assim?

Eu assenti atualmente incapaz de formar qualquer palavra, minha boca sendo usada apenas para choramingos e gemidos. Comecei a mover meus quadris contra Zachary também, encorajando-o a ir ainda mais fundo, o mais fundo que podia. E ele parecia estar seguindo minhas sugestões, seu eixo pressionando contra mim tão perfeitamente que eu senti que poderia morrer de prazer enchendo minhas veias. Não demorou muito tempo para eu explodir contra ele, ondas rolando

pela minha pele enquanto eu gritava, o nome de Zachary repetia repetidamente na minha língua.

Quando tudo foi dito e feito, Zachary de brincadeira me deu um tapa na bunda, antes de sair de mim. — Porra, Celeste. Isso nunca vai envelhecer, não é?

— Nunca. — Eu sorri para ele no espelho, sentando nos meus tornozelos. Voltei minha atenção para Benjamin, que estava encostado na parede da sala de treinamento. Havia uma protuberância óbvia em suas calças e eu queria desesperadamente ser a única a ajudá-lo com isso.

Eu me levantei, lentamente fazendo o meu caminho até ele. Eu não queria forçá-lo a nada, e se ele realmente não estivesse pronto para ser íntimo comigo novamente, então eu teria que me contentar com a minha energia angelical estar a meio mastro.

Mas, para minha surpresa, assim que cheguei ao corpo de Benjamin, ele me agarrou pelos quadris e pressionou

minhas costas contra a parede. Ele passou os braços embaixo das minhas pernas, antes de me levantar contra a parede, completamente, sua boca rapidamente encontrando a minha.

Benjie.

Meu Benjie.

Mesmo que seus movimentos tivessem me chocado, eu não fiquei chocada pela maneira gentil com que suas mãos acariciaram minha pele, deslizando suas mãos contra minha coxa. E eu nem fiquei chocada com o jeito que ele lentamente entrou lentamente em mim, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Quando ele começou a balançar suavemente contra mim, levando o seu tempo, fazendo-me sentir a mulher mais preciosa do universo, eu me vi chorando levemente no ombro de Benjamin. Eu tentei cobrir o barulho com gemidos, mas não adiantou. Tinha que ficar óbvio que eu estava chorando, que estava fungando e tremendo contra o corpo de Benjamin.

Benjamin parou seu movimento contra mim, sussurrando no meu ouvido: — O que há de errado, Celeste? Você quer que eu pare?

— Não — eu sussurrei de volta. — Eu quero que você continue, para todo o sempre.

— Eu não sei sobre para sempre, Celeste. — Benjamin me ofereceu um sorriso caloroso.

— Eu também não — respondi, dando-lhe um leve aceno de cabeça. — Por favor. Continue. Por favor.

Benjamin continuou seus movimentos contra mim, seu pau deslizando dentro de mim, e eu coloquei meu rosto de volta em seu ombro. Quando ele gozou dentro de mim, mesmo quando eu entrei em seu pau, eu não conseguia parar o fluxo de lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas.

Parecia o fim.

Uma parte de mim sabia que tinha que ser o fim de qualquer maneira,

especialmente se meu plano ia dar certo como eu queria.

Eu não poderia ficar com Benjamin, Zachary ou Charlie, não se quisesse salvar a superfície, não se quisesse salvar a academia.

Quando Benjamin finalmente me largou da parede, enxuguei minhas últimas lágrimas, não querendo que os outros vissem o quanto meu coração estava partido.



— *Te custodiat cor tuum.*

Eu sentei ao lado do corpo adormecido de Charlie, minha mão segurando seu coração. Eu assisti, quando o brilho das minhas mãos começou a penetrar sob sua pele, fazendo com que sua caixa torácica brilhasse também.

Quebrar o vínculo entre Charlie e eu era algo que Trinity e eu conversamos várias vezes. Eu estava preocupada com ele ser usado contra mim, seja na tentativa de me controlar ou apenas para me machucar. E o mais importante de tudo, eu queria que ele estivesse livre do controle de Ashmedai, o que significava que Charlie não podia ter permissão para manter sua

capacidade de se mover entre a superfície e o inferno.

Se ele estava seguro, ele tinha que ser humano novamente, de uma vez por todas.

Se eu tivesse perguntado a ele, ele teria recusado. Ele teria insistido em manter nosso vínculo, querendo me manter em segurança, querendo ficar por perto enquanto eu precisasse dele ao meu lado. Mas eu também sabia que o que eu faria a seguir teria que ser um empreendimento solo, ou então não iria funcionar.

Eu não poderia arriscar a vida de mais ninguém. Não do Charlie. Não de Benjamin. Não de Zachary.

Eu tinha que ser o único sacrifício.

Não foi assim que Michael fez funcionar?

E Deus, eu precisava disso para funcionar.

Uma vez que o brilho desapareceu por baixo da pele de Charlie, eu me levantei e comecei a sair da sala de treinamento. Mas antes que eu pudesse

chegar à porta, senti alguém me agarrar pelo braço.

Eu já sabia quem era mesmo antes de me virar.

— Você tem certeza de que este é o único caminho? — Zachary sussurrou na escuridão da sala.

— Do que você está falando? Você nem sabe para onde estou indo agora. — Eu tentei jogar. — Volte a dormir, ok?

— Não. Eu sei para onde você está indo. — O tom de Zachary era sério. — E eu sei que você não vai voltar. Se você acha que eu não te conheço agora, Celeste, você está completamente errada.

— É o único caminho — eu admiti. — Sinto muito, Zach, mas preciso.

— OK. — Zachary soltou meu braço, balançando a cabeça. — Então quem sou eu para tentar impedi-la de salvar o mundo?

— Você pode apenas... — Fiquei sufocada enquanto tentava

responder. — Você pode apenas dizer a Benjie e Charlie que eu os amos? Que eu amo tanto vocês três? E eu sinto tanto, desculpa.

— Vou dizer a eles que você os ama, mas não estou dizendo nada sobre você se arrepender. — Zachary sorriu. — Porque você não deveria se arrepender. Eu acho que todos nós sabíamos que você era o tipo de mulher que não estaríamos segurando por muito tempo. Eu só... Gostaria que tivéssemos um pouco mais de tempo.

— Sim. Eu também — admiti, descansando a mão no ombro de Zachary. — Vejo você mais tarde, Zach.

— Sim, mas apenas no caso de você não... — Zachary se inclinou, pressionando seus lábios nos meus.

Voltei à moção, saboreando o momento, sabendo que seria a última vez que eu beijaria Zachary Lancaster.

Quando ele se afastou, ficou quieto, voltando para a escuridão da sala de treinamento. Fiquei quieta também, enquanto saía, mantendo todos os

meus pensamentos e opiniões para mim. Parecia que eu queria dizer algo, mas não havia mais nada a dizer.

Era como se a hora no relógio tivesse acabado completamente.



— Abaddon. Posso falar com você em particular? — Eu fiquei na frente dos príncipes, olhando entre cada um deles.

Ashmedai e Belphegor estavam no meio de uma discussão acalorada, mas parecia que eles estavam falando em um idioma que eu nunca tinha ouvido, então não fui capaz de decifrar a conversa deles.

Abaddon parecia entediado em seu trono, olhando pela janela da cafeteria. Ele também não se preocupou em voltar sua atenção para mim, antes de responder: — O que você quiser me dizer, pode dizer na frente dos outros.

— Isso não. — Tossi para limpar a garganta, tentando chamar sua atenção novamente. — É sobre meus pais.

Eu estava mentindo, mas precisava deixar Abaddon sozinho. Era a minha única chance de corrigir as coisas, proteger as pessoas na superfície e os anjos na academia.

— Eles estão me desafiando pelo trono? — Isso pareceu despertar a curiosidade de Abaddon, seus olhos brilhavam na minha direção.

— É complicado.

— Complicado?

— Sim. Em camadas. — Eu dobrei minha mentira. — E acho que é algo que deve ser mantido o mais próximo possível do colete.

— Tudo bem então. Como quiser. — Abaddon acenou com a mão e Ashmedai e Belphegor de repente pararam de discutir. Eles se levantaram de seus lugares ao lado dele, antes de silenciosamente saírem da cafeteria.

— Agora, Celeste, sobre o que você queria conversar comigo?

— Sim, eu menti sobre essa parte. Desculpe. — Afastei a espada de Michael do meu lado, mantendo-me em uma posição de luta. — *Auxilium*.

A espada de Michael virou ouro em minhas mãos, sua lâmina brilhando na escuridão da sala.

— Ah? Então, não são seus pais que vieram me desafiar pelo trono. É você. — Abaddon riu. — Talvez o Conselho estivesse certo. Talvez a duplicidade simplesmente ocorra na sua família.

— Não é duplicidade. Eu nunca pedi para estar envolvido em sua guerra. Especialmente do seu lado. — Eu continuei. — Mas você e Trinity basicamente insistiram.

— Sim, insistimos que você defendesse sua família e sua casa, e agora você quer nos punir por isso. — Abaddon suspirou. — Você é mais parecida com os anjos do que imagina.

— Errado. Eu não sou nada como os anjos. E também não sou como os demônios. — Eu dei um passo mais perto de Abaddon. — Eu sou apenas

eu. Eu sou apenas Celeste. E estou apenas fazendo o que precisa ser feito.

— Tem certeza de que deseja me desafiar, garota? — Abaddon levantou-se de seu trono, seu olhar fixo em mim. — Eu te aviso. Quando você perder, encontrará um final doloroso. Mais doloroso do que qualquer coisa que você já conheceu.

— Vá em frente. — Foi a última coisa que disse antes de atacar Abaddon com a espada de Michael. Ele habilmente se esquivou do ataque e, embora eu não tivesse visto suas mãos se afastarem dele, agora as senti se fecharem apertadas em volta da minha garganta.

Soltei a espada do meu punho, instintivamente trazendo minhas próprias mãos para a garganta, tentando afastar a palma da mão de Abaddon. Quando meus esforços para remover o aperto dele não funcionaram, eu silenciosamente pedi a energia angelical em minhas mãos, pressionando minha pele contra a de Abaddon.

Quando minha garganta começou a brilhar em ouro, Abaddon afrouxou o aperto, sibilando enquanto se afastava de mim.

— Esse é um pequeno truque — Abaddon zombou. — Você aprendeu isso com o próprio Michael?

Peguei a espada de volta do chão, mais uma vez entrando em uma posição de luta. — Não. Sou praticamente autodidata quando se trata de coisas assim.

— Bem, truques de salão não vão te salvar, Celeste Venoix. — Abaddon continuou. — Embora, será uma pena perder um talento tão jovem e brilhante.

— Será uma pena perder um velho talento como você também. — Fui para cima de Abaddon pela segunda vez, mantendo minha espada nivelada com o peito. No entanto, desta vez Abaddon desapareceu completamente da minha vista, minha lâmina bateu contra nada enquanto cortava o ar.

E então, eu senti. A maneira como o ar ao meu redor parecia azedar,

impossível de respirar. A maneira como plumas de fumaça envolvia meus braços, minhas pernas, meu peito. Isso me lembrou muito o ataque de Belphegor, e eu brevemente me perguntei se esse era um método comum para os demônios, uma maneira fácil de vencer em uma luta. Parecia que eu estava sendo espremida por toda parte, a ponto de quebrar, meus ossos resistentes à fumaça pesada e pesada.

Mas, felizmente, devido à minha experiência com Belphegor, eu sabia que havia apenas uma coisa que precisava fazer.

— *Solis Ortus!* — Eu gritei a oração, e a fumaça derreteu longe da minha pele, quando um raio de pura luz disparou da minha espada iluminando toda a sala e afastando toda a energia demoníaca restante.

— Hmm. Nunca ouvi isso antes.
— Abaddon parecia divertido, olhando-me de onde ele agora estava no canto da

sala. — O céu parece ser bastante cooperativo com você.

— Sim, provavelmente porque estou do lado certo da história. — Eu balancei minha espada por cima do ombro, tentando me equilibrar mais uma vez. — Eu pensei que você era o príncipe da ira, Abaddon.

— Príncipe da Ira. Agora, rei do inferno — ele esclareceu.

— Então, por que você está com tanto medo de uma briga? — Eu respondi. — Você nunca bateu em alguém com uma espada?

— A ira é mais usada como estratégia do que como ação direta, Celeste — explicou Abaddon. — Se eu atacasse todas as almas com a mesma energia, não sobraria nenhuma para mim.

Ele olhou para mim, seus olhos agora ardendo em vermelho. — Mas com você... Com você vou fazer uma exceção.

As luzes piscaram na lanchonete e vi como uma espada parecia crescer das

próprias mãos de Abaddon. Sua lâmina era preta, retorcida e torcida, e eu sabia que se algo assim chegasse muito perto de mim, causaria completa agonia.

Supondo que eu não sangrei primeiro.

— *Abscondam* — eu sussurrei baixinho para minha própria espada, e ela desapareceu da sala. Tive a sensação de que Abaddon não estava interessado em uma luta justa, então parecia não haver sentido em segurar visivelmente minha arma.

Além disso, eu queria tentar Abaddon. Eu queria que ele pensasse que tinha uma chance real de ganhar isto.

Queria que ele me subestimasse completamente.

Como eu esperava, assim que a espada de Abaddon apareceu totalmente em suas mãos, ele desapareceu da sala novamente. Eu me preparei para o impacto de sua espada contra a minha pele, não me movendo do meu lugar, esperando o que eu

imaginava que seria a pior dor do mundo.

A lâmina de Abaddon deslizou na minha pele por trás.

Covarde.

Eu queria gritar, mas guardei minha voz para o meu movimento final. Em vez disso, virei-me para Abaddon e retornei o favor, apunhalando minha espada agora invisível em sua carne demoníaca.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, e eu observei a fumaça negra se afastar rapidamente de sua pele, como se sua própria essência estivesse se revelando no ar entre nós. Ele olhou para mim, uma expressão confusa nublando seu rosto. — Por que você não está dizendo as palavras para me prender? Você não ganhou contra mim?

Olhando Abaddon direto nos olhos, falei minhas próximas palavras.

— *Cor meum.* Você é meu coração.

— Não — Abaddon sussurrou baixinho, antes que sua voz subisse na cafeteria. — Não! Não!

— Quando eu morrer, você morre.
— Eu continuei. — Quanto tempo você acha que vai levar para eu sangrar pelo jeito que você me apunhalou pelas costas, aliás? Eu não me importo de morrer, mas porra, eu odeio uma morte lenta.

— Celeste! Você deve reconsiderar! — Abaddon sibilou. — Se você ou eu perecermos, podemos perecer sem alma. Para onde devemos ir na vida após a morte...

— Esse é o ponto — respondi, começando a me sentir um pouco tonta com a perda de sangue. — Você não precisa de uma vida após a morte, Abaddon. Existem lacaios em número suficiente na superfície para fazer o seu lance pelos próximos mil anos.

— E você? Você não tem medo de morrer? — Abaddon zombou. — Você e sua miríade de amantes. Você está preparado para deixar todos eles para trás?

— Se isso significa tirar você do trono, sim, eu estou — respondi. — Se

isso significa garantir que todos na superfície estejam a salvo de suas besteiras? Sim. Eu estou.

Estremeci, tanto pela dor física quanto pela constatação de que nunca mais veria nenhum dos homens que amei. Nem Benjamin nem Zachary poderiam sobreviver a uma visita ao Inferno, com sua energia angelical impedindo-os de permanecer ali por mais de alguns segundos cada. E desde que eu removi o vínculo entre Charlie e eu, ele também não seria capaz de fazer nenhuma viagem ao Inferno, nosso relacionamento foi essencialmente rompido.

— Você não precisa fazer isso... — Abaddon tentou barganhar. — Vou descer do trono. Devolverei ao seu legítimo líder...

— Sim. Foi mal cara. É um pouco tarde para isso. — Eu o parei antes de soltar outra oração. — *Ostendo*.

O punho da minha espada estava novamente visível na minha mão, embora a lâmina ainda estivesse

alojada no estômago de Abaddon. Eu rapidamente tirei a lâmina de sua pele, puxando a espada em direção ao meu peito.

— Espera! Espera! — Abaddon implorou, enquanto segurava as mãos sobre o buraco no abdômen.

— Vejo você no inferno. — Tentei aliviar a situação, antes de mergulhar minha espada profundamente em minha própria caixa torácica, logo puxando-a direto para o meu coração.

E então, eu estava morta no chão.



Afogamento.

Eu estava me afogando.

Senti a água enchendo meus pulmões.

Tentei nadar para longe dela, tentei mover meus braços o suficiente para não precisar mais sentir uma sensação tão horrível, mas não adiantou. Eu não conseguia parar de me afogar. Também não conseguia parar o desamparo que me atingiu, pois percebi que ia morrer.

Merda.

Eu realmente ia morrer. Isso não fazia parte do meu plano, mas também não era a pior coisa que poderia ter acontecido. E talvez fosse melhor assim mesmo.

Eu queria viver sem amor? Que tipo de pessoa eu seria, se tudo que eu

conhecia fosse o inferno, cercado por energia demoníaca e não mais capaz de orar ou chamar a luz em minhas veias?

Fechei os olhos, quando a água nos meus pulmões estava começando a me pesar, afundando-me na escuridão que se aproximava abaixo. Logo eu perderia a consciência, uma pequena bênção que veio com o afogamento até a morte. Eventualmente, meu corpo desistiria da luta, e eu seria capaz de escapar e ir para um lugar que nunca tinha estado antes.

Ou talvez eu tivesse.

Meus pensamentos voltaram ao céu, depois que Trinity me incentivou a tocar a porta que aparentemente pertencia aos anjos e juízes, podendo andar por onde eles haviam andado.

Havia alguma chance de eu ir para o céu?

Não era algo em que eu passava muito tempo pensando. Certamente eu iria para o inferno e passaria o resto dos meus dias ao lado da minha família.

Mas se eu tivesse ido para o céu, não é de admirar que meus planos tenham sido completamente filmados. Eu não tinha planejado para o céu.

Quem já fez?

— Celeste? Celeste! — Meu pai gritou por mim através das ondas. Eu reconheci sua voz, mas não o via porque não via nada. Meus olhos estavam fechados contra a água.

— Meu amor, o que você fez? — Era a voz da minha mãe agora. — Oh, Celeste... Celeste...

Continuei minha descida até o fim da minha vida, mesmo quando meus pais me chamavam debaixo da água.

Mas já era tarde demais.

Eu senti como se já estivesse morta.



Eu não estava mais me afogando.

Eu não sabia quanto tempo fazia desde que eu estava debaixo d'água, mas agora eu era capaz de sentir o ar

no meu rosto e a sensação da minha pele quando recebi algo além da frieza e umidade de alguém. Dos lagos do inferno.

— Você é uma criança tão tola. — Lilith apareceu em cima de mim, a mão apoiada na minha testa. — Insensata. Assim como seu pai.

— Eu não diria “tola”, Lilith. Mais como inovador. — Meu pai apareceu acima de mim também, o rosto em uma linha reta. — Embora, você o cortou bem perto, minha filha. Nós poderíamos ter perdido você para sempre.

— Eu só... Eu precisava... — Lutei para falar, me sentindo tão fraca que mal conseguia falar. — Eu precisava morrer. Eu tinha que estar morta. Era a única maneira de garantir que o vínculo funcionasse. A única maneira de derrotar Abaddon para sempre.

— Para o bem? — Lilith perguntou. — Você descobriu uma maneira de derrotar um dos príncipes do inferno para sempre?

— Sim. — Eu balancei a cabeça, com tanta força quanto pude reunir. — Eu apenas tive que ligá-lo à minha alma. E então, eu tive que morrer.

— Ah. Então, você o eliminou por procuração — respondeu Lúcifer.

— Ele e os outros príncipes também.

— Os outros príncipes também? — Lúcifer perguntou.

— Sim. — Suspirei, sentindo meu corpo como se tivesse sido atropelado por um caminhão. — A linhagem dos demônios. É por isso que queria vincular Abaddon a mim. Imaginei que o vínculo poderia ter sido passado através deles, uma vez que eles são tão inerentemente ligados um ao outro. Foi isso?

— Hmm. Talvez sim — respondeu Lilith. — Não vejo um príncipe do inferno aqui em meses.

Meses?

— Meses? — Eu expressei meus pensamentos em voz alta. — Espera. Há quanto tempo estou aqui?

— Quanto tempo você acha que leva para voltar dos mortos? — Minha mãe riu levemente. — Você estava naquele lago, até ser totalmente restaurada. O que você fez com seus órgãos, o que você fez com seu coração... Foi quase o suficiente para fazer sua mãe chorar.

— Quase. — Lúcifer assentiu. — Mas conseguimos nos manter fortes. Nós sabíamos que íamos recuperá-la algum dia, por mais que demorasse.

— Estou curada agora? — Hesitei em perguntar. — Ou há algo sobre mim que eu preciso saber?

— Como o quê?

— Como se eu estivesse perdendo um braço ou tivesse uma cabeça extra. — Eu fiz uma careta. — Eu não consigo imaginar ficar naquele lago por tanto tempo me fez algum favor, fora você sabe, me trazendo de volta à vida.

— Você está perfeitamente bem. — Lilith sorriu. — E tão bonita como sempre, meu amor.

— Não poderíamos estar mais orgulhosos de você ou do seu sacrifício. — Lúcifer sorriu também. — É por isso que sua mãe e eu tomamos uma decisão.

— Uma decisão?

— Sim, como os príncipes do inferno não são mais uma preocupação atual, decidimos retomar nosso lugar como realeza em nosso reino. — Lúcifer continuou. — No entanto, agora está mais claro do que nunca que eu não pretendo mais governar esse lugar.

Meu pai curvou-se sobre o joelho ao meu lado, antes de olhar de volta para o meu rosto. — Você, minha filha, Celeste Venoix. Você agora é nossa rainha.

— Rainha Celeste. — Minha mãe levou a mão à boca enquanto fungava. Ela ficou de joelhos também, curvando-se do outro lado de mim. — Como sempre foi feito para ser. Você sempre foi para ser nossa rainha, meu amor.

— Mas eu não quero ser a rainha do inferno — eu admiti. — Quero dizer, eu estou bem morando aqui, mas eu nunca esperava...

— E é por isso que você será o líder perfeito. — Meu pai assentiu. — Sua falta de desejo de poder a manterá focado no bem-estar da corte, e não em quão longe você pode estender seu alcance.

— E o que acontece se eu disser não?

— Você não pode dizer não. É o seu direito de nascença. — Lilith sorriu. — Mesmo se você negar, os demônios ainda seguirão para onde você lidera. Esse é o seu lugar, Celeste. Você lidera. Outros seguem.

— Posso ter um minuto para pensar sobre isso? — Eu perguntei, mantendo minha voz baixa.

— Um minuto pode muito bem ser tudo o que você tem. — Lilith levantou-se do chão, estendendo a mão para Lúcifer. — Venha, Lúcifer. Vamos dar um pouco de espaço a nossa filha,

deixá-la se acostumar com o raro ar de rainha.

— Sim, bem, se ela é parecida com a mãe, ela aceita isso como um encanto. — Lúcifer sorriu de volta para Lilith, pegando-a pela mão. Os dois saíram da sala, tendo uma conversa quase inaudível um com o outro.

Porra.

Porra. Porra. Porra.

Que porra é essa?

Garantir que Abaddon e os outros príncipes estivessem fora da superfície fazia parte do plano. Passar meses em um lago? Não fazia parte do plano. Acordando e me dizendo que eu seria a nova rainha do inferno? *Não faz* parte do plano.

Parecia que eu também não tinha escolha. O dado já havia sido lançado e eu estava acordando a tempo de fazer minha parte. Uma sensação de pavor percorreu minha espinha enquanto eu pensava sobre o que significaria representar o Inferno daqui em diante.

Eu teria sido autorizado a voltar à academia novamente?

Mesmo que eu aparecesse na superfície, Benjamin ou Zachary teriam permissão para se encontrar comigo sem violar alguma regra angelical?

Charlie seria capaz de ficar um minuto na minha presença, sem a energia demoníaca afetando-o muito adversamente?

Parecia um pesadelo se tornando realidade.

Mas por outro lado...

Talvez minha mãe estivesse certa. Talvez fosse assim que deveria ser, comigo no trono, vigiando o inferno. Meus pensamentos foram para Trinity, e o quanto ela ansiava pelo trono que eu acabara de ganhar. Se eu não fosse a líder, se eu recusasse isso significava que Trinity poderia tomar o meu lugar?

Não.

Mesmo que ela fosse minha irmã e estivéssemos cada vez mais próximas, eu ainda não confiava nela

completamente. Suas ambições pareciam usar gasolina pura, fazendo com que ela desejasse coisas à custa das pessoas ao seu redor. Quero dizer, porra, ela já tentou me matar uma vez quando eu decidi que não iria me juntar ao lado dela na guerra contra o Céu e o Inferno.

Merda.

Realmente parecia que eu tinha que ser a única a assumir esse papel, mesmo que eu não tivesse interesse nele. Parecia outro sacrifício, desta vez sendo feito para que o Inferno pudesse permanecer intacto. E porque não? Eu já tinha salvado a superfície com um sacrifício, por que não fazer alguém para manter minha casa aqui também segura?

E assim, foi acertado então.

Eu seria a nova rainha do inferno, gostasse ou não.

Afastei-me do que parecia ser algum tipo de cama improvisada, completa com lençóis, mas sem qualquer colchão adequado. Decidi contar a boas novas a

meus pais, que eu estaria interessada em continuar com o manto de sua liderança.

Mas enquanto eu os seguia pela porta, algo estranho aconteceu com a minha pele. Ou pelo menos, parecia que algo estranho estava acontecendo. Eu poderia jurar que alguém estava tentando enfiar um cabide nas minhas costas, mesmo que eu não sentisse dor. Estendi a mão em direção à minha coluna superior, confusa com a sensação nos meus ossos.

Eu nunca tinha sentido algo assim antes.

Curiosa, escolhi ir para a sala de estar dos meus pais, ciente de que havia um grande espelho que minha mãe adorava usar logo acima do piano de cauda. Eu rapidamente afastei o tecido que estava em volta do meu peito, um pouco úmido com sangue vermelho e vermelho.

Eu quase gritei de surpresa quando me vi no espelho.

Quando finalmente vi minhas asas.

Elas eram lindas, mas eu me perguntava se eles eram estranhos. Uma delas era branco e puro como a neve recém caída e a outra preta escuro como a noite. Elas me emolduravam perfeitamente, quase como se eu os tivesse encaixado no meu corpo.

Mas por que agora?

Por que não fui capaz de ver minhas asas até que aparentemente deixei a academia muito atrás de mim?

Eles eram um presente de Deus?

— Suas asas... — A voz de minha mãe encheu a sala quando ela ficou ao meu lado no espelho. — Eles são... Diferentes do que eram antes.

— Elas costumavam ser brancas, certo? — Eu perguntei porque não tinha muita certeza, nunca as vi por mim mesmo até esse momento. — Acho que Benjie costumava me dizer isso.

— Sim. — Minha mãe assentiu. — Mas agora, eles são ainda mais bonitos. Parece que finalmente encontrou seu lugar, sua paz.

Ela sorriu e sua expressão voltou para mim através do espelho. — Mas ainda falta algo.

— O que?

Minha mãe sorriu novamente, antes de estender as mãos na frente da cintura. Alguns segundos depois, uma coroa de jóias apareceu em suas mãos, completa com diamantes e rubis. Apertei os olhos para ver melhor a coroa e logo notei que não era uma coisa estática. Nosso símbolo de família, uma cobra prateada, envolvendo-se repetidamente nas costas de um anjo, deslizando entre suas asas douradas, adornando seu lado.

Assim como o símbolo havia adornado minha lâmina original, antes que eu descobrisse a espada de Michael.

— Para você. — Minha mãe suspirou antes de colocar cautelosamente a coroa na minha cabeça. — Sempre foi para você, meu amor.

Lilith deu um pequeno beijo na minha bochecha e depois se virou e saiu da sala.

Esperei um momento ou dois, ainda admirando minhas asas recém-descobertas e minha coroa recém-descoberta no espelho antes de seguir logo atrás dela.



— Você vai usar algo branco ou preto na sua cerimônia de coroação?
— Minha mãe me chamou do quarto dela.

Eu estava polindo um dos punhais antigos do meu pai, evitando cuidadosamente sua lâmina. Eu estava em casa pelo que pareciam meses agora, insegura da quantidade exata de tempo que se passou desde a minha descida.

Era também o dia da coroação, comigo oficialmente assumindo o meu papel de rainha do inferno. No entanto, era difícil para eu ficar empolgada com isso, sabendo que isso significava o fim da minha vida na superfície. Mesmo assim, essa parte da minha vida já

parecia morta desde que eu estava separada dos homens que amava por tanto tempo.

— Eu não sei. Você sabe que eu realmente não me importo com esse tipo de coisa. — Dei de ombros, enquanto colocava a adaga de meu pai de volta no lugar contra a parede.

— Ah, não, não, não. Pelo que pude ver você na superfície, você se importa muito com *esse tipo de coisa*. — Minha mãe riu. — Não há razão para ser humilde sobre isso aqui em baixo, meu amor. Além disso, o reino vai querer que você tenha o melhor visual, especialmente se tivermos próximas reuniões com os anjos.

— Reuniões com os anjos? — Eu perguntei.

Minha mãe apareceu na esquina do meu quarto, segurando um vestido branco com babados.

— Sim meu amor. De que outra forma você acha que guerras como essa são resolvidas?

— Mas não houve guerra — expliquei. — Eu parei, antes que os príncipes pudessem ir mais longe.

— Sim, mas isso não significa que a guerra *acabou*. — Minha mãe suspirou. — Existem tratados a serem assinados. Acordos a serem feitos. E não se esqueça, você deve decidir o que fazer com os príncipes também.

— Eles não estão apenas... Mortos?

— Não. — Minha mãe balançou a cabeça. — Enquanto o pecado sobreviver na superfície, os Príncipes do Inferno sobreviverão aqui, de uma maneira ou de outra. No entanto, os que você feriu com Abaddon estão extremamente enfraquecidos e os outros ainda estão presos por pelo menos um século.

— Posso escolher não fazer nada com eles? E apenas deixá-los onde estão?

— Claro. — Minha mãe sorriu. — Inação é sempre uma opção. Nunca deixe ninguém lhe dizer algo diferente.

— Ah, e eu não estou usando isso a propósito. — Eu apontei para o vestido.

— Mas eu pensei que você não se importava com o que vestir? — Minha mãe brincou. — E agora, de repente, você é uma fashionista de coração?

— Eu gostaria de algo menos... Vistoso — respondi.

— Como o que, querida? O que você consideraria uma roupa apropriada para uma ocasião tão importante?

— Bem, eu acho que se eu vou ser a Rainha do Inferno, então eu provavelmente deveria me vestir como eu quiser, certo?

— Certo. Dentro da razão.

— Dentro da razão. — Eu balancei a cabeça antes de sair do quarto.

— Celeste? Celeste! Aonde você vai? — minha mãe me chamou.

— Oh. Só vou ver se consigo encontrar uma jaqueta legal.



Eu estava em uma rocha alta e irregular com um mar de demônios reunidos debaixo de mim. Estávamos em uma parte mais brilhante do inferno, que ainda tinha um brilho geralmente vermelho, mas de alguma forma parecia mais calmo e mais otimista do que o inferno normalmente parecia. Alguns dos demônios pareciam pesadelos horríveis, com olhos negros e pele translúcida, enquanto outros pareciam pessoas comuns, olhando para mim e me oferecendo seus sorrisos mais gentis.

Embora engraçado o suficiente, meu pai havia me avisado que aqueles que pareciam pessoas normais eram duas vezes mais cruéis e três vezes mais mortais.

Minha mãe estava ao meu lado, um sorriso orgulhoso grudado em seu rosto. A expressão do meu pai era estoica, enquanto ele estava atrás de mim, mantendo um olho na multidão abaixo. E minhas asas estavam à mostra, encaixando-se perfeitamente

nos buracos que eu havia cortado em uma velha jaqueta de couro que encontrei na casa dos meus pais.

Meu pai me disse que Charlie havia trazido para mim. Aparentemente, ele o encontrou em uma venda de quintal ou algo assim, e ele o pegou comigo. Era incrível que, mesmo quando ele estava sendo usado como soldado no inferno, ele ainda achava tempo para pensar em mim, sua mente ainda se perguntando se eu teria amado essa jaqueta de couro.

Eu o amava mais do que a própria vida, sabendo que estava nas mãos de Charlie, sabendo que era a última peça dele que eu já teria.

— Seu discurso, meu amor — Minha mãe sussurrou. — Agora seria a hora de dar.

— Oh. Certo. — Eu balancei minha cabeça, voltando ao momento, minhas mãos tremendo levemente com meus nervos. — Hum, Povo do Inferno... Eu... Celeste Venoix... Filha de Lilith e Lúcifer, oficialmente estou aceitando o

título de Rainha. É o meu direito de primogenitura, pois faz parte da minha linhagem, e seria uma honra incrível liderar todos e cada um de vocês...

— Você não é a única que reivindica o trono.

Um silêncio caiu sobre a multidão de demônios e eles se separaram para abrir espaço quando alguém saiu das sombras.

Trinity.

Eu não a via desde que saí da superfície. Ela parecia quase a mesma que eu me lembrava exceto que agora havia uma ferocidade atrás de seus olhos, enquanto ela se aproximava cada vez mais de onde eu estava.

—E o que você pensa que está fazendo, irmã? — Trinity perguntou, olhando para mim. — É assim que você me paga por tudo que eu fiz por você?

— Trinity, é o meu direito de nascença — enfatizei. — Sou a próxima na fila do trono.

— Você é a próxima na fila por nada!
— Trinity gritou. — Você nunca cuidou

de sua casa aqui e, de repente, é uma mulher do povo.

— Trinity...

— Encontrei sua espada, irmã. Aquele que pertencia a Michael e depois a nosso pai. O que você deixou tão negligentemente para trás. — Ela continuou. — Da mesma maneira que você deixaria para trás todos nós, se tivesse outra chance de viver na superfície.

— Eu nunca abandonaria o inferno. Não se isso significasse deixá-lo com você ainda aqui. — Eu estreitei meus olhos para Trinity. — Tudo o que você faria é nos matar.

— Não finja como se você se importasse! — Trinity gritou. — Não finja que você já quis alguma parte disso!

— Trinity. Controle-se — sugeriu minha mãe.

— Não! Não! — Trinity gritou novamente. — Ela não consegue usar minha coroa!

— Não é sua coroa, filha — respondeu Lúcifer.

— Ainda não. — Trinity balançou a cabeça, voltando o foco para mim. — Celeste, eu desafio você pelo trono.

— Desafia-me pelo trono? — Eu disse. — O que você quer dizer? Como uma luta até a morte ou algo assim?

— Sim. Precisamente. — Trinity manteve seu olhar no meu.

Que porra é essa?

Não havia como passar por algo assim. — Trinity. Não aceito seu desafio.

— Infelizmente meu amor, você não tem escolha. — A voz de Lilith soou como se houvesse algo preso em sua garganta. — Você deve dar a ela uma chance de ascender ao título de rainha, mesmo que isso signifique...

Minha mãe fez uma pausa antes de soltar um suspiro alto. — Mesmo que isso signifique que apenas uma de vocês volte para casa para mim.

— Trinity. Eu imploro a você. Abandone seu desafio — disse

meu pai. — Pense no que isso pode fazer com sua mãe.

— Sim, eu estou bem ciente do que isso pode fazer com minha mãe, se ela perder sua filha favorita — zombou Trinity. — Mas também estou ciente do que acontece quando me torno rainha, e peço desculpas à mãe, mas minhas ambições parecem mais urgentes para mim do que o seu pesar perdido.

— Trinity. — Eu tentei argumentar com ela novamente. — Por quê? Por que você quer tanto isso?

— Simples — respondeu Trinity. — Porque é meu.

Ela deu um passo para trás antes de continuar. — Vamos nos encontrar novamente, a cada hora. Você pode trazer qualquer arma que escolher.

E com isso, Trinity desapareceu na multidão. Tentei procurá-la entre o mar de rostos, mas isso se tornou impossível, com minha mente meio distraída pelo som dos gritos de minha mãe e pela hesitação que causou meu coração bater no ritmo do peito.

Eu ia ter que matar minha irmã.

Não era a primeira vez que eu estava nessa encruzilhada exata, isso foi antes de eu conhecer Trinity tão bem e não era para acontecer na frente de nossa mãe, na frente de nossos pais.

O que Trinity estava pedindo era cruel de qualquer maneira, se nossa mãe tinha ou não que me assistir morrer ou ela.

Irritou-me que ela parecesse tão determinada a forçar minha mão, a me fazer participar de seu joguinho doentio.

— Eu preciso emprestar uma arma.
— Voltei-me para o meu pai, que segurava minha mãe nos braços.

— Você pode usar qualquer coisa que eu tenho em casa. Qualquer coisa
— respondeu Lúcifer, puxando minha mãe ainda mais perto de seu abraço.



— Você não precisa fazer isso — eu sussurrei no caminho para Trinity, que estava do outro lado do que parecia ser um poço sem fundo. No entanto, eu sabia que havia algo no fundo, a propósito, os gritos emanavam frequentemente de seu âmago.

— Sim. Eu tenho. — Trinity suspirou. — Você não tem ideia de como tem sido para mim, Celeste, crescendo na sua sombra. Mesmo antes de saber quem você era... Eu pude sentir sua presença, ao meu redor, sobra no ar e nas paredes. Como minha própria mãe lamentou por você.

— Então, é disso que se trata? — Eu balancei minha cabeça. — Você só quer chamar a atenção da mãe ou algo assim?

— Ah não. Eu já passei por muito tempo precisando da atenção da mãe. — Trinity sorriu. — E já te disse várias vezes, Celeste. Isso é sobre o trono.

— E quais são suas intenções com isso?

Trinity sorriu, olhando para mim. — Você nunca ficou curiosa sobre como essa guerra começou? Começar com?

— O que você quer dizer?

— Você não se pergunta como os Príncipes do Inferno foram capazes de quebrar as correntes de Michael? Como eles conseguiram encontrar você tão facilmente na cidade? — Trinity continuou. — Escolhi um lado Celeste, há muito tempo. E pretendo morrer lutando por essa causa também.

— Mas não. Você não poderia ter... —Minhas palavras sumiram quando tentei pensar em meus encontros com os príncipes.

E foi aí que meus olhos se arregalaram com a realização. A primeira vez que vi Trinity em ação, foi quando eu estava tentando encontrar uma fonte de energia demoníaca, que por acaso era Belphegor. No entanto, lembrei que ele havia me dito que estava esperando alguém, ou pelo menos parecia que alguém estava atrasado para uma reunião com ele na superfície.

Trinity.

Minha pele ficou fria quando outra realização me atingiu. —Garry?

— Quem? — ela perguntou.

— Você... Foi você quem incendiou o Garry's Funhouse? O bar em que eu costumava trabalhar? — Eu esclareci. — As correntes de âmbar que encontramos nas cinzas... Você queria que pensássemos que um dos príncipes do inferno estava por trás desse ataque. Mas por que?

— Eu precisava te acordar. — Trinity deu de ombros. — Eu precisava colocar você em ação e precisava que você fosse contra os príncipes.

— Mas foi você quem falou sobre eles vencendo a guerra e governando ao lado deles.

— Hmm. Sim. Eu acreditava que, por um tempo, teríamos que governar lado a lado. — Trinity assentiu. — Pelo menos até você e eu descobrirmos uma maneira de derrubá-los.

— Você é... Você é pura maldade, não é? — Eu murmurei. — Você vê alguma coisa errada com o que fez?

— Eu fiz o que tinha que fazer — respondeu Trinity. — A mesma coisa que você fez irmã.

— Não somos as mesmas. — Minhas palavras saíram baixas, antes de puxar uma das lâminas do meu pai para longe da bainha ao meu lado, deslizando-a em minhas mãos.

— Ah. Vejo que você encontrou a pequena coleção de lâminas do pai. Trinity sorriu, enquanto sua mão descia para sua própria arma. — E veja o que eu achei por mim.

Ela puxou a lâmina e eu imediatamente reconheci suas marcas.

Espada de Michael.

— Você disse que ia me dar, lembra? Depois que você terminou de derrotar os príncipes? — Trinity suspirou. — Mas, infelizmente, você desapareceu, exatamente quando os príncipes também desapareceram. E eu

estava tão preocupada que a espada se perdesse para sempre.

— Qual é a verdadeira razão pela qual você queria a espada, Trinity?

— Eu perguntei. — Eu já sei como você se sente sobre artefatos angelicais.

— E você também já sabe por que eu também queria a espada — respondeu ela.

— Não. Eu não sei.

— Sim, você faz.

— Eu prometo a você, eu não tenho nenhuma ideia do caralho quando se trata de você.

— Pense muito sobre sua última viagem ao inferno, Celeste. — Trinity suspirou. — O que você colocou aí?

— Eu dirigi a lâmina de uma espada pelo meu peito.

— Qual espada?

— Michael.

— E você morreu. — Trinity focou em mim, enquanto falava as palavras. — Você morreu.

— Sim? E?

Trinity sorriu. — Eu só queria ter certeza de que você estava preparada para morrer novamente.

Essa foi a última coisa que Trinity disse antes de me atacar com a espada de Michael. A lâmina logo encontrou lâmina, enquanto eu usava a adaga de meu pai para empurrar contra a arma sagrada de Trinity. Claro, porque a espada dela era muito maior que a minha adaga, sua lâmina cortou minha pele, fazendo com que minha mão gotejasse rapidamente com meu sangue.

Mas assim que soltei um grito de dor pela lesão, Trinity também gritou. Eu olhei para ela e vi que a espada de Michael havia caído de sua mão. Em seu lugar, havia um buraco, que parecia quase queimar através de sua pele.

— Trinity? — Eu perguntei com preocupação, mesmo sabendo que ela me queria morta. Era um sentimento complicado, ambos querendo que ela estivesse segura, mas percebendo que,

enquanto estivesse viva, eu seria a insegura.

— Mesmo no inferno... Parece que sou indigna... — Trinity riu, mas parecia tão sem vida e vazia. — Mesmo no inferno, a espada pertence apenas a você.

— Isso não me pertence. Pertence a Michael... — Parei de falar enquanto olhava para a espada.

Parecia tão diferente.

Pelo menos desde a última vez que eu vi. Agora, em vez do Michael *Quis ut Deus?* Gravada na prata, havia algo mais gravado ao longo da lâmina.

In absentia lucis, Tenebrae vincunt.

A mesma frase que estava gravada na frente da academia. A mesma frase que tinha sido martelada em mim, quase desde o primeiro momento em que entrei por suas portas.

Quando olhei para o punho da espada de Michael, vi outra coisa. Uma cobra familiar e um anjo familiar, a mesma imagem que viveu e soprou em minha coroa e a primeira espada de

todos os tempos que eu também obtive da academia.

Esta não era mais a espada de Michael.

Era minha.

Em algum lugar entre Trinity me desafiando ao trono, e ela me cortando com a lâmina da espada, parecia que tinha passado por uma transformação.

Inclinei-me para pegar a arma e parecia que não pesava nada na minha mão, como se fosse apenas uma extensão do meu braço. Eu nunca tinha sentido nada parecido, nunca me sentindo tão em paz com uma espada antes.

— O que você vai fazer agora, irmã?
— Trinity perguntou, enquanto segurava a mão machucada na palma da mão. — Você vai dar o golpe final? Me levar para o bem?

— Eu não posso te matar, Trinity — eu admiti. — Mesmo que eu quisesse. Eu não poderia fazer isso com mamãe.

— Mas você tem que. — Os olhos de Trinity se encheram de lágrimas enquanto ela falava. — Essas são as regras. Desde que eu oficialmente a desafiei pelo trono, apenas um de nós pode voltar para casa.

— Eu sou a rainha agora. Eu posso mudar as regras. — Eu balancei minha cabeça. — E eu não vou matar minha própria irmã.

— Por que não? — Trinity riu enquanto fazia a pergunta. — Por que não me mata Celeste? Você sabe que eu nunca vou ser leal a você ou à sua coroa. E na primeira oportunidade, vou tentar tirar tudo de você, tudo de novo. É como se eu não pudesse me ajudar. É como se estivesse no meu sangue ser... Contrário a tudo que você é.

— Eu sei — respondi. — Mas isso não é culpa sua. Você foi criada no inferno. Claro, você odeia tudo relacionado ao céu. Claro, você também me odeia. Mas eu ainda não vou te matar. Você é minha irmã.

— Você poderia parar de ser tão boa? Só apenas por um momento? — As palavras de Trinity saíram com muita dor por trás delas. — Você não poderia ser a criança de ouro apenas o tempo suficiente para eu imaginar que deveria ser eu, que deveria ser minha, o tempo todo?

— Ainda pode ser nosso. — Estendi minha mão para a própria Trinity. — Se você quer estar ao meu lado, Trinity, você pode estar. E você deveria estar. Mas não seremos ditadores ou opressoras malucas. Nós vamos governar o inferno, da maneira que deveria ser governada. E não vamos entrar em guerra com o céu, só porque você acha que podemos.

— Eu não posso estar ao seu lado, Celeste— admitiu Trinity. — Eu não posso estar ao lado de ninguém. Eu tenho que estar sob meu próprio domínio.

— Podes tentar. — Inclinei-me ainda mais para Trinity, com minha mão

ainda estendida. — Por favor. Para mim? Para mãe?

— Eu sinto muito. — Trinity balançou a cabeça, enxugando as lágrimas da bochecha. — Eu sinto muito. Não posso. Eu sinto muito.

— Trinity? — Eu chamei o nome dela, enquanto a observava começar a se afastar de mim, seus pés ficando perigosamente perto do lado do poço sem fundo. — Trinity. Espera. O que você está fazendo...

— Vejo você do outro lado, irmã. — Trinity me ofereceu um sorriso final, antes de virar as costas para o poço e começar a cair livremente em direção ao esquecimento.

— Trinity! — Eu gritei atrás dela, espiando minha cabeça sobre o lado do poço. Não havia nada lá, exceto trevas e gritos, a luz parecendo não penetrar nas profundezas abaixo. Eu gritei por ela novamente, mesmo sabendo que ela não podia me ouvir.

Não sobre o som de gemidos de outras pessoas e gritos desesperados.

Embora eu tivesse a sensação de que Trinity não havia morrido de sua queda. Eu não tinha a sensação de que ela era o tipo de pessoa que se machucava, mas parecia que ela havia se retirado propositalmente da situação.

Talvez ela simplesmente não quisesse causar mais danos e não sabia mais o que fazer para parar. O pensamento trouxe lágrimas aos meus próprios olhos quando percebi que minha irmã poderia ter feito algo de bom pelo inferno, a única maneira que ela sabia.

Ela se foi.

E então, eu estava sozinha.



Voltei para a casa dos meus pais, minha coroa intacta e minha espada ao meu lado.

Minha mãe estava esperando lá fora, encostada na porta da frente. Havia uma expressão de preocupação estampada em seu rosto, quando ela me olhou de cima a baixo. — Celeste... Você não...

— Eu não fiz. Eu não — respondi à pergunta que ela não tinha feito completamente. — Trinity está segura. Eu acho que. Ela só queria fugir de tudo.

— Ela disse quando estava voltando?

— Não — eu respondi em um tom plano. — Não tenho certeza de que ela volte, mãe. E isso pode ser o melhor.

— Sim, pode ser o melhor. — Lilith assentiu, deixando escapar um pequeno suspiro.

— Mesmo assim. Ainda vou arrumar um lugar para ela na mesa. Talvez um dia ela volte para casa e talvez esteja de melhor humor.

— Talvez mãe. Talvez — concordei, antes de passar por minha mãe e seguir em silêncio em direção a casa.



— E quanto a Agares?

— Ele é um pouco velho para mim, pai.

— Bem. Que tal Choronzon?

— Muito pretensioso.

Eu estava sentada à mesa do jantar com meu pai, que estava lendo uma lista de todos os solteiros elegíveis do Inferno. Como era muito incomum uma rainha governar sem um rei ao seu lado, eu estava à mercê da opinião pública, com demônios questionando minha capacidade de liderar por conta própria.

Era irritante como o inferno que as pessoas pensassem que eu precisava de um homem apenas para ser uma líder que valesse a pena, mas parecia que meus pais haviam dado o tom, com a suposição de que Lúcifer serviu como o racional em seu relacionamento, e Lilith forneceu paixão e emoção.

Era totalmente apenas um monte de besteira sexista, mas eu não estava aqui para derrubar o sistema ou fazer grandes mudanças. Eu estava apenas tentando manter tudo junto, fazendo o meu melhor para impedir o fim do mundo. E se isso significava fingir entreter um demônio ou dois, dar-lhes a falsa esperança de um dia ser um rei do inferno, então eu estava disposta a jogar o jogo.

No entanto, eu não estava disposta a doar meu coração. Talvez fosse porque eu pudesse ver minhas asas hoje em dia, ou talvez a espada de Michael de alguma forma se tornasse minha, mas eu consegui reter minhas memórias da superfície melhor do que

nunca. À noite, sonhei com eles, Charlie, Benjamin e Zachary. E durante o dia, eles prenderam minha atenção também, enquanto eu me perguntava o que eles estavam fazendo na academia, como eles haviam se saído.

Eu sempre, sempre rezei para que eles fossem felizes.

— Bem! Que tal Naamah?

— Não é a irmã da minha mãe?

— Não. Ela é minha amiga, mas você está certa. Seu pai falhou. — Minha mãe apareceu ao meu lado com um copo de água. — Eu acho que ele quis dizer Namtar?

— Ugh. Você quer que eu saia com um demônio da morte?

— Não é culpa dele que ele seja um demônio da morte. — Meu pai suspirou. — Você sabe que não temos escolha em como nascemos, Celeste. Além disso, ele é um homem perfeitamente educado. Ele sempre foi gentil comigo.

— Espera. Eu acho que ele já pode ser casado... — minha mãe disse

suavemente. — Ah sim. Está certa. Ele é casado com Hushbishag.

— Bem. Então isso deixa Orobas. O homem não pode mentir. Ele seria um marido perfeito para Celeste — sugeriu meu pai.

— Só porque um homem não pode mentir, não significa que ele é um companheiro perfeito. — Minha mãe suspirou.

— E por que minha querida, você está ajudando nossa filha a recusar seus possíveis pretendentes? — Meu pai balançou a cabeça. — Vocês duas fizeram um acordo pelas minhas costas?

— Eu só quero que ela seja feliz. — Minha mãe então descansou a mão no meu ombro. — Por que ela não deveria estar? Ela desistiu de sua vida na superfície para nos manter seguros. O mínimo que ela merece é passar os dias na companhia de alguém que ela admira.

— Sim, e sem ofensa, pai, mas nenhum desses caras parece ser um

verdadeiro vencedor para mim — murmurei. — Não que eu fosse contra namorar um demônio ou algo assim. É só que... Nenhum deles está chamando minha atenção...

Minhas palavras foram interrompidas pelo que parecia uma sensação de queimação, rastejando rapidamente sobre cada centímetro da minha pele. Eu gritei de dor, quando me levantei da mesa de jantar, meus olhos indo para as minhas mãos. Tudo parecia o mesmo, com meus dedos ainda intactos. E, no entanto, o fogo que ardia em minhas veias continuou aparentemente destruindo tudo em seu caminho.

— O que está acontecendo comigo? — Minhas palavras saíram rapidamente, quando minha respiração se transformou em um suspiro desesperado por ar. Era difícil me concentrar em obter oxigênio suficiente nos meus pulmões. Era difícil me concentrar em qualquer coisa, pois uma

luz familiar e ofuscante apareceu atrás dos meus olhos.

Quando os mantive fechados, tudo o que vi foi aquela luz.

Mas quando os abri novamente, eu estava de volta ao inferno, com minha mãe e meu pai me encarando, com os próprios olhos arregalados de medo.

E, finalmente, a luz ofuscante venceu e eu caí no chão, sem nunca tocar o chão.



Céu.

Lembrei-me deste lugar. Lembrei-me do sentimento leve, e da maneira bonita como o coro dos anjos cantava.

Mas por que eu voltei aqui?

Eu não tinha passado por nenhuma porta angelical. Eu não tinha estado em torno de energia angelical por quem sabia há quanto tempo, e não havia uma reunião com os anjos na minha agenda por tão cedo. Eu olhei ao redor do lugar, mas tudo que eu pude ver foi a luz branca penetrante, tornando difícil ver qualquer coisa além de seu brilho.

Celeste Venoix.

Havia uma voz de homem dentro da minha cabeça, embora eu não pudesse vê-lo.

— Sim? — Eu respondi, levantando a mão em direção aos meus olhos, tentando o meu melhor para bloquear um pouco da luz que enchia todas as partes do céu.

Você salvou o mundo.

— Quero dizer, mais ou menos? — Eu continuei. — Eu realmente não parei nenhuma guerra futura na superfície ou algo assim. Apenas parei aquela entre o Céu e o Inferno. O mundo ainda pode acabar a qualquer dia.

Hmm. Ela me disse que você seria humilde sobre sua contribuição.

— Eu não estou sendo humilde. Só estou lhe dizendo a verdade. — Dei de ombros. — Fiz o melhor que pude, mas não fui tão boa quanto Michael ou qualquer coisa. Na verdade, você provavelmente poderia dizer que eu era muito pior.

O que faz você dizer que era pior?

— Porque meu pai é Lúcifer, minha mãe é Lilith e atualmente sou a rainha do inferno? — Eu respondi. — Eu nunca

seria uma pessoa santa, não importa o quanto eu tentasse. Mas eu ainda queria manter as pessoas com quem me importava em segurança.

Os anjos com quem você se importava.

— Sim. Os anjos. — Eu assenti. — Se você quer ser super específico.

A Sra. Deveraux me contou sobre você.

— Ela te contou sobre mim? — A confusão alinhou meu tom. — Espera. Aconteceu alguma coisa com a Sra. Deveraux? Ela está bem? Ela está *aqui*?

Ela está bem.

— Oh. Bom. — Suspirei de alívio. — Então... Por que ela estava falando com você sobre mim, afinal?

Porque ela queria fazer uma troca.

— Uma troca?

Uma alma para uma alma.

— Eu não entendo.

Ela se ofereceu como sacrifício, e tudo por você, Celeste Venoix. E agora pesei a transação e decidi que está tudo bem.

— Eu sinto muito. Quem é você de novo?

Você pode me chamar de Gabriel.

— Oh. Gabriel. Prazer em conhecê-lo. — Eu sorri. — Eu li muito sobre você nas minhas aulas.

E então, uma realização de repente me atingiu. — Espera. Você pesou a transação? O que isso significa?

Isso significa que as almas podem ser trocadas. A transação pode ser concluída.

— Eu ainda não tenho ideia do que você está dizendo agora. Você está tentando-me dizer que vou trocar de *alma* com a Sra. Deveraux?

Não, mas você vai trocar de lugar. Ela entrará na vida após a morte e você voltará à superfície.

— E era isso que ela queria? Ela queria entrar na vida após a morte? — Eu fiz uma careta. — Isso significa que ela tem que morrer?

Não. Ela nunca conhecerá a morte.

— Oh... — Eu tentei entender a situação, mesmo que estivesse ficando

mais complicada a cada minuto. — E o que acontece se eu disser não?

Se você recusar, a transação não será concluída e as duas permanecerão nas estações originais.

— Espera. Antes que você decida...
— Havia a voz de outro homem, desta vez em voz alta e não apenas falando comigo através de meus próprios pensamentos.

Eu me virei para olhar para o homem e, estranhamente, a luz parecia ricochetear em sua pele. Ele era a única figura que pude distinguir no céu e meu queixo quase caiu no chão quando pude ver quem ele era.

Michael.

Putá merda.

— Você é Michael. — Era tudo o que eu era capaz de dizer, completamente arrasado da cabeça aos pés.

— Sim. E você é Celeste Venoix. — Michael sorriu para mim. — Ouvi dizer que você fez uma bagunça com esses príncipes do inferno?

— Sim, bem. Eu fiz o meu melhor.

— Eu só queria conhecê-la.
— Michael sorriu para mim novamente, estendendo a mão. — Imaginei que a garota que salvou o mundo era alguém que vale a pena conhecer.

Eu lentamente peguei a mão de Michael na minha, dando uma leve sacudida. — E conhecê-lo é como conhecer literalmente todas as celebridades na superfície de uma só vez, então acho que vale a pena conhecer também.

— Ah. Você é engraçada. —
Evangeline disse o mesmo.

Evangeline.

Nome da Sra. Deveraux.

Eu sorri, sentindo que tinha acabado de obter confirmação oficial de que minha teoria sobre Michael e a Sra. Deveraux estava certa o tempo todo. Meu sorriso então aumentou ainda mais quando eu finalmente descobri o que estava acontecendo agora.

— Sra. Deveraux... ela queria trocar de lugar, para poder voltar para casa,

não é? — Eu perguntei. — Quero dizer, tenho certeza que ela queria que eu voltasse à superfície também, mas não sei se as preocupações dela sobre mim teriam tornado suas orações fortes o suficiente para tudo isso.

— Sim. — Michael assentiu. — Evangeline e eu estamos separados há muito tempo. Eu ficaria feliz em tê-la no céu comigo, mas essa decisão é sua e não estou interessado em influenciá-la, de um jeito ou de outro.

— Se eu concordar em voltar à superfície... — Pensei na pergunta, antes de expressar a Michael. — O que acontece com o inferno? Ainda posso ir visitar minha família?

Eu sabia que ao assumir o título de Rainha do Inferno, eu também havia abandonado meus direitos de visita à superfície. Foi uma maldição que veio com o território, sendo incapaz de visitar o mundo acima, condenada ao inferno e sendo forçada a continuar o legado e o destino de Lúcifer.

No entanto, eu estava preocupada com o contrário também. Eu estava preocupada que, uma vez que eu concordasse em voltar à superfície, meus direitos de visita ao inferno seriam revogados e eu não seria mais capaz de visitar minha família.

Eu estava tão cansada de fazer sacrifício após sacrifício.

— Claro — respondeu Michael. — Você é livre para andar entre os mundos, Celeste Venoix. Céu. Inferno. Superfície. Essa transação simplesmente a coloca de volta ao seu devido lugar.

— Meu lugar apropriado? — Eu perguntei. — E onde seria isso?

— Com aqueles que você ama. — Michael sorriu. — Evangeline me contou sobre isso também.

— Você... quando estava usando a espada... — Fiz uma pausa, antes de continuar. — Já levou mais de uma pessoa?

— Você quer dizer que eu já precisei amar alguém além de Evangeline?

— Michael sorriu novamente. — Não, mas o amor é diferente para cada coração, Celeste. Para alguns, um coração pode ser preenchido com apenas um amor. Para outros, eles são abençoados o suficiente para ter mais amor para compartilhar.

— OK. Eu vou completar a transação. — Desviei o olhar de Michael, tentando localizar Gabriel em algum lugar do céu que nos cercava.

Bom. Então está resolvido. A transação está concluída.

— Espere, eu pelo menos digo adeus à minha família...

Essa mesma luz ofuscante encheu meus olhos mais uma vez, fazendo com que o mundo ao meu redor ficasse tão brilhante que eu não conseguia ver nada.



Eu estava caindo.

Rápido e implacável.

Eu tentei procurar minhas asas, tentei fazê-las me empurrar junto com o ar, querendo ficar entre as nuvens. Mas não estava funcionando. Parecia que meu corpo não estava respondendo a mim, como se eu estivesse de algum modo separado dos meus próprios desejos e vontades.

Continuei minha queda, olhando para o céu acima. Tinha que ser hora da manhã, porque havia pássaros cantando ao vento. Era um belo dia de sol que eu poderia ter apreciado mais se não parecesse que estava prestes a encontrar minha própria morte.

No entanto, uma vez que eu tinha passado das copas das árvores, minha

queda começou a desacelerar quase até uma parada completa. E uma vez que pude sentir a grama debaixo das minhas costas, fui suspensa em movimento, a apenas alguns centímetros do chão. Eu aproveitei a oportunidade para gentilmente colocar meus pés em direção à grama, firmando-me enquanto olhava em volta para ver onde havia pousado.

E bem ali, ao longe, lá estava.

Angel Academy.

E antes que eu tivesse tempo de recuperar o fôlego, eu já estava correndo em direção a sua fachada, meus pés se movendo tão rápido que parecia que estava voando.



Cinco anos depois

— E seu pai gerou seu pai e seu pai gerou... outra pessoa... — Eu estava diante de uma nova classe de anjos lendo minhas anotações. — Eu olhei para os meus alunos, enquanto soltei um suspiro enorme.

— Eu vou ser honesta. Essa parte sempre foi super chata para mim — eu admiti. — Sr. Toorin tentou fazê-la parecer interessante, mas não é. Apenas não é.

Coloquei as anotações na minha mesa, encostando-me ao lado. — Então, há mais alguma coisa sobre a qual alguém queira conversar? Literalmente qualquer coisa. Considere isso um mini Q&A.

Em resposta aos meus esforços para iniciar uma conversa, fui recebida com um monte de olhares em branco.

Fantástico.

— Escute, eu sei como é para você, chegando de novo, de olhos arregalados e animado. Você está pronto para mudar o mundo. — Eu continuei. — E é assim também que eu sei que você precisa ter um monte de perguntas. Quero dizer, vamos lá. É a sua primeira semana na academia. Não há nada que você queira saber?

Uma garota perto do fim da sala levantou a mão em direção ao ar, e eu assenti, encorajando-a a expressar qualquer pergunta que tivesse para mim.

— É verdade que você parou uma guerra entre o céu e o inferno? — Ela perguntou calmamente. — Meus pais me disseram que sem você, a academia teria sido destruída.

— Sim, eu acho que sim. — Dei de ombros.

E a turma respondeu com um ruído coletivo e impressionado.

— Mas não deixe isso entrar em sua cabeça. — Eu levantei um dedo como um aviso. — Esperar que as pessoas sejam melhores do que são é como acabamos com sonhos esmagados e expectativas arruinadas. Lembre-se, ninguém precisa ser perfeito para ser um anjo. Eles só precisam ter um bom coração.

Sorri para mim mesma ao lembrar as palavras da sra. Deveraux, as que ela me disse há muito tempo.

— Podemos usar jaquetas assim? — outro aluno perguntou, apontando para a minha roupa. — Eu pensei que era contra o código de vestimenta.

— É contra o código de vestimenta — respondi. — Mas como estou na equipe da academia, não preciso seguir as mesmas regras que vocês.

— Na verdade, acho que sim. — O aluno franziu o cenho.

— Ele está certo, você sabe. — Benjamin entrou na sala de aula,

com a mão estendida com uma pasta bege. — Alunos e professores devem seguir o código de vestimenta.

— Hmm. Talvez eu descubra isso no próximo ano ou dois. Ou cinco. Ou dez. — Peguei a pasta em minhas próprias mãos, oferecendo um sorriso para Benjamin. — Classe, tenho certeza de que vocês já tiveram a chance de se encontrar com nosso novo reitor, Benjamin Nash, o sexto. Ele também era oradorda minha turma.

— Não sei se eles precisavam dessa informação — sussurrou Benjamin.

— Não. Eu acho que isso os faz respeitar mais você — eu sussurrei de volta. — Anjos adoram vencedores.

Benjamin riu levemente, oferecendo à turma um pequeno aceno. — Vejo vocês todos na assembleia amanhã à tarde.

— Tchau, Dean Nash! — uma aluna chamou, uma sensação de desejo evidente em seu tom.

Ha.

Nunca ficou velho. Havia uma nova aluna no coração de Benjamin quase todos os anos desde que eu lecionava na academia, e nenhuma delas percebeu que só porque ele não estava usando um anel no dedo, isso não significava que ele também era solteiro.

— Alguma outra pergunta para mim? — Eu perguntei à turma. — Antes de eu deixar vocês irem embora.

— Sim, como sabemos se realmente devemos estar aqui? — A pergunta veio de uma garota na primeira fila, com um olhar triste no rosto. — Quero dizer, eu só descobri que sou um anjo há algumas semanas. E esse lugar... esse lugar é muito. Talvez eu deva estar no mundo real, sabe? Com o resto dos humanos, eu acho.

Eu dei alguns passos em direção ao seu assento, inclinando-me para ela. — Qual é o seu nome novamente?

— Abigail.

— Abigail... — Eu balancei a cabeça quando um sorriso apareceu em meu rosto. — Você deveria estar aqui.

— Como você sabe disso com certeza?

— Porque na minha experiência, as pessoas que sentem que não deveriam estar aqui são as que mais precisamos aqui. — Eu me certifiquei de que nossos olhos se encontrassem, antes de falar minhas próximas palavras. — Lembre-se, Abigail. Você não precisa ser perfeita.

— Você só precisa ter um bom coração. — Ela repetiu minha frase de antes, quando a tristeza pareceu se afastar de suas feições. — Eu acho que posso fazer isso. Obrigada, Srta. Venoix.

— A qualquer momento, Abigail. A qualquer momento.



— Esquerda! Esquerda! — Zachary gritou no topo de seus pulmões com a espada estendida na frente dele. —

Você não está me ouvindo? Ou há algo que o distraia da lição de hoje?

— Desculpe, Sr. Lancaster — um estudante pediu desculpas.

— Sim, desculpe senhor. Podemos fazer melhor da próxima vez.

— Da próxima vez? — Zachary zombou, aproximando-se de um de seus alunos. — Você entende o que está em jogo aqui? Vidas das pessoas. Demônios e possessão demoníaca não lhe dão uma segunda chance. Pode não haver uma *próxima vez*. Não para você. E não para a pessoa que você está tentando salvar.

Ele olhou em volta para a sala de treinamento, balançando a cabeça.

— Terminamos por hoje. Vamos tentar novamente amanhã. Considere descansar uma noite inteira e rezar para que não haja um ataque demoníaco durante a noite. Nenhum de vocês sobreviveria a isso.

Eu assisti enquanto os alunos de Zachary saíam de sua classe, deprimidos e deprimidos. Quando eles

se foram, eu me aproximei dele perto da frente da sala de treinamento, um olhar crítico já no meu rosto.

— Você não precisa ser tão duro com eles, você sabe. É a primeira semana deles.

— E? — Zachary respondeu. — Você acha que os demônios que estão por aí se importam se é a primeira semana ou não, Celeste? Eles não serão mais agradáveis com eles por causa disso. Eles precisam ser capazes de se defender.

— Compreendo. — Suspirei. — Mas eu juro, é como se você se tornasse uma pessoa diferente quando ministra essas aulas.

— Oh, por favor. Eu estava tão duro com você quando você chegou aqui e veja como você se saiu. — Zachary sorriu. — Acho seguro dizer que meus métodos são bastante eficazes.

— Sim. Talvez sim... — Eu deixei minhas palavras sumirem, antes de puxar facilmente a arma de Zachary, logo apontando sua lâmina para perto

de seu peito. — Hmm. Você abaixa a guarda. Novamente.

— Não baixe a guarda — explicou Zachary. — Eu simplesmente não considero você uma ameaça.

Ele rapidamente deu um passo em minha direção, antes que a parte de trás de sua bota colidisse contra a minha mão, derrubando sua espada no chão. Depois, ele a pegou novamente e, em seguida, calmamente o colocou de volta na bainha ao seu lado.

— Quando você vai me desafiar para uma luta justa, Zachary Lancaster? — Eu perguntei com um sorriso. — Sinto falta dos nossos dias de luta. Não é?

— Na verdade não. — A resposta de Zachary foi plana. — Além disso, acho que fazemos brigas suficientes no quarto, hoje em dia...

— Zach! — Eu o cortei, balançando a cabeça. — Você não pode dizer coisas assim tão alto. E se um dos alunos ouvir você?

— Você quer dizer, e se um dos alunos descobrir que o professor está atualmente em um relacionamento?

— Zachary levantou uma sobrancelha. — Acho que você está esquecendo o quanto pouco essas crianças se importam com o nosso dia-a-dia. Quando éramos estudantes aqui, você se lembra de ter se perguntado *uma vez* quem o Sr. Toorin estava namorando?

— Não.

— Exatamente. — Zachary deu de ombros. — Ninguém se importa, Celeste. Todo mundo está muito ocupado para se importar.

— Eu ainda vou te ver hoje à noite, não vou? — Eu perguntei. — Para o negócio de Charlie?

— Claro. Eu não perderia a coisa de Charlie pelo mundo. — Zachary sorriu. — Benjie ainda está indo também?

— Sim. Eu acho que sim — respondi. — Parece que vai ser um assunto de família.

— Parece que sim. — Zachary respirou fundo antes de continuar. — Agora, se você me der licença. Eu preciso me lembrar da posição adequada para segurar um par de estrelas ninjas. Alguns dos alunos da turma júnior estão perguntando sobre diferentes tipos de armas.

Estrelas ninja.

A menção da arma imediatamente me trouxe de volta a Trinity, de volta a vê-la cair em um poço sem fim. Eu me perguntei para onde ela foi depois disso, ainda não ouvindo uma palavra dela desde então. E mesmo quando eu fui visitar o Inferno para ver meus pais novamente, Trinity nunca foi encontrada em lugar algum.

Meu pai, que havia sido restaurado como o legítimo rei do inferno depois que eu fiz minha transição de volta ao mundo da superfície, até lançou uma equipe de busca por ela, vasculhando o mundo em busca de qualquer vestígio de Trinity. Infelizmente, até agora, não havia sido útil.

Ela se foi e parecia não haver nada que qualquer um de nós pudesse fazer para trazê-la de volta.

— OK. Vejo você mais tarde.
— Acenei adeus a Zachary, saindo apressadamente da sala de treinamento, querendo ficar o mais longe possível da memória da minha irmã perdida.



— E agora, Charlie Collins, CEO da Celestial Enterprises!

Benjamin, Zachary e eu sentamos no meio de uma das maiores multidões que eu já vi. Era para uma conferência de tecnologia, aparentemente uma das maiores do país, e recebemos o que ainda contava como assentos na primeira fila, mesmo estando algumas fileiras atrás.

Havia apenas *tantas linhas*.

Charlie logo subiu ao palco, ao som de aplausos arrebatadores. Ele levou

um momento para oferecer um arco de brincadeira à multidão, ajustando o microfone perto da boca e subindo ao pódio do interlocutor.

Eu não conseguia parar o sorriso no meu rosto enquanto olhava sua roupa escolhida para sua apresentação. Ele estava vestindo um terno que eu havia escolhido para ele, mas ele parecia ter usado uma gravata que Benjamin havia lhe oferecido esta manhã e um par de sapatos que Zachary sugeriu que completassem o visual.

Naquele momento, parecia que estávamos todos no palco com Charlie também, de uma maneira ou de outra.

— Posso ser sincero com você por um momento? Só por um segundo? — Charlie olhou para a multidão.

Sua pergunta foi recebida com um grito retumbante, com alguns participantes chegando ao ponto de gritar a palavra *sim* em sua direção.

— Eu odeio fazer essas apresentações. — Charlie riu.

O resto da multidão riu com ele. Ele ficou em silêncio enquanto voltava a atenção para eles.

— Mas fazer essas apresentações é como saio da minha zona de conforto. E aprendi, por experiência própria, que você precisa sair da sua zona de conforto se quiser fazer algo extraordinário com a sua vida. Estar confortável é legal e tudo, mas desconfortável...

Charlie soltou um assobio alto. — É assim que você cria uma empresa. E esse sentimento também não vai desaparecer. Vai ficar cada vez pior, e talvez um dia comece a melhorar. Mas provavelmente muito mais tarde do que você imagina.

Outra risada da multidão.

— De qualquer forma, eu não vim aqui para lhe dar uma conversa animada. Tenho certeza que você já ouviu o suficiente disso dos caras no corredor, vendendo seus seminários nos estandes. — Charlie continuou. — Estou aqui apenas para falar sobre o

aplicativo mais recente da Celestial Enterprises. Eu sei, o que o cara do aplicativo de namoro tem a oferecer além de outro aplicativo de conexão, certo? Bem, olhe para a tela em 3, 2, 1...

Depois que Charlie terminou sua contagem regressiva, a sala ficou totalmente preta.

Eu dei toda a atenção à apresentação de Charlie, como uma sensação de orgulho brotando no meu peito. Eu sempre soube que Charlie faria grandes coisas, e lá estava ele, fazendo exatamente isso. Fiquei feliz em ver o quão satisfeito ele se tornou nesses últimos meses, quando suas ferramentas de desenvolvimento de software decolaram completamente, dando a ele a chance de fazer o tipo de trabalho que ele sempre quis fazer e ser o tipo de homem que ele sempre quis ser.

— Que música é esta? — Zachary sussurrou em minha direção, enquanto acenava com a cabeça em um ritmo que tocava nos alto-falantes acima de nós.

— Eu acho que é um dos amigos de Charlie. Uma das bandas deles — respondeu Benjamin por mim, com a cabeça concordando com a música também. — Mas eu não tenho certeza. Sempre podemos perguntar a ele sobre isso, quando voltarmos para casa.

— Shh! — Eu silencieei os dois, recostando-me mais na minha cadeira. — Estou tentando ouvir a apresentação de Charlie.

— Por quê? Você foi o principal com quem ele praticou. Você já ouviu tudo isso antes — disse Zachary.

— Sim, e eu quero ouvir tudo de novo, então shh!

— Oh meu Deus. Charlie ainda é o seu favorito? — Zachary zombou. — Você não é legalmente obrigada por lei a mudar isso pelo menos uma vez por ano ou algo assim?

— Shh!

— Você nunca será o favorito dela. Não nesse ritmo — Benjamin provocou Zachary.

Eu me virei para ele, prontamente o calando também.

E então, ambos ficaram em silêncio enquanto Charlie continuava a fazer sua apresentação, seu rosto se iluminando com seu sorriso perfeito enquanto ele falava com confiança para a multidão.



— Charlie! Isso foi lindo, porra! — Puxei-o em meus braços, do lado de fora do bar aberto da conferência. — Oh meu Deus! Você fez tão bem!

— Você fez tudo certo. — Zachary sorriu, dando um tapinha no ombro de Charlie. — Estou brincando, cara. Você foi incrível.

— Eu nem sabia que você estava trabalhando em um aplicativo como esse. — Benjamin suspirou. — Peço desculpas por não estar muito atento quando se trata de sua vida,

Charlie. Eu apenas estive tão ocupado com o trabalho na academia...

— Ei, eu consegui o reitor de uma escola sobrenatural para aparecer na minha apresentação do aplicativo. Você não precisa se desculpar por estar ocupado. Você já me fez sentir muito especial. — Charlie riu. — Muito obrigado por ter vindo, Benjie. Seriamente.

— Legal. Então, nós temos toda a merda sentimental fora do caminho... — Zachary acenou com a cabeça em direção ao bar. — Quem quer tomar uma bebida? Benjie? Charlie? Celeste?

— Uh, sim, por favor. — Parei meu abraço com Charlie, voltando-me para o bar. — Você acha que eles fazem mimosas aqui?

— Você quer uma mimosa? — Zachary fez uma careta. — Realmente?

— O que há de errado com uma mimosa?

— Por que você pagaria a alguém dinheiro real por isso? É apenas suco

de laranja e champanhe, não é? Você pode fazer isso em casa.

— Só porque eu costumava ser um barman não significa que eu quero ficar sentada fazendo minhas próprias bebidas. — Eu zombei. — Apenas me deixe beber a mimosa!

— Bem. — Zachary se inclinou do outro lado do balcão, enquanto chamava a atenção do garçom de plantão. — Uh, sim. Oi. Podemos conseguir quatro mimosas?

— Você realmente quer mimosas? — O barman torceu o rosto. — Quero dizer, vocês poderiam fazer isso em casa. Os preços aqui são loucos.

— Veja? O que eu lhe disse. — Zachary olhou para mim.

— Oh, não se preocupe com os preços. Se você está comigo, pode beber de graça — explicou Charlie. — Uma das vantagens de ser um palestrante em uma conferência de tecnologia.

— Obrigada, Charlie. — Eu o beijei de brincadeira na bochecha, olhando de

volta para o barman. — Faça essas oito mimosas então.

— Você entendeu. — O barman piscou na minha direção, antes de começar a misturar nossas bebidas.

— Esse cara estava flertando com você? — Zachary perguntou, um olhar chocado em seu rosto. — Logo depois que você beijou Charlie na bochecha? O que, a propósito, parece um pouco como se você estivesse enganando Benjie e eu fora da nossa função.

Revirei os olhos, antes de me aproximar de Zachary, pressionando um beijo em sua bochecha. Virando-me para Benjamin, eu rapidamente o beije na bochecha também.

— Isso não era necessário, Celeste. — Benjamin sorriu.

— Isso *era* necessário, Celeste. — Zachary sorriu. — E estou pensando em solicitar por escrito que, o que você fizer com um de nós, terá que fazer com todos nós.

— Sim, eu não vou te dar isso por escrito.

— Por que não?

— Porque eu não faço acordos com o diabo. Meu pai faz pechinchas demais. — Eu ri da minha própria piada, mesmo que o resto dos rostos dos caras permanecesse completamente em branco.

— Mas é quanto a isso, vou tentar ficar de olho nas coisas e garantir que todos estejam se cansando... de mim, eu acho.

— Lembre-se, Celeste. O que quer que você faça com um de nós, você tem que fazer com todos nós — Zachary repetiu seus termos anteriores. — Contrato ou não.

— Contrato ou não. — Dei de ombros, antes que o barman voltasse com a nossa rodada de bebidas e empurrei com entusiasmo uma mimosa até a boca.

≈

— Charlie... Charlie...

— Celeste... Celeste...

Minhas pernas estavam enroladas ao redor do tronco de Charlie, quando seu pau se moveu profundamente dentro de mim. Era incrível o quão rápido passamos de zero para sessenta.

A última coisa que eu claramente me lembrei foi derrubar muitas mimosas no evento de Charlie e puxá-lo para um beijo secreto antes que os outros caras voltassem para o carro. Depois disso, todos nós voltamos para casa, em nosso apartamento muito chique na cidade, completo com bancadas em granito e mármore no banheiro.

Eu nunca poderia ter vivido em um lugar como este, todos aqueles anos atrás, antes de conhecer a academia. Eu realmente não podia me dar ao luxo de vender um rim ou dois. Charlie também não podia pagar, mas agora que estava rolando dinheiro, insistiu em financiar nossas moradias por um futuro previsível, ainda querendo contribuir para o nosso dia-a-dia.

Era doce como todos haviam caído em seus respectivos papéis nessa nossa família improvisada. Charlie era o provedor. Zachary era o protetor. Benjamin era o planejador.

Eu era o coração, aquele que parecia manter todos e tudo no ritmo. Eu nunca me imaginei tendo um relacionamento como esse, mas agora que o tinha, não poderia imaginar ter outro jeito. Eu não poderia ficar sem um dos meus rapazes, meu coração doendo com o mero pensamento de me separar deles novamente.

Porque mesmo sem a magia, mesmo sem a energia angelical em minhas veias, ainda havia algo especial entre nós. E eu preferiria morrer antes de desistir disso novamente, antes de voltar a viver por conta própria.

— O que você pensa sobre?
— Charlie sussurrou com seus olhos castanhos focados nos meus.

— Vocês. — Eu sorri para ele, enquanto colocava minhas mãos em seus ombros.

— E quanto a mim? — Ele retornou minha expressão, aumentando ligeiramente a velocidade de seus quadris, empurrando-se ainda mais fundo dentro da minha buceta.

— Eu... foda-se... — Eu não consegui expressar nenhuma palavra. Assim que fechei meus olhos, meu corpo se elevou a um estado de pura felicidade. — Foda-se, Charlie... exatamente assim... exatamente assim...

Eu gemi descaradamente, moendo meus quadris em direção a ele, sentindo-me à beira de procurá-lo. Eventualmente, eu derramei sobre a borda, minha buceta apertou em torno de seu eixo enquanto eu tremia contra os lençóis.

Mas antes que eu tivesse um momento para aproveitar meu brilho pós-orgásmico, outro pau me encheu até a borda. Abri uma pálpebra e vi Zachary em cima de mim, com um sorriso no rosto.

Eu também notei Charlie descansando ao meu lado na cama enquanto ele ofegava.

Eu não podia fingir que não estava excitada por Zachary dentro de mim. Minha buceta ficou mais molhada para ele com cada um de seus impulsos. Ele gentilmente me agarrou pelos pulsos, mantendo-me preso à cama enquanto ele continuava deslizando seu pau dentro de mim, certificando-se de que eu sentiria cada centímetro.

— O que você faz com um de nós, você tem que fazer com todos nós — disse Zachary, seus quadris ainda se movendo contra mim. — Ou você já esqueceu o nosso pequeno contrato verbal?

— Eu não esqueci. — Eu olhei para Zachary, mesmo quando minhas coxas começaram a tremer contra seu corpo. — Mas eu não tenho ideia de por que você ainda fica com ciúmes. Você sabe que eu também te amo, não é,

Zach? Isso não é uma competição. Não há como vencer.

— O que? Eu não sou ciumento.
— Zachary parecia confuso. — Celeste, eu estou apaixonado por você. Eu sempre quero te beijar. Eu sempre quero tocar em você. E quando vejo Charlie e Benjie fazendo isso, isso me lembra que eu quero fazer isso dez vezes.

— Oh... isso é... realmente... doce...
— Minhas palavras saíram separadas pelos meus gemidos, o impulso de Zachary começou a bater a cabeceira contra a parede do quarto. — Desculpe... por... pular... para... conclusões... foder...

Eu gozei no pau de Zachary quase assim que terminei de falar. E eu poderia dizer que ele tinha gozado dentro de mim também, seus quadris pararam por apenas alguns segundos antes de rolar para o outro lado de mim.

E, novamente, eu não tive nem um momento para apreciar toda a extensão do meu orgasmo, não antes que o pau

de Benjamin estivesse pressionando dentro de mim. Mesmo que não tenha me dado muito tempo para recuperar o fôlego entre as sessões, eu adorava ser fodida assim, tomada pelos meus homens, um após o outro. Isso me fez sentir tão conectada a eles, tão completamente em paz em nosso relacionamento compartilhado.

Claro, Benjamin não tinha interesse em me segurar pelos pulsos. Em vez disso, ele levantou minha camisa, sua boca logo encontrou um dos meus mamilos, e então sua língua começou a dobrar contra ele, combinando com a mesma velocidade que seu eixo empurrando em minha buceta molhada.

Eu estava perfeitamente impotente contra todo o prazer que Benjamin estava me causando, meus gemidos se transformaram em gemidos e gemidos desesperados. Eu balancei contra ele com força e em resposta senti uma das mãos dele deslizar entre as minhas coxas, começando a brincar

suavemente com meu clitóris latejante enquanto ele continuava a me foder e chupar meu peito com a boca.

Não demorou muito para eu gozar para Benjamin também, minha buceta parecendo explodir em torno de seu pau, as sensações agradáveis que ele me deu estavam se tornando demais para suportar. E com isso, terminei a noite, sentindo meu corpo um pouco dolorido e um pouco usado, mas da melhor maneira possível.

Eu me acomodei no meio da minha cama, enquanto meus homens se encaixavam ao meu redor, cada um deles com seus respectivos pontos em cima do colchão que Zachary gostava de dormir o mais longe de mim, mas o mais próximo da porta, apenas no caso de termos um intruso durante a noite. Benjamin gostava de dormir entre Zachary e eu, servindo como a próxima barreira no caso de algo acontecer em nossa casa.

Charlie gostava de dormir atrás de mim com o braço em volta da minha

cintura. Isso me lembrou que ele estava sempre lá para mim e nunca iria sair do meu lado.

Não importa o que.

Nós nos acomodamos na cama e eu deixei a sensação de cansaço que pesava em minhas coxas e braços me levar a dormir.



— *Você deveria parar de beber.*

Acordei dentro de uma caverna escura, sem nenhum sinal de luz ou vida em lugar algum. Olhei rapidamente ao redor, tentando descobrir se havia uma maneira de escapar e como seria possível para eu sair dessa situação nos próximos cinco minutos.

Arma.

Eu precisava de uma arma.

— *Você me ouviu?*

— *Trinity? — Parecia a voz dela, mas não fazia sentido.*

Como ela estava aqui? Está falando comigo agora?

Onde diabos estávamos, afinal?

— Trinity, onde estamos?

— Não perca seu tempo fazendo perguntas que você sabe que eu não posso lhe dar a resposta. — Trinity suspirou. — Mas você realmente deveria parar de beber. Não vou culpá-la por não saber no passado, mas agora você foi oficialmente iluminada.

— Do que você está falando?

— Você tem um herdeiro se formando dentro de você. — Trinity riu levemente. — O que faria sentido, visto que você tem tantos pretendentes na superfície. Importa para eles quem é o pai biológico?

— Não — respondi. — Nós conversamos sobre isso há muito tempo. Se eu acabasse com uma criança, criaríamos a criança em família. Sem perguntas.

— Isso é maravilhoso — disse Trinity. — É realmente admirável a maneira como vocês conseguiram se

recuperar dessa adversidade. É como se você tivesse sido esmagada pela vida e se transformado em diamantes. Benjamin foi promovido a reitor da academia, anos após a trágica morte de seu pai. Zachary vindo para a escola como nada mais que um bastardo que era bom em usar os punhos e agora ele é o chefe do programa de treinamento de armas. E Charlie...

Trinity fez uma pausa antes de continuar. — Bem, Charlie está vivendo o sonho americano, não é? Ele é fabulosamente rico com uma mulher bonita no braço.

— Por que você me chamou aqui, Trinity? Ou invadir meus sonhos? Ou, no entanto, que porra você está falando comigo agora. Mais uma vez tentei olhar ao redor da caverna, mas não havia luz suficiente para ver.

— Você não está em casa há meses.

— Eu estive ocupada.

— Ocupada?

— Sim. Tirei uma página do seu livro, irmã. Aquele sobre tentar ser boa e fazer

mudanças para melhor - ela respondeu. — Desde que me senti responsável por lançar os Príncipes do Inferno na superfície, senti como se fosse apenas correto fazer parte do trabalho de limpeza também.

— Trabalho de limpeza? Como o quê?

— Havia planos em andamento, antes que você enfraquecesse Abaddon — respondeu Trinity. — Planos que incluíam ele levantando um exército inteiro de demônios, comandando-os à vontade. Eu os localizei, um por um, cortando o problema pela raiz antes que ele visse a luz do dia.

— Isso é... realmente admirável da sua parte, Trinity. — Eu sorri, embora ela não pudesse ver a expressão no meu rosto. — Merda. Eu estava preocupada que você ainda estivesse presa no fundo daquele buraco.

Trinity riu. — Não. Consegui sair daquele buraco, literal e emocionalmente. Eu não diria que sou a mesma pessoa que era há cinco anos. Você iria?

— Não. Claro que não — respondi. — Meu mundo inteiro estava virado de cabeça para baixo. Quero dizer, foda-se. Eu era a rainha do inferno. Não achei que voltaria à superfície.

— Sim. A superfície. — As palavras de Trinity soaram pesadas, como se algo estivesse em sua mente. — Você deve voltar antes que nosso pai possa nos rastrear.

— Espera. Por que você não quer voltar para casa?

— Eu vou, assim que terminar meu trabalho. Eu prometo.

— Tem certeza de que não quer ajuda? — Eu ofereci no escuro. — Nós poderíamos ajudá-la a obter o que você precisa, ajudá-la a obter informações sobre qualquer demônio...

— Não irmã. Há algumas coisas que devemos fazer sozinhas. Você deveria saber disso agora, melhor do que qualquer outra pessoa.

— Eu faço. — Eu assenti. — Mas apenas... deixe-me saber se você precisar da minha ajuda, Trinity.

— Claro. — Trinity tossiu suavemente antes de falar novamente. — E, só para acalmar sua mente, eu apenas a convoquei aqui para ter certeza de que você estava ciente dos planos arruinados de Abaddon e que você e os homens que ama estavam prontos. Até onde eu sei, nenhum dos seus demônios restantes está tentando encenar um ataque, mas se o fizerem ...

— Estaremos prontos para eles. — Determinação soou forte na minha voz. — Não vamos deixar nada acontecer com a academia, Trinity. Nunca mais.

— Bom — disse Trinity. — Porque pode haver outro momento em que você terá que protegê-lo com tudo o que tem.

Quando Trinity disse a frase, meus pensamentos foram para — tudo o que eu tinha.

Benjamin Nash. Zachary Lancaster. Charlie Collins.

Os amores da minha vida. Os homens que mudaram meu mundo inteiro para melhor.

Para sempre.

Os mesmos homens que lutavam ao meu lado, apenas para me manter a salvo.

E agora? Herdeiro de todo esse amor, criar e manter-se seguro e treinar como parte da próxima geração de nossa família única.

E mais uma vez sorri para mim mesma, antes de lhe dar minha resposta. — Eu cuidarei disso. Não se preocupe.

Mais tarde, quando eu me arrastei para a cama enorme e Charlie se acomodou contra mim, sua mão flutuou protetoramente no meu abdômen ainda plano. Eu devo ter feito uma careta, porque os olhos de Benjamin se abriram mais do que eu já vi.

— Você está... — ele murmurou silenciosamente. Como ele sabia? Porque ele era meu Benjie. Ele sempre soube o que estava acontecendo no meu coração, minha mente, meu corpo.

Sua mão voou para a boca, puxando Zachary protetor para rolar enquanto exigia: — O quê?

Charlie mal estava acordado, mas ele se inclinou para frente nos meus olhos, seu rosto franzido dessa maneira familiar. — O que foi Celeste?

Eu tentei falar, limpei minha garganta. Falei de novo.

— Charlie, Zachary, Benjamin. Você se lembra da discussão que tivemos anos atrás de que, se eu fizesse uma criança, nós a criaríamos como família...?

Eu não termino.

Charlie passou os braços em volta de mim com força, beijando minha orelha e pescoço e sussurrando que eu sou a mulher mais bonita que ele já viu. Benjamin rolou para o meu outro lado, beijou gentilmente minha bochecha e deslizou uma mão possessiva pelo meu corpo.

Zachary levantou-se, andou de um lado para o outro e, quando chegou perto de mim, ficou um pouco hesitante. Mas

então ele se abaixa e pega minha mão, apertando-a com força e ainda a segurando gentilmente. De repente, ele leva as mãos aos lábios sem nunca quebrar o contato visual.

— Nós vamos ser a melhor família que qualquer criança poderia querer — declarou Zachary ferozmente, emoção e um instinto protetor em guerra em sua voz.

Benjamin acaricia a mão ao longo do meu corpo. — Ele ou ela terão a mãe mais perfeita e três pais totalmente dedicados, para ajudá-los a se tornar uma pessoa incrível.

E Charlie, cujos olhos de repente pareciam enevoados. Ele me beijou e quando saiu para respirar, me deixou desesperada por mais sussurro: — Eu não achava que poderia te amar mais do que ontem Celeste. Você me impressiona.

Meu coração está tão cheio de alegria que pode explodir. Essa coisa de família? Vai ser ótimo.

RILEY
LONDON

ANGEL
ACADEMY

E sobre a outra coisa que Trinity disse? Sim? Bem, esses demônios não terão chance na porra do inferno.

Fim

INTO THE
LIGHT